

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Daniel Filipe Moraes

**DESTERRITORIALIZAÇÃO DA CARNE: CARTOGRAFIAS
DAS EMOÇÕES QUE EFETUAM CORPOS TRAVESTIS NO
CENTRO DE SÃO PAULO**

São Paulo
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Daniel Filipe Moraes

**DESTERRITORIALIZAÇÃO DA CARNE: CARTOGRAFIAS
DAS EMOÇÕES QUE EFETUAM CORPOS TRAVESTIS NO
CENTRO DE SÃO PAULO**

Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de mestre em Saúde Coletiva. Área de concentração: Ciência Sociais e Humanas em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira.

São Paulo
2019

Moraes, Daniel Filipe

Desterritorialização da carne: cartografias das emoções que efetuam corpos travestis no centro de São Paulo/ Daniel Filipe Moraes. -- São Paulo, 2019.

VII, 127 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Desterritorialization of the flesh: cartographies of the emotions that effectuate travestis bodies in São Paulo's downtown.

1. Identidade de Gênero 2. Emoções 3. Gênero e Saúde 4. Pessoas Transgêneros 5. Acolhimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Coordenador: Profa. Dra. Zila van der Meer Sanchez

Vice coordenador: Profa. Dra. Denise Martin

Daniel Filipe Moraes

Desterritorialização da Carne: cartografias das emoções que efetuam
corpos travestis no centro de São Paulo

Presidente da Banca:

Profª Drª: _____

Banca Examinadora:

Profª Drª: _____

Profª Drª: _____

Profª Drª: _____

RESUMO

Esta dissertação acompanha as experiências que se iniciaram a partir dos meus encontros com travestis e mulheres transexuais em situação de rua. Em 2016 fui contratado como psicólogo para atuar na Casa Florescer, um Centro de Acolhida destinado ao acolhimento dessa população. O objetivo principal deste trabalho foi acompanhar os afetos que nos encontros possibilitaram o engendramento de novas realidades, como o desejo forja novas corporalidades e movimenta o sócios para a criação de novas compreensões (melhorar) criaram planos de imanência para novas corporalidades. A metodologia empregada foi a cartografia, a qual me permitiu traçar as linhas que acompanha o processo de construção da Casa Florescer, descrevendo e analisando os efeitos dos encontros que potencializaram as criações, entre as travestis e mulheres transexuais. Como forma de visibilizar as narrativas, os discursos, os sentidos e significados vividos pelas pessoas, entrevistei duas colaboradoras. Como a emoção pode mover o corpo para criar canais de expressão na matéria? Que outros corpos são estes? Por quais caminhos eles se materializam? O corpo habita o ilocalizável e aguça sua sensibilidade a partir de um próprio fator de a(fe)tivação. A potência de afetar e ser afetado produz movimento de repulsa e atração, os corpos vão ensaiando posições e sons que deem canal para os afetos ganharem expressão material. Emoção tem estreita ligação com o grupo (motus) moção – mobilidade. E-movere significa pôr em movimento, colocar-se para fora de si. Compreende-se, então, emoção não como passividade, mas como movimento de diferenciação, que se conecta com o plano de forças afetivas. Uma das entrevistadas, Evellyn, manifesta esse movimento de diferenciação no encontro entre corpos. Ela não se hormonizava, não tinha silicone e tampouco se apresentava com roupas que a sociedade prescreve como femininas. Os encontros com ela me levaram a outro campo de experimentações, um no qual os olhos não importavam a não ser em suas qualidades de irradiação de forças que compunham com as minhas, construindo plano de imanência para incorporação de novas corporalidades. Em uma tarde do projeto cineclube 7 cores, conheci Lívia. Ela se experimentava perucas e vestidos e aquilo a fazia vibrar, seus olhos brilhavam ao tempo que seu gênero ia “pegando” na carne. Thaíz Azevedo elabora sobre um corpo que não se encerra na carne, pois escorre para fora com os reflexos dos “trejeitos”, a fazendo escapar das inteligibilidades. Ela compreende que sempre foi mulher a partir de suas emoções, toma seu corpo como uma tela para expressar suas emoções. Samanta, com suas cores e vibrações rítmicas, provocava flutuações na densidade atmosférica, me transportando para fora do meu eu. Ela estava espalhada por todo o centro de acolhida, podia sentir seu corpo escorregar entre as pinturas, deixando rastros do que passou. Os retalhos agenciavam outros corpos inaudíveis. São as sutilezas dos desvios que produzem novos corpos em diálogo. Um canal de inteligibilidade para gêneros outros é performado na

emoção que engendra um plano de imanência para se materializar, move o próprio corpo para outras corporalidades, sensibilidades e experimentações.

ABSTRACT

This dissertation describes the experience that began starting at the encounter with *travestis* and trans women in street situation. I was hired as a psychologist at “Casa Florescer”, an equipment dedicated to shelter this population. The main objective is to cartography the affections that are produced during these encounters and how they make the body escape from the rigid lines that conserve genders. The method of this cartography has allowed me to trace lines to create a map that followed the invented subjectivity movements in the encounters. As a way to give visibility to narratives, speeches, meanings and significances lived, I interviewed two contributors. How can the emotion move the body in order to create expression channels into matter? What other bodies are these? In which ways do they embody into matter? The body inhabits the unlocatable and whets its sensibility coming from a self-factor of a(ffe)ctivation. The potency of affecting and being affected produces repulse and attraction movements, in which these bodies experiment positions and sounds that give these affections channel to embody a material expression. Emotion has a strict bond with the group (*motus*) motion – mobility. *E-movere* means to put into motion, to expropriate itself. It comprehends, then, emotion, not as passiveness, but as differentiation movement, that connects with the planes of affective forces. Evellyn manifests this differentiation movement in the encounter of bodies, she didn’t hormone herself, nor did she have any silicone prosthesis and not even wear clothes that society describes as feminine. The encounters with Evellyn took me to another experimentation field, eyes didn’t matter much other than her qualities of irradiation and of forces that composed with mine, constructing a plane of immanence to embody new corporealities. At a certain evening at the “CineClube 7 Cores” I met Livia. She would experiment herself with wigs and dresses, in which all that made her vibrate, her eyes sparkled at the same time her gender was embodying in her flesh. Thaís elaborates over a body that doesn’t enclose itself in the flesh, for it flows out with her gesture reflections, making her escape from the social intelligibilities. She comprehends from her emotions that she was always a woman, so she takes her body as screen to embody these motions. Samanta, with all her colors and rhythmic vibrations, created fluctuations in the density of the atmosphere, transporting me out of my own self. She was spread out everywhere at the shelter, I could feel her body slipping in between the paintings, leaving traces of what past through. Her woven produced other inaudible bodies. It’s the subtlety of deviations that produces new bodies in dialog. A channel of intelligibility for other genders is performed in the emotion

that engenders a plane of immanence to be materialized, moves the proper body towards other corporealities, sensibilities and experimentations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 INCONSCIENTE MAQUÍNICO: USINA DE DESEJOS	17
2.2 CORPO SEM ÓRGÃOS: CORPO DAS INTENSIDADES	19
2.3 RIZOMA – FLUXOS DE ACONTECIMENTOS E SEGMENTARIDADES	22
2.4 DEVIR PARA EXPERIMENTAÇÃO DA VIDA	24
2.5 EMOÇÕES CRIADORAS DE MUNDOS	26
2.6 CORPO-VIBRÁTIL DE SUELI ROLNIK	32
2.7 GÊNERO UMA CATEGORIA SOCIAL	35
3. METODO	41
3.1 CARTOGRAFIA: DESENHANDO MAPAS	42
4. APRESENTAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
4.1 FLORESCE UMA CASA NO CENTRO DE SÃO PAULO	47
4.2 CONSTRUINDO PONTES: PRODUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	74
REFERÊNCIAS	119

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um caminho para descrever, narrar e mapear uma experiência que se iniciou a partir dos meus encontros com travestis e mulheres transexuais em situação de rua. A história começa em 2015, quando estagiava em dois serviços que atendiam a população LGBT, nos quais deparei-me com situações inusitadas que se chocavam em meus poros, fazendo fluir frequências inaudíveis, que pediam canal para ganharem força. Aos poucos naveguei entre os afetos que me chegavam, então não importava mais o que era o que, mas tão somente mergulhar nos encontros. Meu mundo não dava conta de interpretar o que me chegava, então meu corpo apenas sentia algo se movimentando.

Ainda no início de 2015, quando estava em uma sala do Núcleo de Combate à Discriminação, conheci Evellyn, uma travesti que buscava atendimento e apresentava algumas reclamações. Ela queixava-se que alguns serviços não respeitavam sua identidade de gênero, não acreditavam que ela fosse travesti, e diziam que ela não se expressava de maneira feminina.

Mas o que é Travesti? O que é “expressar” feminilidade? Ela não se hormonizava, não tinha silicone e tampouco se apresentava com roupas que a sociedade entende como femininas. Ela não estava no armário. Pelo contrário, assumia: “sou Travesti”, mas o fazia por outros caminhos.

Outros encontros com travestis me trouxeram diferentes aprendizados. Com as travestis do Fórum Paulista de Travestis e Mulheres Transexuais, aprendi que a autoderminação é o que valida a identidade de gênero da pessoa. Porém, para além disso, notava que elas tinham uma performance que acompanhava suas identidades. Mas a autodeterminação de Evellyn não acompanhava uma tal performance.

Evellyn não se colocava de outra maneira, que não fosse travesti. De fato, quando decidi abandonar a imagem visual que meu olho enxergava, era como se experimentasse a pura diluição do meu eu. A partir desse ponto só era possível receber notas e frequências amorfas aos meus olhos, mas meu corpo se movia entre essas vibrações e podia “ver” por outros canais.

Quando me desprendi de mim, dos pensamentos e significados que aprisionavam minhas possibilidades de “ver”, uma moção protuberou em mim e nela, que trazia outras nuances de sua corporalidade. Me movi com Evelyn e já era nítida a passagem de outro corpo. Algo aconteceu naquele encontro, provocando micro rachaduras em minhas percepções, nada mais do que eu via importava, eu e Evelyn caminhávamos por um campo de forças que produzia outras corporalidades. Mas como a emoção movia meu corpo entre outras impressões?

Foi importante eu me desligar por alguns instantes do social, daquilo que dá forma, do que categoriza e inscreve-se sobre nosso corpo, para ser passagem dessas forças e vibrações. Onde o gênero se inventa? Para além das regras sociais que condicionam o corpo, como ele se descola dos códigos para se (re)encarnar?

Conheci Livia em uma tarde do projeto CineClube 7 Cores. Ela se experimentava com perucas e vestidos e aquilo a fazia vibrar, seus olhos brilhavam ao tempo que seu gênero ia “pegando” na carne. Isso era visível, mas o que a impulsionava para isso? O que movia seu corpo a ir se enganchando entre perucas e vestidos?

Deixei o CineClube no final de 2015 e em 2016 fui contratado como psicólogo para atuar na Casa Florescer, um equipamento municipal destinado ao acolhimento de travestis e mulheres transexuais em situação de rua. Já havia aprendido com a Aline, travesti que trabalhava no Centro de Cidadania LGBT, que “ser travesti custa caro”, mas as moradoras do Florescer careciam de renda, então encontravam diferentes formas e recursos para se fazerem. Negociavam as pronúncias e as formas de significação entre elas. Isso me instigou. Como se desmanchavam certos códigos para se transformarem outros?

Ianca era uma das moradoras mais jovens. Quando chegou à casa, foi recebida por Dani Roma, uma moradora mais velha que já havia se bombado com silicone industrial e viajado para Europa, trazia uma vasta experiência desses trânsitos. Para Dani Roma, Ianca não era travesti, pois, ao seu ver, o processo de se “assumir” envolvia a construção do corpo com próteses e

hormônios. Fato era que lanca desejava esta experiência, mas, devido a condições de saúde, não havia realizado nenhum procedimento.

lanca se opunha às formas como Dani Roma a identificava e encarnava uma Travesti, da maneira que estava, sem ter realizado nenhuma modificação. Dani foi convidada a compreender em seu mundo outras intensidades e outros corpos que faziam travestis.

Thaíz Azevedo elabora sobre um corpo que não se encerra na carne, pois escorre para fora com os reflexos dos “trejeitos” que faziam escapar seu gênero, afetava os meninos que a recebiam diferente. Ela compreende que sempre foi mulher a partir de suas emoções e isso movia seu corpo, como tela que ia pintando reflexos da mulher que havia nela.

Como a emoção pode movê-la para dar canais de expressividade na matéria? Que outros corpos são estes? Por quais caminhos eles se materializam?

Movido por essas indagações e mais todas as outras que apresentei até aqui, fui me encontrando com textos de Deleuze e Guattari nas elaborações sobre o inconsciente maquínico que cria enquanto expande seus agenciamentos, fazendo correr fluxos de forças e intensidades por dentro do corpo e para fora da pele. O platô dessas intensidades desmancha a organização do corpo, fazendo-o experimentar um estado puramente intensivo. Mas como experimentar estas zonas de intensidade?

Sueli Rolnik (2006) elabora acerca de uma capacidade de nosso corpo de vibrar e captar frequências e intensidades. Para a autora, o corpo-vibrátil é aquele que sente a latitude dos afetos por viver intensivamente a potência de afetar e ser afetado. O corpo habita o ilocalizável e aguça sua sensibilidade a partir de um próprio fator de a(fe)tivação. A partir de então, os corpos ensaiam posições e sons que dão canal para matérias de expressão. Nas captações dos movimentos do desejo há produção do real social. O corpo vibrátil contrapõe-se à densidade planar, à solidez, à dicotomia dentro/fora. Ele é aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora, sendo o dentro uma combinação fugaz do fora.

Se trata de uma capacidade de cambiarmos densidades em uma tremulação contínua.

Onde está esse movimento do desejo? Como ele cria o real social? Natalie Depraz (2012) retoma as bases etimológicas da emoção, para compreender esse movimento criador. Emoção tem estreita ligação com o grupo (motus) moção – mobilidade. E-movere significa pôr em movimento, origina-se no vocábulo ex-movere, mover, colocar-se para fora de si. a especificidade do fenômeno da emoção está num tipo singular de “pôr em movimento”, enfrentamos um tipo de mobilidade quando experienciamos emoção. Aquilo que me chega, me afeta, factualmente, com um impulso me coloca para fora de mim, o que eu sou (ou suporte), traduz a disposição de lançar-me para fora de mim, com receptividade. Para isso, é necessária a articulação entre o fisiológico – o corpo – e o psíquico – a alma – daqueles que experienciam este estado.

Compreende-se, então, emoção não como passividade, mas como movimento de diferenciação, que se conecta com o plano de forças afetivas. A cognição se dá por um engendramento eu-mundo. Emoção e cognição, embora sejam unidas, podem apresentar-se separadamente, quando estão desconectadas do plano afetivo e criador (KASTRUP; ROCHA, 2009).

Se as normas sociais padronizam os corpos, como eles se descolam delas para se criarem? Emoção cria Travesti? Como a emoção move criações de gênero? Como esse corpo se inventa e reinventa por meio dos afetos que são produzidos ao encontrar com outros corpos dessa cidade? Estas questões constituem meu campo de problematização e para responde-las, acompanharei a experiência trilhada no processo de construção da Casa Florescer.

O objetivo central desta dissertação foi acompanhar os movimentos dos afetos nos encontros que criaram planos de imanência para novas corporalidades. O método da cartografia me permitiu traçar as linhas que deram origem às inquietações aqui apresentadas e traçar um mapa que acompanha o processo de criação da Casa Florescer.

A seguir, teço o referencial teórico que acompanhou minhas (re)experimentações da experiência enquanto escrevia. Procurei pistas em

Deleuze e Guattari sobre o movimento do desejo que passava-se em mim e fazia tudo desmanchar. Em Sueli Rolnik me aproximei do *corpo-vibrátil* para sentir fluir as intensidades. Deixei meu corpo vibrar para encontrar as forças de novas corporalidades. Vou tecendo os efeitos dos encontros que potencializaram as criações, entre as travestis e mulheres transexuais, procurando rearranjar as formas, letras e sons para tentar dar forma as experiencia que vivi.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2. REVISÃO DA LITERATURA

Guilles Deleuze e Félix Guattari se encontraram após o maio de 68 francês. Deleuze foi o único professor do departamento de filosofia de Lyon que apoiou publicamente o evento. Enquanto Guattari tomava a rua com os pacientes da clínica *La Borde*, onde trabalhava junto com o psiquiatra Muiard, que era entusiasta dos textos de Deleuze, por isso o havia conhecido um ano atrás.

Em 1969, Muiard os apresentou e um verdadeiro abalo sísmico ocorreu. Guattari era a colina rígida, que se viu no encontro com Deleuze um mar com ondas intensas. Um mais acadêmico outro mais militante. As ruas e a academia se encontravam, enquanto eles elaboravam sobre maio de 68 nos encontros. Se afetaram pelas novas sensibilidades no encontro entre as múltiplas lutas culturais, proletárias, estudantis, antimanicomiais, feministas, raciais, e pela liberdade sexual.

A dupla, instigada a pensar sobre “o que se passou” neste momento histórico, constroem sua primeira obra conjunta *Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (ANO). Os autores refletem sobre a psicanálise estruturalista, sobretudo lacaniana, e elaboraram um conjunto de críticas que começa a traçar outra forma de conceber o inconsciente (ics). Ele deixa de ser teatro que se representa como unidade original ou substância totalizante para ser usina de desejos, que não refere a falta, mas são a própria produção do real, incorporada na materialidade. O Subtítulo do livro refere-se à preocupação dos autores com o sistema capitalista, como forma de explorar e colonizar o desejo.

Como criar para si uma vida intensa? Para os autores, o inconsciente funciona em toda parte, o desejo é causa de realidade. Somos “bricoleurs”, dotados de um estoque de coisas que se ligam fora de contexto a diferentes coisas e podem funcionar de múltiplas formas, coexistir, segundo a intensidade do desejo. Como uma crítica ao estruturalismo lacaniano da década de 1960, os autores introduzem o conceito de máquina desejante. Tudo é máquina! “Há tão somente máquinas, em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de

máquinas com seus acoplamentos, suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.7).

2.1 INCONSCIENTE MAQUÍNICO: USINA DE DESEJOS

“O que define precisamente as máquinas desejantes é o seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções.”

Deleuze & Guattari (2001, p.514)

Para Deleuze e Guattari (2001), Tudo é máquina, há máquinas sociais, máquinas não-humanas, máquinas celestes, as máquinas se ligam umas às outras em contínuos de agenciamentos, então corre fluxo na vizinhança. As máquinas se ligam a medida que cortam um fluxo emitido por outra máquina, esse acoplamento entre as máquinas criam fluxo de passagem, uma máquina emite um fluxo que é cortado pelas máquinas que se acoplam a máquina anterior, os cortes permitem a extração do fluxo e o fazem correr e se expandir em conexões maquínicas. Deleuze e Guattari (2001) pensam máquinas como realidades que produzem, elas têm materialidade no real. Cada parte é uma máquina. Desejo e produção acontecem ao mesmo tempo, neste sentido, desejo é produção de realidades, mas as máquinas desejantes não se comunicam com o ideal de intencionalidade de mundo, antes disso, funcionam por intensidades e forças, com isso, fluxos se acoplam as máquinas, ao mesmo tempo que operam um corte, que extrai energia. As máquinas funcionam por regime associativo e regra binária, sempre uma máquina acoplada a outra. O desejo não cessa os contínuos fluxos de acoplamento de objetos parciais, fragmentários e fragmentados (DELEUZE; GUATTARI, 2001).

Neste sentido, os autores se aproximam da concepção de objeto parcial, elaborada por Melanie Klein para explicar a relação da criança na posição esquizo-paranoide, que não compreende o outro como totalidade, mas como realidade fragmentada, porém Klein preserva a noção de um todo perdido, originário, já para Deleuze e Guattari, fragmentos não possuem horizonte de

totalização, eles se acoplam dando lugar a individuações iintensivas “Todo ‘objeto’ supõe a continuidade de um fluxo, e todo fluxo supõe a fragmentação do objeto” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.13). Para os autores As máquinas-órgãos interpretaram o mundo de acordo com seus próprios fluxos, mas conexões transversais são estabelecidas, “em que a primeira corta o fluxo da outra e vê seu fluxo ser cortado pela outra” (ibidem, p.13). Assim elas vão se compondo e formando sínteses.

A primeira, a síntese conectiva ou produção de produção, funciona por acoplamento, objeto parcial-fluxo, e também pela forma “produto-produzir”. O produzir está no produto, por isso produção desejante é produção de produção. “A regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto, é a característica das máquinas desejantes, ou da produção primária: produção de produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p.13). As partes resistem a qualquer totalização, tem a capacidade de introduzir fragmentações novas, de onde decorre a indiferença do produzir e do produto.

As formas de produção social implicam um elemento de antiprodução conectado ao processo, se assentam sobre ele e constitui uma superfície em que se distribuem as forças e agentes de produção, de tal forma que se apropriam do sobreproduto e atribuem a si as partes e o conjunto do processo. “O sócios como corpo pleno forma uma superfície na qual toda produção se registra e parece emanar da superfície de registro” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p21). O investimento social na produção edipiana rebaixa as zonas intensivas da vida, transformando-a em intencional. A sociedade delira ao registrar o processo de produção.

A segunda síntese é a disjuntiva, ou produção de registro. Não se registra a produção tal como ela é, no movimento de reprodução objetiva, ela não se produz tal como foi sua constituição. A lei desta síntese é diferente do acoplamento, ela recobre o processo de produção e se prolonga como procedimento de inscrição. Uma parte da energia gerada na produção se transforma em energia de inscrição disjuntiva: ou é isso, ou é aquilo (DELEUZE; GUATTARI, 2001)

A terceira é a síntese conjuntiva, ou produção de consumo. O registro se assenta sobre a produção, mas a produção de registro é ela mesma produção de produção. Da mesma forma que o consumo é posterior ao registro, mas a produção de consumo se produz pela e na produção de registro. É neste ponto que algo da ordem de um sujeito ocorre, sem identidade fixa, sujeito erra ao lado das máquinas desejanter, é definido pela parte que toma do produto “Então sou eu, então é a mim”, como disjunções de uma superfície de registro (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p. 30).

O sujeito é um resto de toda maquinação “o próprio sujeito não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrado, concluído pelos estados pelos quais passa” (p.28). Então o sujeito se reconcilia com a máquina, consumindo o efeito de si próprio, aparece então um sujeito residual destas processualidades (DELEUZE; GUATTARI, 2001).

2.2 CORPO SEM ÓRGÃOS: CORPO DAS INTENSIDADES

“Eu crio um corpo que não perde o devir, um corpo em acontecimento, que é condição de si próprio. Os órgãos se tornam meios de mim mesmo. Abrir as portas do corpo para a vida potente e fechar para as armadilhas” – Luiz Fuganti

As máquinas desejanter organizam o corpo continuamente “Tudo para um momento, tudo se coagula (depois, tudo recomeçará)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20). Os fluxos de energia irrompem das máquinas, ligando-nos como organismo, porém, junto dessa produção, o corpo sofre por estar assim organizado. “Mas um puro fluído, em estado livre e sem cortes, está em vias de deslizar sobre um corpo pleno” (ibidem, p.20). Contudo, o que seria, então, um Corpo Pleno? Os autores explicam que este é o Corpo Sem Órgãos (CsO), um corpo inconsumível, inengendrável, improdutivo, corpo das intensidades. É antes de tudo uma prática de experimentação em vez de, necessariamente, um conceito bem definido.

Como vimos anteriormente, na síntese conectiva o desejo se liga aos objetos fragmentados, por fluxos que os agencia e se registram sobre o CsO. Então o CsO se move pelas conexões, é o plano de consistência do desejo. O plano de consistência é o espaço por onde as intensidades se movem, “envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez, somente seus próprios componentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p.51).

Os conceitos são os agenciamentos que configuram uma máquina, e o plano de consistência é uma máquina abstrata que agencia peças, é o horizonte em que se efetua os acontecimentos como conceitos independentes. É no plano de consistência que os conceitos se ajustam e realizam conexões crescentes, por sua vez, os conceitos assegurarão o povoamento do plano que não excede os espaços que os conceitos ocupam (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

O Corpo sem Órgãos sente como invasão os agenciamentos do desejo que o organiza e se acopla à produção como antiprodução. Há, então, um processo de repulsão das máquinas desejantes pelo CsO. Ele se apropria das forças produtivas existentes nas forças de atração e repulsão, que produzem intensidades e o preenchem em graus diversos. Ele não é contrário aos órgãos, mas a organização dos órgãos em organismo, pois este último estratifica e sedimenta o CsO, lhe impondo “formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20). A estratificação retira o corpo da imanência, submete-o ao juízo.

Os autores apontam para três estratos do sócios que amarram-se ao corpo e opera: organismo, significância e subjetivação. Corpo é organizado em ângulos de significância e interpretação de si e do mundo, torna-se sujeito. Porém há um campo de consistência no qual um CsO se desenrola das estratificações e se abre à experimentação, arranca a consciência do sujeito e o inconsciente da representação Vive-se intensivamente, mas com prudência (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

É preciso reservar uma parcela das estratificações para que ele se recomponha em relação a elas e as oponha em relação ao seu próprio sistema.

O CsO não atinge a desestratificação plena, pois isso seria o seu fim. Ele está sempre oscilando entre as superfícies que o estratificam e o plano que o libera (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

A partir da relação meticulosa com os estratos que é possível liberar as linhas de fuga, que faz passar e fugir os fluxos conjugados e desprendem intensidades contínuas para um CsO. Este remete as conexões corpóreas em um limite imanente do desejo, que oscila delicadamente nos estratos, fazendo os agenciamentos passarem para o plano de consistência. Então um CsO aparece como ele é, “conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

O corpo sem órgãos é um lugar de potencialidade que as intensidades povoam, ele as produz e as distribui. CsO é matéria que ocupará o espaço no grau que corresponde às intensidades produzidas, é um plano em que se agencia elementos, por isso, é necessariamente Coletivo. Não há “meu” Corpo sem Órgãos, mas tão somente “eu” sobre ele, corpos intercambiáveis, ansiando coisas, animais, potências, fragmentos (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Assim sendo, CsO preenche-se e cria seu campo de imanência. a partir dos agenciamentos de desejos, flui nas intensidades que diluem um “eu” e um “outro”, não há “interior” ou “exterior” mas tão somente um plano de imanências, na qual eles se fundiram: “é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16).

Os corpos antes estratificados e desprovidos de potencialidades, podem operar em uma máquina abstrata capaz de ramificar os agenciamentos no desejo, fazendo-os assumirem efetivamente os desejos com conexões contínuas e transversais (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.27): “A identidade dos efeitos, a continuidade dos gêneros, o conjunto de todos os CsO não podem ser obtidos sobre o plano e consistência senão por intermédio de uma máquina abstrata, capaz de cobrí-lo e mesmo traçá-lo, de agenciamentos capazes de se ramificarem no desejo, de assumirem efetivamente os desejos, de assegurar suas conexões contínuas, suas ligações transversais”.

Para os autores, não há mais objetos nem sujeitos, o que há são agenciamento do múltiplo, em que o corpo se muta,, subtrai o uno da

multiplicidade a ser constituída. Tal multiplicidade rejeita todo autômato centralizador, unificador. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe. As multiplicidades compõe grandezas e dimensões que se expandem enquanto necessariamente mudam de natureza, elas se conectam, formando o que os autores conceberam como *Rizoma*, que irei abordar na próxima seção.

2.3 RIZOMA – FLUXOS DE ACONTECIMENTOS E SEGMENTARIDADES

“Riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” – Deleuze e Guattari, (1997, p.4)

Deleuze e Guattari (1997), se aproximam do conceito de rizoma da biologia para elaborar acerca das multiplicidades. Os bulbos e os tubérculos são bons exemplos de rizoma, pois suas hastes subterrâneas crescem sobre um plano de consistência e ramificam-se em todos os sentidos. Não há preservação de verticalidades, ele cresce onde pode, se junta a outras partes, se abre a novas formas, pois o rizoma se espalha e transborda em intensidades. Não é sobre conservação, mas sobre abertura ao movimento de linhas que se cruzam, se conectam e formam o novo (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

O rizoma se cria por interseções, das linhas que se cruzam e se encontram em algum ponto, é um processo de invenção em curso, pois é nesta função criadora que se dilui o ser, em agenciamentos coletivos de enunciação, então as especificidades dão lugar às multiplicidades de composições de comunidades, artes e formas de vida (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Deleuze e Guattari (1997), destacam os cinco princípios que caracterizam o rizoma. O primeiro e o segundo dizem respeito às conexões e heterogeneidades em que as múltiplas ramificações do rizoma se conectam em quaisquer pontos. Essas conexões são agenciamentos dos traçados do rizoma, que não são necessariamente um traçado linguístico, pois as cadeias semióticas se conectam à multiplicidade dos modos de codificação, traçados biológicos,

políticos, econômicos e culturais. Não se trata de acompanhar os regimes de signos e seus objetos, pois agenciamentos coletivos de enunciação são efeitos dos encontros, de visibilização de enunciabilidades, dos saberes e das relações de poder.

A heterogeneidade da língua está na multiplicidade que desestabiliza o fechamento de uma língua dominante. Rizomaticamente, ela evolui por fluxos e hastes e não se fecha sobre si mesma, pois não cessa de conectar cadeias semióticas a micropolíticas do campo social: “Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.15).

O terceiro princípio é o da multiplicidade, compreende-se o múltiplo como substantivo e não há relação com o uno como sujeito ou objeto. Não existe um sujeito anterior ou uma essência que dê coerência e continuidade, o que existe são variações, intensidades, fluxos de diferenciação e aproximação, grandezas e dimensões que crescem à medida que mudam de natureza (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

O terceiro princípio diz respeito ao agenciamento, o qual é exatamente o crescimento dessas dimensões que, necessariamente, mudam de natureza, enquanto as linhas fazem novas conexões e se expandem, territorializando o que o avizinhava. As multiplicidades são planas, pois se ocupam de todo o espaço de sua dimensão, não há dimensão suplementar ao número de linhas. As multiplicidades são definidas pelo fora, pelas linhas de fuga e desterritorialização, que ao serem conectadas, mudam de natureza. Há um plano de consistência, um fora que produz o novo a partir dos agenciamentos. As linhas de fuga marcam ao mesmo tempo um número de dimensões finitas que são preenchidas pelas multiplicidades, a impossibilidade de uma dimensão suplementar enquanto as multiplicidades não se transformam segundo estas linhas, a possibilidade e necessidade de achatar todas as linhas em um mesmo plano de consistência ou exterioridade (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

O quarto princípio é o de ruptura a-significante. Em relação aos cortes significantes que separam e atravessam as estruturas, propõe-se a ruptura, o rompimento que pode ocorrer em qualquer lugar do rizoma, que será retomado

em quaisquer outras linhas. “As formigas formam rizoma animal, qualquer parte pode ser destruída, sem que as formigas deixem de existir” (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Os rizomas possuem linhas de segmentaridade pelos quais são estratificados, territorializados, organizados e também linhas de desterritorialização, que fazem fugir, criando-se a partir das rupturas que as linhas de fuga provocam, estas também fazem parte do rizoma. Por isso aqui não cabe os dualismos, ou dicotomias, as linhas não cessam suas conexões, se remetem umas às outras em uma circulação de intensidades que promovem fluxos de desterritorialização e reterritorialização.

O quinto e o sexto princípios são de cartografia e decalcomania, respectivamente. O rizoma não se justifica por modelos estruturais ou gerativos, estes são princípios do decalque, lógica da árvore e da reprodução. Esta lógica descreve um estado de fato, o reequilíbrio de correlações intersubjetivas, ou a exploração de um inconsciente já definido nos obscuros da memória e da linguagem. A árvore é articulada e hierarquizada, decalca-se algo já feito, a partir de uma estrutura que o sobrecodifica em um eixo que o suporta (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

Diferente da árvore é o rizoma, que faz mapas ao contrário de decalques. Ele está intimamente ligado a experimentações ancoradas no real e acompanha o movimento de construção do inconsciente, fazendo conexões em suas dimensões à medida que se abre para novos processos. É uma questão de performance, enquanto o decalque presume uma competência. Os autores recusam a ideia de fatalidade decalcada, ao contrário da competência psicanalítica, que faz achatar os desejos e enunciados sobre um eixo genético ou uma estrutura sobrecodificante, que produz infinitos decalques produtores do inconsciente psicanalítico (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.22).

2.4 DEVIR PARA EXPERIMENTAÇÃO DA VIDA

Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução, não paralela, de núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc
Deleuze e Parnet (1998, p.3)

Devir são forças múltiplas, linhas de potência que agem nos corpos. É o *intermezzo* dos fluxos dos desejos, é a força de acontecimento que acopla as máquinas para a efetuação da potência em ato. O devir acontece não de maneira intencional, e sim intensiva, pois não se sabe quais os desdobramentos que o devir atingirá. Trata-se de novas aberturas de possibilidades para que haja a experimentação da vida (DELEUZE; PARNET, 1998).

Portanto, como o devir não possui forma, não pode se denominar um ponto de partida, pois ele é intermeio entre os agenciamentos. Devir é uma quebra de padrões, de paradigmas sociais impostos por uma lógica mercadológica de experienciar e interpretar a vida. Diferentemente dos métodos que normatizam os acontecimentos, o devir é experimentação, é transmutação do modelo capitalista de vivenciar as relações. Portanto, o devir acontece naquilo que não está acabado, formatado e já posto. É criação de nova subjetividade, de novos agenciamentos para as singularidades (DELEUZE; PARNET, 1998).

O devir não tem aspiração à universalidade, mas é uma busca ao rompimento dos encaixes à norma. Assim, todo devir se constitui minoritário, pois se desloca do lugar comum do que atribui um senso de identidade sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 1997). O devir como acontecimento do produto do inconsciente maquínico, inconsciente como fonte, usina de fluxos, escapa à lógica neurótica, capitalista da produção do corpo da sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 2001).

Os movimentos sociais (negro, LGBT, feminista) possuem ondas – exemplificam-se aqui as diversas ondas do movimento feminista (BUTLER, 2015) - que são afetadas pelas intensidades políticas e culturais do modo de operacionalização da sociedade vigente; os fluxos são inacabados, são ondas pois possuem movimentos, vibrações, intensidades, elasticidades que escoam e se espalham atravessando a sociedade com suas forças. Assim também se compõem os devires, como forças plurais e múltiplas na diversidade dos alcances.

Pode-se dizer, então, que as nuances sociais padronizadas pelo sistema heterossexual-branco não constituem devir:

Por que há tantos devires do homem, mas não um devir-homem? É primeiro porque o homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir-minoritário. (...) . Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso (...) a maioria no universo supõe já dados o direito ou o poder do homem. É nesse sentido que as mulheres, as crianças, e também os animais, os vegetais, as moléculas são minoritários. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 87).

Apesar disso, o sujeito-homem, que é enquadrado no que é considerado como “portador” da identidade homem-padrão, pode ser potencializado por devires minoritários. O devir não é exclusivo e inerente à uma identidade categorizada, mas “Até os negros, diziam os *Black Panthers*, terão que devir-negro. Até as mulheres terão que devir-mulher.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 88). Ou seja, o homem que encontra o seu devir e que é atravessado por linhas de fuga, pode se descolar das instituições sociais e subjetivas impostas pelas padronizações, experimentando seu devir-mulher, devir-criança, devir-animal. Assim, os corpos desviam das linhas constitutivas da heteronormatividade – desvio não no sentido patologizante, do que não é considerado saudável, mas desvio como curva, dobra e como linha de fuga do estabelecido.

Félix Guattari (1982) discute como o teatro das Mirabelles, que fluíam entre gêneros, atravessando amarras abrindo os corpos ao devir, perturbava zonas de desejo pouco exploradas pelos expectadores:

Nem homens se tornando mulheres, nem mulheres tornadas homens, nem um terceiro sexo, mas outra sexualidade dos homes e das mulheres. *Strip-tease* do corpo em mutação, asfixiado sob as plumas e paetês do show de travestis, fazendo ressoar o devir da política sexual de cada espectador. Efeito político de reconhecimento desse devir (GUATTARI, 1982, p. 45).

2.5 EMOÇÕES CRIADORAS DE MUNDOS

Rocha e Kastrup (2009) em seu trabalho “Cognição e Emoção na Dinâmica da Dobra Afetiva” elaboram sobre a separação entre cognição e emoção que as psicologias ocidentais realizam. Para elas, estas ciências

pensam “a cognição como abstrata e desencarnada e a emoção como um fator predominantemente extracognitivo com base evolutiva” (ROCHA, KASTRUP, 2009, p1).

Para as autoras (2009), foi a partir das análises de Charles Darwin, de acordo com uma concepção adaptativa e evolutiva que a emoção foi compreendida como resposta somática. Em 1872 teve destaque em um trabalho que analisou as mudanças que ocorriam em detrimento de algum estado emocional. Então a expressão foi compreendida como resposta adaptativa importante para a luta pela sobrevivência e evolução das espécies. Na espécie humana, sua ocorrência foi relacionada ao domínio animal, compreendendo a emoção como descontrole, em que se ativa uma dimensão instintiva. Tal modo de compreender as emoções, teve implicações na psicologia em concebê-la como impulso a ser ponderado pela razão, de forma a administrá-la e discipliná-la, assim como as situações que a provocam.

Na psicologia social, os trabalhos de Schachter e Singer (ANO, ANO, ANO), relacionam a emoção com a cognição. Para os autores, dois fatores precisam ocorrer para que se haja um sentimento emocional. A emoção é compreendida como avaliação cognitiva de um fato social. Então a emoção vem a ser cognição enquanto julgamento sobre o mundo, uma avaliação de acordo com um sistema de valores, fatores ligados à situação, à cultura e ao sujeito, sobre uma determinada experiência vivida. O medo, ódio e amor são tidos como julgamentos emocionais do sujeito sobre uma situação social. Aqui o corpo não é privilegiado como lugar das emoções, pois se relacionam ao contexto social (ROCHA; KASTRUP, 2009).

Se na concepção somática a emoção foi compreendida separada da cognição, na vertente social o ser emocionado aparece como inteligente, a emoção deriva do domínio cognitivo. Em ambos os casos a emoção é tida como uma resposta adaptativa a uma força exterior sobre o interior. As emoções são respostas passivas frente aos estímulos do ambiente. As duas concepções aqui descritas, compreendem a emoção como fenômeno interno que reage ao meio ambiente, físico ou social. A cognição é compreendida como julgamento e avaliação sobre fatos sociais (ROCHA; KASTRUP, 2009).

As teorias psicológicas seguem a tendência de conceber a emoção como sinais de descontrole, que ativam dimensões instintivas e primitivas, então precisam ser submetidas à inteligência como forma de discipliná-las. Uma tendência de conceber o ato cognitivo sem relação com a emoção. Para superar essas dicotomias, Rocha e Kastrup (ANO), a partir das reflexões de Francisco Varela e Natalie Depraz (ANO), elaboram acerca do coengendramento entre emoção e cognição. A emoção e cognição partem de um mesmo plano afetivo, são imanentes. Para compreender esse plano afetivo, Rocha e Kastrup (2009), refletem sobre o conceito de afeto para Deleuze, os afetos não são sentimentos, mas sim forças que atravessam a pessoa, portanto não são de ordem interior, pois existe para além do corpo que o experimenta, o afeto supera a separação entre sujeito e objeto. Varela e Depraz também compreendem o afeto além dessa separação, afeto são forças que nos chegam.

O conceito de afeto é discutido também por Pedro Paulo, em seu trabalho *Limites, traduções e afetos: profissionais de saúde em contextos indígenas* (ANO). Ele o compreende como efeito de um corpo que sofre ação de outro. Afecção é uma mistura de dois corpos — um agindo sobre o outro — que recolhe traços do primeiro. *Affectio* é o efeito do corpo afetado, compõe com a presença de um corpo afetante. *Affectus* diz sobre uma passagem de estados, levando em consideração a variação correlativa dos corpos afetantes. A Afecção desestabiliza a continuidade da potência que se produz em nós, a partir do encontro, aumentando ou diminuindo a força de existir, como variações de potência que ocorrem na experiência de ser afetado. Diferente de sentimentos, afetos são forças que nos atravessam, aqui também se supera a distinção sujeito e objeto. A partir da afecção, a pessoa transforma-se noutra coisa. Os afetos não pertencem a um interior, mas estão no *entre*, nas intersessões, como vibrações ou intensidades (PEREIRA, 2012).

Maturana (2001), conta que enquanto biólogo, se interessou pelas investigações do sistema nervoso e dos fenômenos da percepção. Queria saber “como é isso de captar objetos, distingui-los e manipulá-los”. Os trabalhos dessa área costumam estudar a relação entre um objeto e um observador. O interesse de Maturana o moveu para as áreas de anatomia, biologia, genética, antropologia, filosofia e cardiologia. Ele conta que seu interesse o moveu para o

curso de medicina, o qual, mesmo não concluído, foi determinante para que seu interesse biológico fundamental se centrasse no humano.

O autor explica que, para entendermos o fenômeno do conhecer, é importante que se entenda o ser-humano, observador, conhecedor. Vivemos em um mundo centrado no conhecimento, e atuamos uns com os outros comportamentos de acordo com petições cognitivas. A ação de conhecer, como é que se validam as ações cognitivas não são triviais, pertence à vida cotidiana. Um observador é qualquer um de nós, seres-humanos na linguagem: “o ser humano é observador na experiência, ou no suceder do viver na linguagem”. Para o autor, somos observadores no observar, onde sucede-se a vida cotidiana na linguagem. As experiências que não estão na linguagem, não são. Não há como se referir a elas, ou referir o fato delas terem acontecido. Quando se diz: “Aconteceu-me algo que não posso descrever” a tentativa de explicação do acontecimento, já recorre à ordem da linguagem (MATURANA, 2001, p26, p27).

Para o autor (2001), o ato de explicar concerne uma reformulação da experiência, mas nem toda a reformulação da experiência é uma explicação, apenas aquelas que são aceitas por um observador. Isto implica um ponto de interrogação acerca de certas suposições do cotidiano, que referenciam realidades externas. Pensamos que explicar é dizer como a coisa é, independente de quem recebe a explicação. Porém o explicar e a explicação têm a ver com quem aceita.

Maturana (ANO) compreende que as emoções surgem como disposições corporais que especificam domínios de ação. “Todas as ações humanas acontecem num espaço de ação especificado estruturalmente como emoção” (MATURANA, 2001, p46). Maturana afirma que nem todas relações humanas são sociais. Para ele há diferentes tipos de relações e interações humanas que dependem da emoção que as fundamenta.

O amor é a emoção fundamental que configura as situações do social. Amor é aceitação mútua, aceitação do outro na convivência. Para o autor, amor é justamente essa emoção da qual nos referimos quando experienciamos a relação com o outro numa condução de aceitação dele como é. Em outras palavras, Maturana (2001) compreende que o social se estabelece pelas

relações humanas que se funda como aceitação mútua. Neste sentido, para o autor, as relações de trabalho, de autoridade e sistemas hierárquicos como o exército, não são sistemas sociais. “Se estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece tem importância e presença para mim” (p. 49).

Todos os espaços de ações humanas fundam-se em emoções. Todo sistema racional se funda na aceitação de certas premissas *a priori*. Então o Maturana (2001, p. 108) diz: “no espaço das relações humanas temos que olhar as emoções. E o espaço social surge sob a emoção de aceitação do outro, sob o amor. E cada vez que isso se acaba, acaba-se a dinâmica social”.

Para Maturana (2001), as emoções são disposições corporais que vão orientar a ação da pessoa, como um movimento, ou aquisição de uma postura corporal interna. Na vida cotidiana o corpo experimenta movimentos entre emoções, e, quando movimenta-se de uma a outra, muda-se o domínio das ações: “é a emoção sob a qual agimos num instante, num domínio operacional, que define o que fazemos naquele momento como uma ação de um tipo particular naquele domínio operacional” (p.130).

Depraz em seu trabalho *Delimitación De La Emoción .A Cercamiento a una Fenomenología del Corazón* (2012), toma as bases etimológicas dos termos afeto e emoção. A palavra latina affectio, deu origem aos vocábulos afeto, afecção e afetividade. Concerne ao plano das facticidades “o que me chega, aquilo que se impõe a mim, o que me faz e me constitui. Já emoção tem estreita ligação com o grupo (motus) moção – mobilidade. E-movere significa pôr em movimento, origina-se no vocábulo ex-movere, mover, colocar-se para fora de si. O afeto se relaciona a um plano de constituição, a emoção (e-moção) se relaciona com um campo do movimento, um movimento impulsionado por eu mesmo, que me conduz para fora de mim, sem implicações de direção ou finalidade.

Para Natalie Depraz (2012), a especificidade do fenômeno da emoção está num tipo singular de “pôr em movimento”. Enfrentamos um tipo de mobilidade quando experienciamos emoção. Aquilo que me chega, me afeta, factualmente, com um impulso me coloca para fora de mim, o que eu sou (ou suporte), traduz a disposição de lançar-me para fora de mim, com receptividade.

Para isso, é necessária a articulação entre o fisiológico – o corpo – e o psíquico – a alma – daqueles que experienciam este estado.

Compreende-se então que aquilo que nos afeta produz algum movimento ou emoção, que não se separa do afeto que a gerou. Varela e Maturana (ANO) formularam a noção de autopoiese “o vivo é capaz de se autoconstituir, de criar a si e ao mundo num mesmo ato de coengendramento ou imanência” (KASTRUP; ROCHA, 2009, p. 387). Neste sentido, não é o mundo que constrói o sujeito, nem o contrário, para além da dicotomia dentro-e-fora, aqui mundo e sujeito se constituem em conjunto, são contemporâneos, o mundo surge das nossas ações no cotidiano, das quais também emergimos.

A emoção manifesta-se por movimento numa micro-temporalidade e a cognição surge de um plano de afetos. A pessoa e o mundo estão em constante mutação, disparada pelo fenômeno afetivo num determinado período de tempo. O afeto compõe um “si” aberto, que o conduz a incessantes diferenças, isto é pré-condição para a emoção.

Henri Bergson, propõe o conceito de emoção criadora e afirma que o que inspira interesse vem investido de alguma emoção e é o que impulsiona a inteligência. O autor distingue dois tipos de emoção, sentimentos e variedades da sensibilidade. A primeira está relacionada a um “resolver das profundezas” e a segunda está em “uma agitação da superfície”. Na agitação superficial da sensibilidade, uma imagem ou ideia é representada pela emoção. No “resolver das profundezas” a emoção não se determina pela representação e não se separa das ideias que surgem. Esta emoção é mais que efeito de estados intelectuais, ela que engendra ideias e as representações. Neste sentido, ela é supraintelectual e está imersa no plano afetivo que a compõe. Já a inteligência desconectada do plano afetivo “labora a frio”, numa combinação de ideias entre si, com palavras prontas entregues pela sociedade em “estado sólido”, advindas da representação. Não há aí criação, apenas uma combinação de ideias e palavras” (KASTRUP; ROCHA, 2009, p.393).

Kastrup e Rocha (2009), aproximam o conceito de cognição como autopoiese de Varela da emoção criadora de Bergson. Para elas, cognição criadora “é aquela capaz de mudar nossa tonalidade emocional, produzida a

partir de uma instabilidade que nos desloca, que nos arrasta para outro lugar. Assim, a cognição é imanente à emoção, e ambas são criadoras” (p.393). Então a emoção retroage no plano afetivo que lhe originou, engendrando novas cognições e emoções em uma circularidade imanente.

Compreende-se então emoção não como passividade, mas como movimento de diferenciação, que se conecta com o plano de forças afetivas. A cognição se dá por um engendramento eu-mundo. Emoção e cognição, embora sejam unidas, podem apresentar-se separadamente, quando estão desconectadas do plano afetivo e criador. O afeto é o plano das imanências de onde provém as emoções e cognição, que refluem sobre o plano afetivo em uma circularidade imanente. A cognição aparece no acoplamento com o mundo, por meio de nossas ações, portanto está no plano dos afetos e das emoções (KASTRUP; ROCHA, 2009).

2.6 CORPO-VIBRÁTIL DE SUELI ROLNIK

Sueli Rolnik (2006), compreende que os corpos quando se encontram, são tomados por afetos que, ou os aproxima, ou os repele. Neste encontro, os corpos vão ensaiando jeitos e trejeitos, gestos e expressões para que as intensidades se apresentem, isto é, ganham corpo em matéria de expressão. Destes movimentos, o olho percebe apenas as expressões do movimento de simulação dos afetos.

Quando as intensidades experimentadas pelos corpos são recebidas mutuamente, compõe-se um plano de consistência. Um território em que os corpos puderam se situar “Você tem a sensação que no invisível da atração, cada um “acaricia” a alma do outro e lhe diz: Tua vida faz sentido, tem charme” (ROLNIK, p.38).

De acordo com Sueli Rolnik (2006), após os movimentos de atração e repulsa e a receptividade corpórea dos afetos que chegam, criam agenciamentos de matérias de expressão. Se configura um plano com repertórios de comportamentos, gestos e linguagens, que se repetem como um

ritual. Uma impressão de familiaridade é conquistada pelo território existencial que os corpos passam a compor.

Em si mesmas, as intensidades não compreendem formas ou substâncias, a não ser quando se efetuam em matérias de expressão, à medida que o corpo é experiência de um canal condutor de afeto. Assim, produzem-se mundos neste movimento de territorialização das intensidades. De acordo com Rolnik, (2006), é neste movimento do desejo que ele é ao mesmo tempo, energético – como produção de intensidades – e semiótico – enquanto produz sentidos. Provém do agenciamento entre corpos, na sua qualidade de vibráteis. Neste sentido, a produção do desejo é de uma energética semiótica. Os corpos se afetam e criam movimentos de sentido para realizarem essa passagem.

Para a autora, nosso olho visível só pode captar a longitude das partículas de afeto que percorrem os corpos: suas relações cinéticas de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, suas paradas e suas precipitações. A dinâmica das ondas e vibrações, é a dimensão da latitude dos afetos, estado intensivo da potência de afetar e ser afetado, os afetos que circulam e preenchem o corpo, em sua latitude (ROLNIK, 2006).

Sueli Rolnik (2006) compreende o corpo vibrátil como uma capacidade do corpo de captar os platôs (regiões de intensidades contínuas) na latitude dos corpos – de uma ideia, uma língua, uma coletividade. O corpo habita o ilocalizável e aguça sua sensibilidade a partir de um próprio fator de a(fe)tivação. Este corpo-vibrátil é aquele que corresponde à energia que ocorre no atrito das matérias de expressão heterogêneas e cria territórios para os afetos desterritorializados. Nas captações dos movimentos do desejo, há produção do real social. Neste sentido, a produção de desejo — produção de realidade —, é, ao mesmo tempo material, semiótica e social.

A autora compreende três linhas que participam deste movimento. Primeiro temos a linha dos afetos, que é invisível e inconsciente. Ela traça continuamente e de forma ilimitada os afetos que emergem da atração e repulsa dos corpos. Se trata de um fluxo que nasce entre os corpos. Enquanto se está vivo, não se para de fazer conexão entre corpos, humanos ou não, os corpos se tornam outros, então novas atrações e repulsas surgem, afetos que não passam

pela forma de expressão anterior. Esses afetos que escapam, desenham linhas de fuga — o mundo foge de si mesmo por essa linha, se desmancha e forma um devir. Rupturas começam a operar ainda de forma imperceptível, desempenhando mutações irremediáveis em um devir do campo social: “De repente é como se nada estivesse mudado e, no entanto, tudo mudou”. (ROLNIK, 2006, p. 50).

A segunda linha compreende uma espécie de simulação em um vai-e-vém que provoca um duplo traçado — inconsciente e ilimitado. Das produções de afetos — invisíveis e inconscientes — sai um traçado para a visível e consciente composição de territórios. Outro traçado sai do visível e consciente da territorialização para o invisível e inconsciente de afetos escapando em um movimento de desterritorialização. Trata-se de uma linha *double-face*: com uma face na intensidade e outra na expressão. Nesta linha que se opera negociações entre os afetos do encontro entre corpos e a terceira linha, a dos territórios (ROLNIK, 2006).

Esta segunda linha compreende uma ambiguidade congênita, pois: “Está sempre prestes a oscilar na direção do fluxo puro e desencantar a matéria, provocando desabamento de território” (ROLNIK, 2006. p. 50). A pessoa experimenta subjetivamente uma sensação do irreconhecível, estranhamento, perda de sentido. Mas esta linha também pode oscilar na direção do encantamento do movimento de simulação: “o território ‘pega’, ganha credibilidade, ‘faz sentido’”, a pessoa experimenta com sensação de familiaridade e dá alívio” (ROLNIK, 2006, p.50).

Esta ambiguidade, inerente à segunda linha, traz a angústia com face ontológica experienciada como medo da vida se desagregar, medo de morrer; uma face existencial pelo medo da exteriorização das intensidades perderem credibilidade, medo de que certos mundos percam legitimidade, desabem, fracassem; e uma face psicológica, pelo medo de perder a forma com que o ego se vê, medo de enlouquecer (ROLNIK, 2006). Tal angústia sempre tenta abolir as ambiguidades e define diferentes estratégias para o desejo. “Essa angústia é a nascente de mundos” (ROLNIK, 2006, p. 51). Deste modo, a segunda linha é

maleável e causa microrrachaduras pessoais ou coletivas, as quais possibilitam novos agenciamentos, mutações secretas de novos mundos (ROLNIK, 2006).

Por fim, a terceira linha diz respeito à organização dos territórios. Ela cria roteiros de circulação no mundo, diretrizes para a consciência dirigir os afetos. Ela é finita, assim como os territórios, pois sempre escapam afetos que, mais cedo ou mais tarde, decretarão o fim do território. Ela traça um plano concluído de segmentação dura. Nesta linha ocorrem cortes nos quais se negociam as rupturas (ROLNIK, 2006).

Para Rolnik (2006), o desejo no campo social perpassa a dinâmica destas três linhas, que são imanentes e é em seu exercício que se compõem ou descompõem territórios, modos de subjetivação, objetos e saberes. Para a autora, o inconsciente é o próprio movimento de desterritorialização que cria a multiplicidade de devires. Ele só funciona agenciado, buscando matérias de expressão e maneiras de inventar o mundo, trata-se de um inconsciente produtivo.

O corpo vibrátil contrapõe-se à densidade planar, a solidez, à dicotomia dentro/fora. O corpo vibrátil é aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora, sendo o dentro uma combinação fugaz do fora. Trata-se de uma capacidade de cambiarmos densidades em uma tremulação contínua. Todo o corpo tem capacidade de vibrar com as forças do mundo. O mundo se apresenta ao corpo em vibração e contágio. “Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização. Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua” (ROLNIK, 1989, p.68).

2.7 GÊNERO: UMA CATEGORIA SOCIAL

"A arquitetura do corpo é política."

Paul B. Preciado

As compreensões performativas, propostas pela teoria *queer* criticam os esforços de correntes do feminismo que se ancoram em uma perspectiva anatômica para invocar uma sexualidade feminina: “O retorno a biologia como base de uma sexualidade ou significações específicas femininas parece desbancar a premissa feminista de que a biologia não é o destino” (BUTLER, 2015, p64).

Para Judith Butler (2015), o sexo não é uma superfície politicamente neutra, natural, na qual o gênero inscreve um significado social nos corpos, mas a natureza também é um meio discursivo/cultural. Butler parte das críticas de Clifford Geertz (ANO) para argumentar acerca do arcabouço universalizante que não compreende as construções culturais da “natureza”:

A análise que supõe ser a natureza singular e pré-discursiva não pode se perguntar: o que se caracteriza como “natureza” num dado contexto cultural, e com que propósito? É o dualismo realmente necessário? Como são construídos, naturalizados um no outro e por meio um do outro, os dualismos sexo/gênero e natureza/cultura? A que hierarquias de gênero servem eles, e que relações de subordinação reificam? Se a própria designação do sexo é política, então o “sexo”, essa que se supõe ser a designação mais tosca, mostra-se desde sempre “fabricado”, e as distinções centrais da antropologia estruturalista parecem desmoronar” (BUTLER, 2015, p75).

Para Butler (2015) a sociedade invoca inteligibilidade nas pessoas a partir da impressão de um gênero nos corpos, o qual corresponde aos padrões de normalidade. Neste sentido, os gêneros inteligíveis são os que mantêm relação de coerência e continuidade entre sexo -gênero-prática sexual-desejo. Os que não reproduzem essa lógica, são proibidos e produzidos pelas práticas reguladoras que fazem identidades em continuidade, por via de uma matriz heterossexual.

Os estudos *queers* apontam para as fragilidades dessa matriz de produção de corpos heterossexualizados e cisgenerizados, que a todo momento precisam de investimentos minuciosos de controle e reificação dos papéis sociais. Apesar destes investimentos, as identidades escapam às normas de

inteligibilidade e se proliferam para campos diversos, oferecendo uma oportunidade de apontar os limites e os objetivos reguladores deste lugar de inteligibilidade. Ao mesmo tempo, oferece um campo de disseminação dos gêneros nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, provocando matrizes rivais, subversivas e de desordem do gênero (BUTLER, 2015).

Neste sentido, Paul B. Preciado, pesquisador espanhol contemporâneo que estuda identidade, pornografia, gênero e sexualidade, argumenta que todos nascemos operados por tecnologias sociais precisas, que produzem nos corpos e nos outros espaços políticos o discurso de equação entre natureza=heterossexualidade. Este sistema, por meio de dispositivos sociais, produz feminilidade e masculinidade, as quais operam pela fragmentação e divisão do corpo. Recorta-se o corpo gerando lugares de alta intensidade sensível e motriz, que posteriormente serão identificados como centro natural da diferença sexual (PRECIADO, 2014).

O que temos hoje é a produção e a reposição da heterossexualidade que se reinscreve e reinstrui os corpos por meio das operações frequentes de repetição e recitação dos códigos de masculinidade e feminilidade socialmente investidos como naturais. Deste modo, as identidades transgressoras são concebidas como acidentes produzidos pela máquina heterossexual (PRECIADO, 2014).

O que fazer neste sentido? Preciado (2014, p27), oferece um caminho: “sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições”, provocar deslocamento nos lugares de enunciação heterocentrados e reforçar o poder dos desvios e derivações.

Berenice Bento (2008), se indaga acerca destas convenções que resguardam um único lugar habitável para o feminino (corpos de mulheres) e masculino (corpos de homens). Desta forma, se o órgão que diferencia e qualifica o feminino é a vagina, e este órgão tem como função a reprodução por meio da lógica da heterossexualidade-maternidade, mulheres lésbicas não são mulheres e mulheres transexuais nunca deixariam a posição descritiva de seres incompletos.

Interpreta-se que pessoas transexuais estão em “corpos errados” e almejam a cirurgia de transgenitalização como forma de ajustar seus corpos de forma que fiquem em conformidade com seu gênero e sexualidade. Desta forma, a mulher transexual demandaria uma vagina para receber o pênis, e o homem transexual deve-se construir um pênis para que se inscreva em seu corpo os códigos de masculinidade socialmente construídos. Partindo da lógica que mulheres são passivas, emotivas, frágeis e sensíveis e homens são ativos, lógicos e competitivos, se esperará que homens e mulheres transexuais reproduzam este padrão (BENTO, 2008).

Estes corpos que não se conformam com o gênero imposto nos revelam convenções sociais sobre as masculinidades e feminilidades, denunciam que posições muito bem definidas e circunscritas podem ser mais maleáveis do que parecem. Todos os dias, profissionais da saúde, direito, educação, além de políticos, familiares e amigos são requisitados a se posicionarem e construir a verdade sobre aqueles corpos que transitam (BENTO; PELÚCIO, 2012).

No Brasil, o discurso médico compreende que a identidade travesti compõe uma patologia que é diagnosticável por meio do Código Internacional de Doenças (CID) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Além destes, outro manual no qual os profissionais brasileiros se baseiam para compreender esta identidade é o Standards of Care (SOC) for the Health of Transsexual, Transgender, and Gender Nonconforming People (Padrões de Cuidado para a Saúde das Pessoas Transsexuais, Transgêneras e de Gênero Não Conformado, em tradução livre).

Estes manuais desenham uma série de critérios diagnósticos para se compreender as identidades de gênero, e, aqui no Brasil, são utilizados para identificar, diagnosticar e tratar pessoas travestis. De acordo com a pesquisadora Berenice Bento (2010), estes materiais identificam nas pessoas trans uma série de indicadores comuns que lhes situam como transtornadas. Além disso, especificam diferenças quanto ao encaminhamento destes casos. No SOC, por exemplo, a única alternativa para o “transexual de verdade” curar seus “transtornos e disforias” é a cirurgia genital. Este mesmo procedimento é apenas tangenciado no DSM, manual no qual a preocupação em apontar as manifestações do “fenômeno” transexual nas fases de desenvolvimento da

pessoa se sobrepõe. Já o CID-10 é mais objetivo em apontar as características gerais e os códigos que melhor correspondem ao quadro da pessoa (BENTO; PELUCIO, 2012).

Há estudos (FULANO, ANO; CICLANO, ANO; BELTRANO, ANO) que se esforçam para estabelecer as bases biológicas das identidades de gênero diversas, entretanto, ainda não foi possível localizar este território no corpo. Assim sendo, de acordo com Bento e Pelúcio (2012), o pensamento científico e o senso comum a respeito destas identidades se retroalimentam, produzindo campos de saberes ancorados em observações das relações de gênero e inscrevendo estes achados no campo das ciências biológicas, uma vez que essas são consideradas o território das provas indiscutíveis sobre a diferença radical que há entre os corpos sexuais. Neste sentido, a ênfase da verdade sobre estes corpos recai nas análises biomédicas em detrimento dos aspectos culturais e simbólicos que se articulam em nossas percepções e representações acerca dos corpos, órgãos, gêneros e fluidos.

Foucault, (1990), entende que a sexualidade está emaranhada em códigos sociais e culturais nos jogos de poder. Neste sentido, elabora acerca do dispositivo da sexualidade na modernidade, o qual se efetua por mecanismos de saber e de poder intrínsecos a ele. Desta forma, falar sobre sexualidade envolve as práticas discursivas que a constituem, os poderes reguladores de práticas e as possibilidades para se reconhecer como sujeito sexual. Por meio das teorias biológicas da sexualidade e do conjunto de leis impostas às pessoas, foi atribuído à medicina o lugar do saber que produz a verdade sobre os corpos a partir de uma matriz heterossexual de identificação do genital, o qual, nomeado de “sexo”, reitera o caráter de natural.

Com o intuito de superar este discurso médico tradicional, diversas entidades atuam no sentido de possibilitar novos sentidos e significações acerca das identidades de gênero diversas. Com articulação a nível global, promovem campanhas para retirada da transexualidade dos manuais diagnósticos. De forma resumida, este movimento se organiza em torno de cinco metas:

- 1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID-11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3)

abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas intersexo; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transsexuais. (BENTO, PELUCIO 2012).

Isto demonstra que, para além das convenções médicas, há terrenos férteis de políticas da identidade que produzem outras formas de sentido e significações para as identidades de gênero. Bento (2008), compreende que a transexualidade é uma dimensão identitária do gênero, caracterizada pelos potenciais conflitos em relação às normas de gênero a partir do momento que as pessoas reivindicam um reconhecimento social e legal do gênero com o qual se identificam e que é diferente do sexo informado. Esta experiência independe da cirurgia de transgenitalização (BENTO, 2008).

3. MÉTODO

3. MÉTODO

Entendo que o corpo possui múltiplos significados que constroem planos de realidade em constante movimento, então adotei a cartografia como caminho metodológico para acompanhar a investigação das processualidades do corpo. Esta metodologia compreende uma prática de pesquisa que produz realidades e se orienta pelas forças e linhas que atravessam o corpo (KASTRUP; BARROS; 2012).

Pensemos o corpo como uma geografia com becos, vielas, muros enfeitados com grafites e pixos, praças com árvores que se modificam conforme as estações, paisagens que se mexem de acordo com as forças presentes naquele campo, se transmutando. Então, a cartografia foi o desenho de acompanhamento destes movimentos de transformação da paisagem, o que lhe confere caráter provisório e singular. Tal caráter se adequa completamente ao objetivo dessa pesquisa, pois a cartografia, conforme explicam Barros e Brasil (1992) não busca a universalidade, mas tão somente acompanhar movimentos que compõem um mapa.

Este caminho metodológico compreende a inseparabilidade entre o conhecer e o fazer, pois todo conhecimento emerge da intervenção no mundo que produz realidades. Como Alvarez e Passos (2015) elaboram acerca da cartografia, é preciso que se engaje afetivamente para receber o plano e acompanhar seus movimentos. Essa intervenção só foi possível a partir de um mergulho que realizei no plano de forças da experiência, foi preciso que eu adentrasse o território a ser mapeado com uma receptividade afetiva e engajada, que possibilitasse encontros inesperados (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

A cartografia propõe, ainda, uma reversão metodológica. Ao invés de um caminho (hódos) que conduz a respostas para o objeto da investigação (metá), um caminhar (metá) que direcionará às metas (hódos), considerando as implicações do investigar no território, no objeto de estudo e pesquisador. Dessa forma, entendo que a cartografia é um método que envolve, a um só tempo, o ato de descrever, intervir e de criar efeitos e subjetividades (BARROS; KASTRUP, 2012).

Toda intervenção é geradora de conhecimento, o plano que a cartografia procura mapear “desenha ao mesmo tempo em que gera, conferindo ao trabalho

da pesquisa seu caráter de intervenção” (PASSOS; EIRADO, 2015, p. 109). Logo a pesquisa teve uma direção clínico-política, compreendendo a transversalidade como potência de diálogos e implicações que desestabilizaram os eixos cartesianos vertical-horizontal. A operação transversal capta movimentos constituintes do campo e não do que já estava constituído. O processo de transversalização possibilitou encontrar aquilo que não estava na esfera do já sabido, acessar experiências singulares e descobrir conexões e forças que se atravessam nestes territórios (BARROS; KASTRUP, 2015).

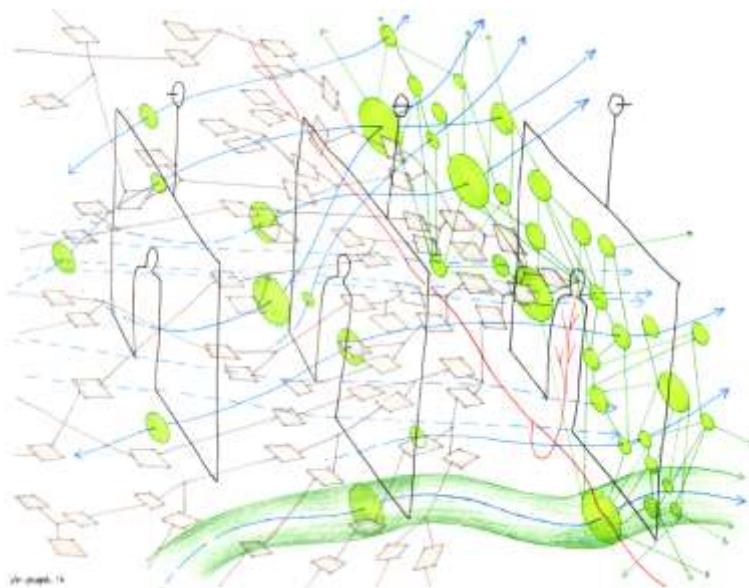


Figura 9 – A Thousand Plateaus Drawing Project – Marc Ngui. Fonte: Ebook A Thousand Plateaus Drawing Project¹

Apostei na transversalidade como potência de encontros com corpos marginalizados, afim de que a comunicação flua afetivamente. A transversalidade compreende a comunicação de modo multidimensional (como observado na figura 9), a cartografia considera este plano onde toda realidade se comunica e tem como direção clínico-política a potencialização do coeficiente de transversalidade, possibilitando conectar devires minoritários já que a comunicação não se esgota nos eixos hegemônicos.

A transversalização funciona num duplo registro, acolhe o sujeito com suas memórias e histórias que narram suas trajetórias, como também compreende “um processo de subjetivação em curso que vai se realizando pelas frestas das formas, lá onde o intempestivo se apresenta, impulsionando à criação.” (PASSOS; BARROS, 2015b, p.27).

¹ Disponível em: <<https://www.patreon.com/file?h=6071248&i=485945>> Acesso em: 06 out. 2017.

O corpo diz algo para além do verbal, ele se movimenta para fora dos sentidos e escapa das categorias pré-estabelecidas. Então acompanhei os conteúdos ditos e busquei acessar a experiência em suas múltiplas dimensões, para que a fala emergisse da experiência e não como representação do vivido (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013).

Esta cartografia acompanhou os movimentos de subjetivação que se fizeram nos encontros na Casa Florescer e nas circulações entre serviços e o centro da cidade. O objetivo principal foi acompanhar os movimentos dos afetos nos encontros que criaram planos de imanência para novas corporalidades. Como forma de visibilizar as narrativas, os discursos, os sentidos e significados vividos pelas pessoas, entrevistei duas colaboradoras.

A entrevista na cartografia compreende que os dois planos da experiência são inseparáveis. O primeiro deles “a experiência de vida ou o vivido” diz respeito à história de vida do sujeito, suas experiências, é “o narrado de suas emoções”. Já o plano da “experiência pré-refletida ou ontológica” diz respeito à processualidade em coemergência quando a pessoa deixa de narrar suas vivências para performá-las com toda intensidade que a experiência invoca.

O trânsito entre esses dois planos implica na dimensão genética da linguagem, um plano coletivo que circula os sentidos e inventa o novo, fazendo emergir o dizer e o dito. Esta dimensão se configura nas margens do plano do vivido e da experiência, no *intermezzo* que a intervenção é tecida (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013).

Foi importante acompanhar as linhas e as intensidades presentes no campo, como um surfista à espreita de uma onda, que se deixa afetar pelo mar e quando sente a onda vindo, se coloca “entre” estas linhas de movimento. Por isso foi necessário manejar atentamente o diálogo nas entrevistas, para que eu fosse acompanhando as linhas que se traçavam, com cuidado para não fechá-las nos sentidos, mas promover abertura às multiplicidades (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013).

O que interessa ao cartógrafo é acompanhar processos e intensidades, de forma que a análise não esteja descolada dos planos da experiência e conhecimento, mas realizada em todas as etapas, no caminhar do processo de estudo. Portanto, aqui não há uma cisão entre o discurso do narrador e do personagem, propomos o aumento do coeficiente de transversalidade. Propõe-

se uma abertura de sentidos e potencialização da polifonia de vozes. O resultado é uma narrativa que tece a análise com os mapas formados pelos fluxos e intensidades presentes no campo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 FLORESCE UMA CASA NO CENTRO DE SÃO PAULO

Neste capítulo, busquei contar momentos do ano de 2015 e 2016, nos quais conheci Travestis e Mulheres Transexuais em situação de rua. Com isso, percebi outra cidade ditada por outros acontecimentos, modos de vida singulares que quando os cruzava, recebia com afetividade um abismo que dava forma entre o chão que eu pisava em frente a uma Travesti. Como se o piso se tensionasse a cada textura sonora que ganhava corpo, ocupados por cores diferentes da minha, atitudes que faziam encarnar afetos que vibraram em minhas moléculas, trazendo meio de contato, uma passagem, ponte com fluxos intensivos de desejos incorporados em processo de expansão. Flutuei entre esse vão e tateei os ruídos dos desejos que brotavam. Havia fluxos que acoplavam corpo, pele, desejo, crescimento, corpo, saída, expressão, texturas, sons, bombação, agulhas, relevos, outros jeitos, novos pesos, outras impressões, aproximações, fluindo entre um mundo que vibrava nos corpos produzindo novos tons, rearranjavam-se as formas que pediam passagem para ocupar novos mundos.

No decorrer do ano de 2015 estagiei no Núcleo de Combate à Discriminação da Defensoria Pública de São Paulo. Todos os dias caminhava na Praça da Sé, me misturava àquele caldo de trabalhadores com suas bolsas e andar objetivo, moradores de rua que se encontravam de frente à base da Guarda Civil Municipal, muitos outros caminhavam sobre outra atmosfera, mais densa e arrastada, numa outra energia, via roda de pregações evangélicas, onde a frequência trazia corpos em riste, pertos um do outro como uma corrente que fazia fluir fluxo energético vibrante, trazendo movimentos rápidos e vozes que propagavam mensagens numa complexidade que envolvia o tom, a maneira como as sílabas eram entoadas, a forma como o corpo incorporava as emoções e como ele fazia reagir os corpos ao redor. Alguns dias haviam seis ou sete rodas de pregação ao longo do meu percurso e enquanto caminhava pela praça, meu corpo ia reagindo aos olhares, as diferentes atmosferas que deixavam seu rastro como uma impressão daquele passo, do ritmo, da frequência cardíaca que desenhava os diferentes fluxos.

O prédio se localizava no número 103 no 8º andar. Se tratava de um prédio antigo, onde funcionava Núcleos Especializados da Defensoria. Contavam que no subsolo haviam celas da época que o prédio havia sido construído e algumas pessoas acreditavam que o primeiro dono estava enterrado no 5º andar. Algumas vezes conversava com Silvia, que trabalhava na limpeza e me dizia que evitava esses lugares, pois sentia outras energias. Isso me fazia refletir sobre o movimento de meu corpo na rua, enquanto passava pelo Pátio do Colégio, passava pelo Impostometrô em direção a entrada do prédio. Aquela atmosfera da rua, da movimentação de pessoas, carros, vento e paisagens era cortado por outros movimentos, que traziam fluxos de revolta, angústia e sofrimento de pessoas vítimas de preconceito. Lá eram atendidos casos de violência à população LGBT, Racismo e Intolerância Religiosa, com atendimentos multidisciplinares no Direito, Serviço Social e Psicologia.

Durante este ano, acompanhei Evellyn, ela estava na faixa dos quarenta anos. Tratava-se de uma pessoa negra, travesti e moradora de rua. Ela já tinha feito inscrição em duas portas de entrada do processo transexualizador, no Centro de Referência e Tratamento de DST Aids e no Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria do HC da USP. Ela contou que quando foi ao atendimento médico, não lhe autorizaram a tomar hormônios, pois não confiaram em sua autodeclaração, ela passou por algumas consultas psicológicas, mas o retorno ao endocrinologista não era marcado, com isso, se queixava da espera, que já durava mais de seis meses.

Para Evellyn, isso ocorria em decorrência de sua corporalidade que provinha de seus caracteres e expressão, tinha em torno de 1,80m, era bastante magra e não tinha realizado nenhum procedimento estético ou hormonal. De forma que, o nosso aparelho visual, capturava suas roupas e as compreendia como masculinas, o porte alto em conjunto com o rosto de barba e a cabeça coberta por uma toca nos fazia recorrer ao homem que ela não era, por meio de operações linguísticas, estéticas e afetivas, que despedaçavam toda a comunicação corporificada naquela pessoa.

Quando vi Evellyn entrando na sala, minha primeira percepção foi de se tratar de um homem, mas quando vi ela se movimentar, seu corpo ia imprimindo rastros de emoções que se encontravam com meu corpo, que sentia aquele rastro deixado por seus movimentos como uma pele sensível que meus sentidos, tateava. Seu corpo nômade, andava por São Paulo com as costas encurvadas, uma voz baixa que trazia um tom de indignação. Um dia nos procurou, pois não respeitaram sua autodeterminação em um Centro de Acolhida Municipal², lhe deram uma vaga masculina e relatou que estes espaços lhe eram violentos, dizia que os conviventes geralmente se aproveitavam das pessoas afeminadas e por vezes ela obedecia, para se esquivar de retalhações. Evellyn dizia que muitas vezes era barrada no próprio fluxo de encaminhamento³, e neste caso, dormia na rua.

Ela falava sobre si, sempre se referindo com o gênero feminino, era evidente sua autodeterminação, “Sou Travesti”, sem peitos, sem hormônios, sem maquiagens ou unhas pintadas, Evellyn é Travesti e com essa convicção que ela demandava ser reconhecida.

Para acompanhar o caso, a Assistente Social do Núcleo, Elizabete Gaidei Arabage propunha para a equipe ir até os serviços. Primeiro visitávamos, conhecíamos a equipe e os usuários do serviço, depois realizávamos reuniões constantes e convidávamos os demais serviços públicos que de alguma forma acompanhavam Evellyn para nos reunir. O trabalho era norteado pela identificação dos dispositivos institucionais que efetuavam a transfobia e mapear as leis, decretos, estudos acadêmicos e diálogo com a militância que fomentavam deslocamentos acerca das formas de tratativa e respeito às pessoas Trans nas instituições.

Foi assim que comecei a me aproximar das discussões que ocorriam em alguns espaços de militância e de trabalhadores dos serviços da Assistência

² Os Centros de Acolhida são serviços da Assistência Social, destinados a acolher pessoas em situação de Rua.

³Para que Evellyn conseguisse dormir nos espaços de acolhimento, ela precisava ir até a R. Norma Pieruccini Giannotti, 77, no Centro Pop Barra Funda, que era um dos serviços da Assistência Social, especializado em atender pessoas em situações de rua, vulnerabilidade social, violação de direitos humanos, violências física, psicológica, sexual, cumprimento de medida socioeducativa entre outros. Lá ela solicitava encaminhamento para vaga nos Centros de Acolhida da região central de São Paulo.

Social. Nas reuniões, falavam-se da importância de existir um abrigo específico para acolher as Travestis e Mulheres Transexuais, pois sabiam que os profissionais desconheciam essas trajetórias, além disso, apontavam a falta de segurança que as pessoas vivendo em outras posições de gênero nos abrigos para homens sofriam.

Enquanto Evellyn e eu conversávamos, recebia as forças que me chegavam e não faziam sentido com o que minha inteligência estava acostumada a categorizar. Se os códigos sociais me apontavam para uma imagem que representava um homem, a própria forma como Evellyn criava as possibilidades de ser travesti em si, chegavam até mim como afetos que me moviam.

“Eu sou mulher” me falava Evellyn, “a minha cabeça é de mulher”. Mulher, autodeclarada Travesti, atribuída socialmente o lugar de homem, Evellyn apontava os limites das inteligibilidades sobre seu corpo Mulher-Travesti em situação de rua e assim, tensionava as possibilidades que lhe eram projetadas, desviando-se da coerência e traçando uma linha própria de subjetivação e vivência de seu gênero.

O Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), equipamento da Secretaria da Assistência Social, gerido pela ONG Pela Vida, que fica na Rua Major Sertório no bairro da República, me abrigou nas experiências de estágio em psicologia comunitária. Foi no projeto CineClube 7 Cores, junto com Juliana, psicóloga negra, bissexual, feminista e antiproibicionista e com oicineiro Demins Menézes Sánchez, escritor e poeta cubano, que nos encontramos e propomos encontros entre estagiários, icineiros e pessoas LGBTs, sobretudo homens cisgêneros gays, mulheres transexuais, travestis, profissionais do sexo e pessoas vivendo com HIV/AIDS, a grande maioria em situação de rua.

Dialogávamos sobre as diferentes trajetórias, muitos vinham de outros lugares do país em busca de uma oportunidade em São Paulo e quando chegaram, se viram sem amparo de nenhuma forma. Às quintas-feiras desse ano me encontrava com os usuários do CRD, ouvia muitas histórias, comíamos pipoca com refrigerante e assistíamos filmes dos mais variados temas. Depois fazíamos uma roda de conversa para compartilhar as impressões, era onde a

mágica acontecia, as pessoas rememoravam suas histórias, o grupo acompanhava e se animava quando identificavam pontos de suas vivências que se cruzavam nas histórias narradas, reconheciam-se e compunham territórios de afeto. Os encontros aconteciam no CRD e as vezes fazíamos projeção nas ruas do Centro de São Paulo.

Em um desses dias, conheci Aline, Lívia e Veronica. As três acompanhavam as atividades do CRD e nos encontravam muitas vezes. Aline chegava no cineclube carregando uma mochila com um colchonete acoplado. Participava ativamente do encontro nos contando o que era despertado. Foi então que comecei a me aproximar dela. Era jovem, de pele negra, quase sempre o xuxu⁴ estava aparente, usava roupas masculinas cedidas que não compunham uma expressão de gênero que desejava. Seu cabelo era curto e crespo, não tinha moradia fixa, havia sido expulsa de casa e sem fonte de renda, não tinha onde tomar banho, se alimentar e fazer suas necessidades básicas, ficava a mercê da sorte. Nos serviços da assistência que dificilmente conseguia utilizar, lavava suas roupas, pintava as unhas e ao nos encontrar, despejava sua mochila na entrada da sala para se juntar ao grupo. Ela criava vestidos a partir dos tecidos que ficavam pela sala, que era compartilhada com a oficina de costura. Via que ali ela se sentia segura, experimentava e se encontrava conosco e com as outras pessoas que frequentavam.

Este processo de experimentação trazia ondas, que moviam afetos, realidades e conhecimentos. Havia um fluxo de forças intensivas que estendeu as diversidades do alcance. Ao passo que se abria a novas possibilidades, novos encontros foram possíveis. Ela se aproximou de Lívia, que também estava em situação de rua, mas ao contrário de Aline, conseguia pernoitar com frequência nos centros de acolhida. Era branca, alta e magra e tinha uma expressão de gênero diferente de Aline, ainda que ambas fossem travestis e que Lívia também carecesse de fonte de renda para investir em hormônios e demais tratamentos, ela inventava possibilidades com peitos de enchimento e calças justas. Um dia chegou com uma peruca que tinha ganhado, alegre desfilou pelo CRD, mostrava os fios que movimentavam-se com as quebradas de seus passos. Aline ficou

⁴ Do Pajubá: barba/bigode.

bastante entusiasmada quando Livia tirou a peruca e lhe emprestou. Agora era Aline que experimentava cabelos compridos, que lhe deram movimentos suaves e com um sorriso grande desfilou entre as cadeiras do cineclube.

Preciado (2014), ao elaborar sobre a materialidade do gênero, invoca as formas de incorporação e de corporeidades que performatizam o gênero. Para o autor, o gênero, além de ser discursivo e linguístico, é também protésico, cria exatamente aquilo que supostamente devia complementar.

Verônica também era assídua em nossos encontros. Alta, de pele negra e cabelo loiro, tinha na faixa dos vinte anos e também vivia em situação de rua. Trazia muitas indicações de filme, era cinéfila. Gostava de informática e falava do desejo em terminar seus estudos para realizar graduação em Tecnologia da Informação. Quando me encontrava com ela, ouvia sobre a rua, os processos de negociação para conviverem nestes espaços. Como era importante conhecer a região e os conflitos que existiam onde se pretendia dormir. Ficar longe das brigas, não tomar partido nas discussões que rolavam e ainda realizar favores para quem tinha posição de autoridade na rua. Também falava sobre as transfobias que sofriam nos Centros de Acolhida e apontava para a importância de se construírem um lugar seguro, em que elas pudessem fechar os olhos e confiar para dormir tranquilas.

Uma linha comum era traçada com as impressões que eu tinha dos profissionais da assistência e das travestis e mulheres transexuais usuárias dos serviços de acolhimento, quanto a importância de existir um espaço de acolhimento seguro e específico para contemplar as necessidades das usuárias.

Em maio de 2015 saiu o Edital nº 180/SMADS/2015⁵, tornando pública a abertura do procedimento de construção do Centro de Acolhida Específico para as Travestis e Mulheres Transexuais no distrito de São Paulo, na Região Central, para que as ONGs interessadas se candidatassem a parceria com esta pasta. Em dezembro, saiu a resposta que o serviço se constituiria por meio de

⁵ O documento, Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/edital/smads/2015/2015-180_edital.pdf, ofereceu orientações quanto à instalação do equipamento observando a Legislação, o Plano Municipal de Assistência Social e as diretrizes nacionais para implementação deste Centro de Acolhida. Acesso em: 12 mar. 2019.

um convênio entre a Secretaria Municipal de Assistência Social, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e a ONG CROPH – Coordenação Regional Das Obras De Promoção Humana. A especificidade deste Centro de Acolhida integraria a política de atenção às necessidades específicas dos diferentes grupos que vivem situações de vulnerabilidade em São Paulo⁶.

Compreendi que se tratava de um Centro de Acolhida focado no atendimento específico de travestis e mulheres transexuais. Estava em processo de criação e sem modelos prévios, baseava-se nas políticas de atendimento às pessoas em situação de rua e se constituía a partir destes diálogos. Foi anunciado como primeiro centro de acolhida específico para a população de travestis e mulheres transexuais⁷, então qual seria a especificidade que este equipamento ofertaria para essa população? O que se pensava em relação a Travestis e Mulheres Transexuais? Como eram essas vivências nas ruas? Como fazer este serviço? Movido de curiosidade, caminhava para a entrevista.

A seleção foi no dia 14 de janeiro de 2016, haviam cerca de trinta pessoas, algumas estavam interessadas nas vagas, outras foram para participar do momento, como pesquisadores dispostos a contribuir. A equipe da ONG nos informou que o serviço funcionaria ininterruptamente para acolher 30 mulheres transexuais e travestis em situação de rua. Seria alocado em um prédio no Bom Retiro e contaria com equipe de gerente, 2 técnicos especializados, 5 Orientadores Socioeducativos, 2 Cozinheiras, 2 Agentes operacionais e uma equipe de segurança.

⁶ No decreto [Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, intitui-se a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm). O artigo XII deste decreto visa “implementar centros de referência especializados para atendimento da população em situação de rua, no âmbito da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social; Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm, Acesso em: 12 mar. 2019.

⁷ Até então, não havia nenhum Centro de Acolhida no país direcionado ao atendimento de mulheres transexuais e travestis. Durante a gestão municipal de 2015, a prefeitura se voltou a construir programas para essa população, como o Transcidadania e o Centro de Acolhida Florescer. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-abre-primeiro-centro-de-acolhida-para>, acesso em: 07 mar. 2019.

Neste dia discutimos as diferenças em relação as travestis e mulheres transexuais. Começou com as impressões dos profissionais da ONG, que pela experiência, entendiam que transexuais eram pessoas que mudam de sexo e travestis aquelas que escolhiam se expressar femininamente mas não mudavam de sexo. Discutimos sobre as terminologias e, pouco a pouco, as pessoas iam falando o que aprenderam com as pessoas transexuais que conheciam, como a possibilidade de a mulher transexual não querer mudar seu genital. Alguns profissionais da saúde que estavam lá, falaram da lentidão da fila para as cirurgias, o que trouxe outro fator para pensarmos as possibilidades dessas pessoas, será então que a cirurgia era o que definia a impressão e subjetividade que estes corpos produziam? Pontuamos as diferenças entre gênero e orientação sexual, trazendo a possibilidade de mulheres transexuais e travestis serem lésbicas. Tão logo, iniciou-se um debate em relação às expressões de gênero e como elas vão se construindo pelas possibilidades programadas para o gênero e orientação sexual, a partir do reconhecimento de seu genital. As pessoas se identificavam com os discursos e falavam sobre suas vivências, ao passo que fazia os sentidos.

No dia 02 de março de 2016, a Organização entrou em contato comigo para informar que eu havia passado no processo seletivo e que deveria levar a documentação para providenciar a contratação. Apreensão: o que estava por vir? Estava recém-formado, pensei em minha trajetória de vida e fui tentando acompanhar o que tinha aprendido para os desafios de se propor um cuidado atento às trajetórias que se interseccionavam nessas pessoas, como acolher com dignidade às singularidades de trinta travestis em situação de Rua? Essas questões bombardeavam meu peito, no dia 07 de março, enquanto saia da estação Armênia às 07:30h da manhã do meu primeiro dia de trabalho.

Era a primeira vez que passava pela Praça Armênia, notei pequenas vendinhas levantadas em caixotes, expondo cigarros, isqueiros e bijuterias. Um fluxo de pessoas passando pela praça, cada uma com seu caminhar, havia muito barulho, buzinas, pessoas vendendo bilhetes de metrô, motoristas que se encontravam no terminal Armênia. Entre o caminhar, duas cenas me chamaram a atenção, primeiro passei pela venda de um homem vendendo bijuterias para uma travesti, eles conversavam enquanto observavam os produtos, outras

peças passavam, olhavam, estranhavam, enrijeciam, seguiam andando, muitas passavam e não reagiam a isso, parecia uma cena frequente em seus cotidianos.



Mais adiante passei por um banco da praça em que algumas travestis se sentavam. Elas aparentavam não se incomodar com outras pessoas passando, conversavam, riam, fumavam, o encontro ocorria com tranquilidade.

Muitas percepções me tomaram, primeiro me

percebi num lugar com uma variedade de pessoas, modos de se vestir, gesticular, caminhar, muito distintos. Os motoristas dos ônibus tomavam café nas vendinhas, pessoas se acumulavam em filas em frente aos pontos, alguns homens em cima de caixas de papelão, homens e mulheres atravessando a praça, entrando na estação de metrô, as travestis sentadas conversando. Múltiplas diferenças coabitando aquele território.

Depois, vim a saber que as travestis e mulheres transexuais que usavam os serviços da assistência no entorno da região da Luz, se encontravam com frequência na Praça Armênia. Então naquele mês passei a encontrar as

moradoras da Centro de Acolhida Florescer, quando me viam falavam suas solicitações, então começava trabalhar ali mesmo. Em outros momentos, elas me procuravam para apresentar seus amigos e namorados, ao passo que ia conhecendo um pouco sobre suas redes de afeto.



Percurso da estação de metrô Armênia até o Centro de Acolhida Florescer. Imagem obtida no googlemaps, em 1803/2019.

Continuei meu percurso pela praça, atravessei a barulhenta avenida Santos Dumont e peguei a Rua Rodolfo Miranda, passei por um boteco onde os cobradores da lotação conversavam e por alguns galpões que pareciam depósitos, alguns terrenos que não dava para ver o que eram, pelos muros altos. Parecia uma rua de passagem, as pessoas caminhavam por lá com suas mochilas, não paravam em nenhum portão, apenas seguiam. Finalmente quando cheguei na Rua Prates, virei à direita e percebi um senhor na esquina, sentado em cadeira de rodas, observando. Estava sozinho, usava uma boina e parecia acompanhar o movimento que ocorria nas ruas que cruzavam aquela esquina. Quem passava por ali o cumprimentava, quando ele me viu, deu um aceno de cabeça que retribui. Quem era ele? o que fazia ali e porque todos que por ali passavam o cumprimentavam? ele se fazia presente nas passagens daquelas ruas.

Em seguida, passei por mais um bar, tinha apenas uma mesa posta, o trabalhador do bar conversava com alguns homens que estavam em pé. Caminhei em frente a um terreno que parecia um estacionamento de caminhões

e tratores e finalmente cheguei no número 1101. Altos portões coloridos em azul claro davam passagem a um prédio de um andar.

A assistente Social Edilene me chamou para dar uma volta no quintal, notei janelas redondas que mostravam um salão amplo dentro do prédio, passei por um canteiro em que três



altas palmeiras se erguiam junto com um abacateiro e outras árvores. Passei por uma quadra poliesportiva, um amplo espaço coberto por uma laje, que fazia um espaço de convivência externo, protegido do sol e da chuva. Enquanto andávamos, Edilene me contava sobre seu trabalho anterior no Centro de Acolhida Portal do Futuro, que ficava do outro lado da praça Armênia.

Ela contou que até então, o Portal do Futuro – centro de acolhida misto que atende cerca de 170 pessoas –, era um dos únicos serviços que as travestis e mulheres transexuais procuravam para ser acolhidas, porque nos outros eram violentadas das mais diversas formas, seus nomes não eram respeitados, tinham seus pertences roubados e eram ameaçadas por outros conviventes, por isso muitas preferiam ficar na rua.

Depois de me mostrar o terreno, Edilene falou para eu entrar e ir conhecendo os cômodos. Abri a porta de alumínio que estava quente, naquele dia ensolarado, me deparei com o salão que vislumbrava do lado de fora. Em frente à entrada havia três bancos de cimento pintados com tinta a óleo marrom, por cima estavam almofadas beges. As paredes beges eram atravessadas por colunas de metal em laranja-vivo. Havia 5 portas espalhadas pelas laterais. A primeira à esquerda da porta principal era a sala do Serviço Social, a próxima a do Gerente, ambas com janelas de vidro para dentro do salão. Paralela a entrada estava a cozinha, tinha dois grandes fogões industriais e muitas panelas em cima de bancadas, também havia uma janela que se abria para o salão. A próxima porta dava para uma suíte, com quatro camas de ferro e quatro armários estilo

vestiário. O banheiro era projetado para acessibilidade, continha algumas barras de ferro, privada, pia e maçaneta da porta em alturas diferentes.

A última porta da parte térrea dava para três banheiros separados por divisórias vazadas, em cima e em baixo. Um pequeno vitrô trazia luz do dia e mostrava o muro cimentado do lado de fora. No meio do salão haviam mesas e cadeiras de plástico, um espaço que foi se desenvolvendo como lugar de convivência, de refeições, estudos e descanso. A esquerda da entrada principal, uma grande escada de metal cinza escuro ligava estes ambientes ao andar de cima.

Andei em direção a escada e no primeiro degrau notei um ruído metalizado causado pelo contato do meu pé com os degraus da escada, os passos faziam barulho que ecoavam no salão. Minha futura sala ficava no final da escada, não tinha ideia que nos próximos meses aprenderia, pelas intensidades e velocidades sonoras, o som que costumeiramente cada corpo fazia ao passar por ali.

No final da escada me deparei com outro salão, era mais retangular que o de baixo, tinha paredes beges onde passavam canos industriais de fiação. Em três paredes tinham bancos de concreto cobertos por almofadões. Passei por duas janelas redondas, que dava para perceber o horizonte, desenho de galpões



e prédios, via árvores plantadas na calçada da rua, embaixo delas alguns homens se agrupavam, eram conviventes do Complexo Prates, sentavam na calçada, andavam pela rua e olhavam curiosos para este prédio.

Atravessei as janelas e entrei na primeira porta que dava para o segundo quarto, tinha duas janelas que traziam luz amarelada sobre os beliches de metal cinza, enumerados. 01, 02, 03. A próxima porta dava para o terceiro quarto, mais comprimido pelos beliches e armários, tinha duas janelas com visão para as palmeiras do quintal. A terceira porta era o “bagageiro”, um salão grande com amplas janelas, tinha 60 armários, que seriam distribuídos entre as moradoras da casa, uma pia e uma mesa grande. Saindo desta sala, vejo um corredor que dá para dois banheiros, cada um com duas cabines de banho e dois sanitários, uma pequena pia com uma estreita janela que mal deixa entrar luz natural.

Saindo do banheiro, há uma porta que dá para o último quarto, ele tem oito beliches e armários e duas janelas que dão para o Complexo Prates, vi uma ambulância estacionada em frente uma UBS e muitas pessoas que entravam, ou apenas passavam pela frente. A última porta deste andar dá para a sala da psicologia, com janelas para o Complexo Prates. Depois deste tour, a Assistente Social se aproximou e me pediu auxílio para forrar as camas e encapar os travesseiros com os kits que acabara de chegar da ONG, pois um telefonema do serviço Creas-Pop-Barra Funda avisara que duas travestis haviam retirado encaminhamento para nosso serviço.



Uma a uma, preparamos as 30 camas com os lençóis, cobertores e travesseiros. Me deitei em uma das camas e me senti comprimido, o espaço entre os beliches era minúsculo e tentávamos dispor os móveis de forma que desse o máximo de espaço de circulação possível.

Depois dessa tarefa, Edilene me chamou para conhecer o Centro de Acolhida Portal do Futuro, onde poderíamos entender como funcionava este fluxo de encaminhamentos e olhar a ficha de entrada, para observarmos alguns

pontos importantes para compor a nossa. No caminho pude conhecer melhor o Beto, meu gerente. Ele me contou algumas histórias sobre o trabalho com a população em situação de rua. Disse que quando chegou no prédio do Centro de Acolhida Florescer, logo foi até o “Chefe da Rua” aquele senhor de boina que fica com sua cadeira de rodas na esquina da Rua Prates. Segundo ele, sempre que abria um novo equipamento, se fazia importante detectar e conversar com o chefe da rua, se apresentar e explicar o trabalho que desenvolveria naquele território. O dono da rua observava o cotidiano e agia como mediador entre as pessoas, os serviços públicos da região e os traficantes do entorno. Para que não houvessem problemas, era importante a boa convivência com todos estes atores.

Beto é um homem gay e conhecia algumas travestis e mulheres transexuais, inclusive algumas bombadeiras, que faziam o procedimento de aplicação de silicone industrial para construção de formas corporais. Ele se aproximou do público LGBTQIA+ que fazia uso da assistência social, se interessava em contribuir neste momento de vulnerabilidade desses modos de vida. Com isso, a maior de circulação dessas pessoas ocorria no Centro de Acolhida Portal do Futuro, onde estávamos indo e onde ele havia deixado a gerência, para assumir no Centro de Acolhida Florescer.

Quando chegamos no Portal do Futuro, haviam muitos homens em situação de rua na frente do prédio, Beto passou por eles, que o chamaram para solicitar pernoite, se explicou, dizendo que não trabalhava mais ali e orientou eles procurarem o serviço social. Em seguida, Beto me alertou “Não damos conta de tudo, olha o tanto de pessoas na rua, os serviço não contemplam o que elas precisam, temos que saber os nossos limites”. Ouvia um pouco atordoado, enquanto pensava em potencializar essa construção em algo que colaborasse com os modos de vida trans para diminuir o processo de vulnerabilidade de estar em situação de rua.

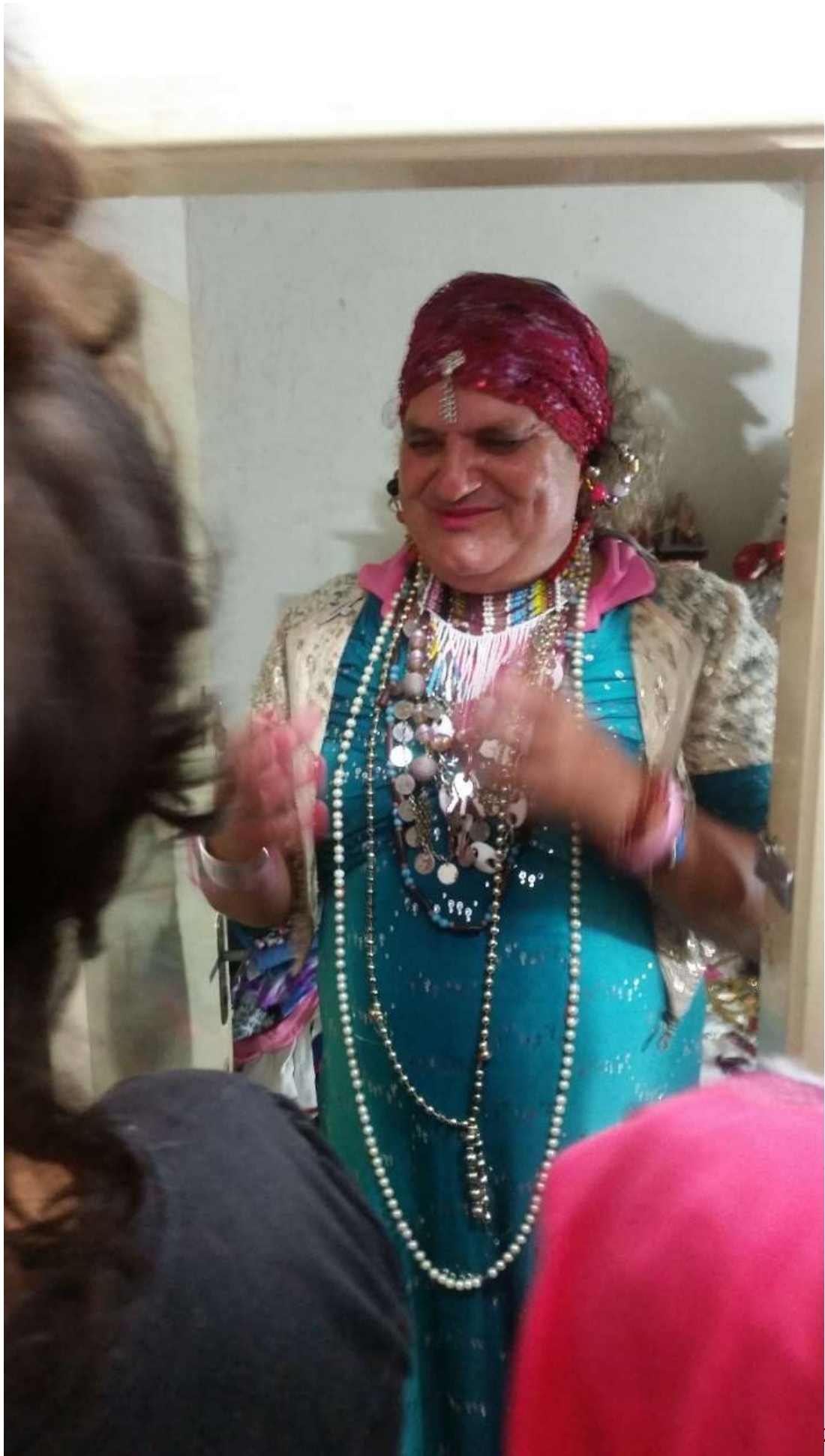
Em seguida, Beto comentou que havia escolhido Florescer para nomear o novo Centro de Acolhida. Precisava entregar um nome para a prefeitura e pensou nas travestis e mulheres transexuais que havia acolhido. Sua percepção dizia sobre seu cotidiano, ter visto elas se maquiando, se vestindo, sendo

chamadas pelos nomes que adotavam. Quando eram acolhidas no Portal do Futuro, algumas se apresentavam como homens e tinham expressão masculinizada. Pensei no quanto estar em situação de rua não impede as Travestis e Mulheres Transexuais de produzirem a expressão de gênero que desejam? Aprendi com a Thaís Azevedo, orientadora do CRD, que ser Travesti implicava em ter gastos. Fazer um corpo “desejável” para ela e para a sociedade, envolvia depilação, produção de curvas por meio de próteses mamárias, silicone industrial, hormônios, roupas... A possibilidade de encontrar um grupo de travestis neste Centro de Acolhida, gerava movimentos de troca, e a aproximação dos profissionais possibilitou vínculos de confiança, que contribuía para elas se expressarem. Beto dizia que algo florescia neste encontro.

Chegando lá, conheci Samanta Jose Mota. Ela estava com um vestido azul turquesa, com detalhes rosa e um casaco branco de paetês, haviam correntes de miçangas coloridas, cordões de medalhas e de chaves que se movimentavam conforme ela andava e mexia a cabeça. Seus brincos de argola cintilavam dourados no ar e as pulseiras de miçangas giravam em órbita com seus braços, explosão de cores que balançavam acompanhadas dos sons.

Ela me chamou para acompanhá-la, então andamos por um corredor bem estreito, pouco iluminado e paramos de frente para uma portinha que ficava embaixo de uma escada, ela tirou uma das chaves de seu pescoço e abriu um pequeno quartinho. Meus olhos se perderam entre os brilhos das artes que cobriam todas as paredes, explosão de universos em linhas e retalhos, que ora





se aglomeravam e formavam bonecos, ora se diluía em pinturas vivas, tudo movimentava. Uma caixa de madeira sustentada por um pilar se destacava no meio do



quartinho, Samanta tirou outra chave que abriu um altar com figuras de boi, vacas, fogueiras, uma imagem de Nossa Senhora, moedas... As chaves pareciam abrir universos que costuravam memórias e movimentos de afetos. Ela pegou painéis de tecido, segurava sobre seu torso para nos mostrar. Em seguida os colocou em minha mão, pude sentir as texturas, as ranhuras dos tecidos costurados que caminhavam em relevos sobre pontos de miçangas. Cada painel parecia se conectar com seus brincos e correntes, como uma continuação de seu corpo pelas mãos que haviam costurado cada cena naqueles retalhos, que continuavam acontecendo enquanto produziam textura de contato, uma pele sensível no ar, pele sonora, brilhosa, que vibrava ao encontrar expressão.

Que interessante como ela expressava seu modo de vida, o corpo transbordava em peles que se diluíam em retalhos, cada um ressoando, como música, notas de uma vida em acontecimento. Aqui falamos de um corpo em expansão, quando fluxos de agenciamento se acoplam às linhas, produzindo traçados em retalhos, que se amontam em cenas de pessoas, bois, fogueiras, que são tocados na pele pelas ranhuras, relevos e cortes destas paisagens. Naquele instante, minha palma foi densidade, os tecidos escorregavam por meus dedos que só podia acompanhar os



relevos e velocidades. Samanta é muda, mas todo seu corpo fala, descreve uma composição dos seus trajetos e paixões.

Depois de uma semana, ninguém havia chegado até o nosso serviço. Recebi um convite do Centro de Cidadania LGBT Arouche, sobre um evento em que a Secretaria Municipal de Direitos Humanos iria apresentar novas políticas de prevenção a DST's. No dia 17 de março, sai do centro de acolhimento em direção à Praça das Artes, onde ocorreria o evento. Estava repleto de pessoas, alguns políticos, como o antigo senador Eduardo Suplicy, trabalhadores dos serviços da Assistência, bem como uma diversidade grande de travestis e mulheres transexuais.

Fomos chamados para entrar e me sentei no meio da plateia, alguém me cutucou e perguntou se eu era o psicólogo do “abrigo das Trans”, disse que sim. Então ela se virou e me mostrou algumas amigas e disse que todas iriam para lá. Olhei para elas e as imaginei morando no Florescer. Durante a conversa, soube que se chamava Cláudia Oliveira, fazia parte do programa Transcidadania e havia sido convidada como todas as demais estudantes atendidas no programa, para participar do evento. Perguntei mais sobre este tal de Transcidadania.

Cláudia me contou que algumas meninas haviam lhe falado do projeto, então ela foi até o Centro de Cidadania LGBT Arouche se inscrever. Quando foi contemplada, passou a contar com o auxílio da bolsa de novecentos e setenta reais, começou a assistir palestras e acompanhar cursos ofertados pelo programa e foi matriculada em uma escola no centro da cidade. Falava da importância deste auxílio, pois já estava na faixa dos sessenta anos e a pista não lhe rendia tanto. No meio disto, o que a atrapalhava era o fato de ter que carregar seus pertences de um lugar para outro, sem vaga fixa, nem sempre conseguia pernoitar nos mesmos lugares. Estava contente que iria abrir o “abrigo das Trans”, pois com a vaga fixa, imaginava que poderia se organizar para fazer suas coisas, se cuidar, estudar e descansar.

Ao contrário dela, outras me disseram que não iriam, pois “escolheram um lugar muito ruim para ele ficar”. Me disseram que no entorno haviam muitos homens, conviventes do Centro de Acolhida Prates e que evitavam aquela região por conta das agressões que sofriam. Naquele dia conversei com Beto, então nos juntamos com Edilene e fomos nos equipamentos do Prates para nos apresentar e dialogar sobre o trabalho com as travestis e mulheres transexuais. Falamos com os profissionais e os conviventes, percebi que muitas pessoas estavam curiosas, tanto para entender, quanto para conhece-las, outras já estavam incomodadas, diziam que não iriam respeitar e que se as pegassem andando por lá, seriam agredidas.



Dia 18 de março, Edilene e eu fomos convidados para uma reunião no Centro de Cidadania LGBT Arouche, onde nos apresentariam as 25 pessoas que haviam requerido vaga em nosso serviço. Lá me reencontrei com Livia, Aline e Verônica. Fizemos uma roda, cada uma se apresentou e começamos a elaborar os primeiros combinados para o bom funcionamento do serviço. Logo as primeiras demandas mais específicas começaram a se desenhar. Uma travesti mais velha perguntou se teria espaço para fazer seu altar, pois era candomblecista, outras travestis a atacaram dizendo que não deveria praticar sua fé naquele espaço. Ela retrucou dizendo que se fosse morar lá, teria que fazer seu altar lá. Meu olhar se cruzou com o de Edilene e compreendemos que sua religiosidade fazia parte de quem era ela, portanto deveria ser acolhida.

Outras falaram que estavam com a Tia⁸ e que precisavam retirar o bombom⁹, perguntaram sobre a possibilidade de serem encaminhadas para o mercado de trabalho, de receberem seus namorados para visita íntima e duas me pediram para ajudá-las a entrar em contato com a família. Não tinha muitas respostas, nem muito conhecimento, mas disse que faria possível para ser facilitador destes processos.



Dia 19 de março de 2017, às 9h30 da manhã chegaram duas kombis da Assistência Social trazendo as meninas. Elas entraram, deixaram suas malas pela sala, ligamos o som que tocava música das divas pop, estávamos em festa, todas se conheciam e naquele momento, comecei a me aproximar.

⁸ No Pajubá, fala-se que alguém está com a Tia quando vive com HIV/AIDS.

⁹ Dá-se o nome de Bombom aos medicamentos retrovirais.

Fotografia disponível em: <https://catracalivre.com.br/arquivo/prefeitura-de-sp-abre-primeiro-centro-de-acolhida-para-mulheres-trans-do-brasil/>



No final da tarde fui para o quintal e encontrei Livia (de vestido colorido na foto), ela estava contente por estar ali com suas amigas. Me apresentou a lanca (de top azul e rosa, ao centro da foto), uma pessoa muito cativante, falava dos perrengues de sua vida com tom de humor e fazia-nos rir. Em tom de comédia me contou do truque que tinha levado de outra bicha na rua, em que levaram todo seu aquê, ela tentou dar o doce na bicha, mas acabou levando a pior, eu ria de desespero, não entendia metade do que falavam e toda oportunidade que tinha, perguntava “o que era a bicha”, no que lanca me explicava “Quando nos encontramos na rua, falamos ‘Oi bicha’, bicha é travesti, mas essa bicha que eu arrumei encrenca era mafiosa”; o “doce” é “bater todinho na bicha, tirar tudo dela, deixar na pior”. Me mostraram um vídeo de uma travesti apanhando e tendo a cabeça raspada. “Essa é minha amiga, ela tentou dar o truque na cafetina, tomou foi um doce”, lanca me explicava.

Ela tinha 21 anos, estudava com Livia, no período noturno na E.E. Caetano de Campos que ficava em frente à praça Roosevelt. Em tom de humor, contava que sempre foi travesti: “onde eu andava me xingavam, eu levantava a cabeça e andava desfilando”, nisso, Dani Roma, uma travesti que estava com 43 anos interpelou: “Travesti não, meu amô, você é viadinho”, “Viadinho o quê? Eu sou é Travesti, você vai ver, logo que eu juntar meu dinheiro vou bombar e vou ficar finíssima, não bombei ainda por que estou doente”. Dani Roma era mais velha, tinha 43 anos, já havia trabalhado nos bordeis do centro de São Paulo e quando teve a oportunidade de ir para a Europa, ficou na Itália por alguns anos

e nos contava um pouco sobre como era aquela sociedade com ela, dizia do respeito que sentia, dos homens bonitos que faziam programa. E motivava Ianca a fazer seu corpo, dizia que depois de bombar, ela poderia fazer um empréstimo e ir para Europa, o que naquele momento brilhava aos olhos de Ianca.

Percebia que a roda ouvia atentamente o que Dani Roma falava, ela explicava os processos que passou para realizar a viagem, quais lugares frequentou, como era o trabalho lá fora e as possibilidades de se juntar renda e realizar cirurgias plásticas. Cláudia que estava na faixa dos 60, também falava de suas experiências na Europa. Parecia que um certo glamour acompanhava as histórias, mas, em alguns momentos, apareciam os episódios de violência a solidão. Ianca, prestava atenção, mas comunicava uma outra coisa. Em tom de humor, falava com todo o corpo, atuando os diálogos da história. Disse que era de Perus, e que desde cedo seu pai não a aceitava. Com seus 13 anos tinha que “fazer a linha” e usar roupas masculinas em casa, mas quando chegava na escola tinha seu universo particular, tirava a calça folgada e ficava com uma colada que já ia vestida. Ali, junto com os amigos gays, podia ser mais ela. Porém a comunidade fofocava, então em um dos dias que voltava para casa, os vizinhos lhe viram e reclamaram com seu pai. Ele a expulsou de casa e por boa lembrança ela foi bater na casa de sua avó, onde tinha ido poucas vezes na vida. Foi acolhida e aceita no seu modo de ser. Porém aos 14 anos teve que voltar a morar com seu pai, ele a obrigou a raspar o cabelo e se comportar “como homem”. “Lógico que eu não consegui fazer a linha, era mulher meu bem, não tenho um pingão de homem, nem uma gota de masculinidade” (entrevista com Ianca, concedida em: 15 de março de 2019), foi então que ela veio para São Paulo”

Ianca chegou no centro de São Paulo e começou a trabalhar em uma casa de prostituição, onde pagava uma diária para a cafetina. Lá foi se aproximando das travestis mais experientes e foi aprendendo a falar no Pajubá, negociar com os clientes o preço que queria com os programas, contava como uma época de reconhecimento e ascensão. Depois disso, ficou doente, não conseguia mais fazer os programas, o que a levou a situação de rua.

Todos os dias de manhã, Ianca precisava tomar o remédio para tuberculose, e quando eu ia lhe entregar, ela me falava que não via a hora de

melhorar para ir bombar. Eu explicava sobre o processo transexualizador e falei que poderia acompanhá-la até a UBS Santa Cecília para ela dar entrada. Ela dizia que o processo não daria a ela o que queria, “Quero crescer, quero formas e isso só o hormônio não vai fazer.” Então falava sobre a importância de esperar o tratamento da tuberculose se encerrar, para que tivesse menos riscos. Me pediu que guardasse sua vaga quando fosse bombar. Entendi que era um pedido sério, que ela estava determinada a realizar este procedimento, o serviço tinha uma política de que após três faltas consecutivas a convivente era desligada e seus pertences eram doados. Então combinei com ela que guardaríamos a vaga. Começamos a criar uma aliança. Apesar de entender que no meu papel profissional cabia a orientação acerca dos procedimentos de saúde, eu entendi nem sempre o que podíamos ofertar estava de acordo com as necessidades delas, então cabia a mim compreender que a bombação ia ocorrer e buscar maneiras de ajudar neste processo.

Nesta semana, fizemos a primeira assembleia, pedimos para que todas presentes participassem para elaborarmos as regras. Estipulamos que o café da manhã seria servido às 08h, o almoço às 12h e a janta às 18h. Elas pautaram o café da tarde, algumas que conviviam com HIV explicaram que começaram a tomar os medicamentos, que lhe davam fome. Nisso, outras que haviam aplicado Perlutam disseram que o hormônio também elevava o nível de fome. Outras colocaram que no horário em que seria servido a janta, precisariam sair, pois



demoravam cerca de uma hora para chegar caminhando a escola. Então decidimos que haveria café da tarde às 15h e de noite seria servido um chá com bolacha. As que estudavam no período noturno combinaram de fazer uma lista e conversarem com as funcionárias da cozinha para guardarem seus pratos. Elaboramos uma escala de uso para máquina de lavar e para utilização dos computadores. Por último elas disseram do tempo ocioso que tinham a tarde, perguntei o que gostariam de fazer, muitas respostas foram se formando “queremos ir ao teatro”, “aprender a costurar”, “conhecer museus”... Naquele momento não tínhamos como responder a estas questões, mas nos comprometemos a pensar em estratégias.

Na primeira semana de abril, Kethleem chegou ao serviço. Me procurou para saber como conseguir o bombom, percebi seu pé muito inchado e vermelho, me disse que tinha aplicado silicone industrial e que havia começado a descer para o pé. Entrei em contato com o CCLGBT, que me indicou falar com CRT-Santa Cruz, liguei e expliquei o caso, então me pediram para preencher uma ficha e aguardar o agendamento.

Na semana seguinte a consulta foi agendada, mas Kethleem não estava mais no serviço, havia saído há dois dias com outras meninas da casa. Me falaram que ela estava fazendo pouso na Disneylandia¹⁰, então fui com Edilene procurá-la. Chegando lá, percebi muitas pessoas, a maioria eram homens, ninguém se encarava, faziam uso em grupos, algumas pessoas passavam vendendo drogas que ficavam dispostas sobre pratos, muita gente andava em diversas direções, passei por algumas barracas e vi algumas travestis, pedi licença e perguntei se elas conheciam Kethleem, elas questionaram de onde eu era, expliquei que era psicólogo do “abrigo das Trans” e estava a acompanhando na solicitação de médico para o silicone industrial, elas me olharam por alguns instantes, senti que estavam analisando, em seguida informaram que ela estava na praça do Deco e que confiaram que eu não iria lhes prejudicar.

Senti alívio em saber que Kethleem estava próxima, mas quando fui até a praça do Deco não a encontrei. Conversando mais sobre a Disneylândia se abriu

¹⁰ Chamavam de Disneylândia a região conhecida por Cracolândia, próximo a praça Julio Prestes no bairro da Luz, onde muitas pessoas vão para consumir crack.

a possibilidade de algumas moradoras me procurarem para encontrarmos estratégias de lidar com os danos causados. Então fui entendendo que os recursos que tinham eram gastos em uso de drogas. Pelo menos uma vez ao mês, cerca de dez moradoras passavam de um a quatro dias seguidos na Disneylândia. Quando voltavam, percebia que haviam emagrecido a pele secava e enrijecia, a boca rachava do calor do contato com os canudos dos cachimbos. Nesse período me aproximei de Elli Almeida, ela vinha de Manaus, cresceu como mulher e trabalhou com colheita de cana de açúcar. De ascendência indígena ela trazia forte o contato com a terra e os conhecimentos das potencialidades das ervas medicinais. Ela queria entender uma forma para deixar de gastar tanto com drogas, dizia que seu corpo perdia as formas, ficava mais magra e sua autoestima diminuía. Quando chegava à Disneylândia, Elli ficava atenta as malocas¹¹ e quando encontrava algum conhecido, se aproximava e iniciava seu uso. Dizia que havia muitos riscos neste lugar e que por alguma confusão, acabou sendo cortada. Mas também haviam os namoros, ali faziam pouso noutros corpos que se entrelaçavam no balanço das pauladas¹².

Em abril acompanhei muitas brigas, haviam furtos na casa que eram vendidos para consumo de drogas. Quando as moradoras identificavam as autoras dos furtos, avisavam que aplicariam o doce. Era proibido que houvessem brigas, mas esta regra foi traduzida para “é proibido causar ferimentos”, pois brigas aconteciam, fazia parte do cotidiano, enquanto brigavam também trocavam afeto e, curiosamente, movimentavam as discussões, distanciamentos e aproximações entre as pessoas que circulavam. Me recordo de uma vez em que duas Travestis estavam brigando fervorosamente, sai correndo de minha sala em direção ao quarto. Quando entrei, recebi uma atmosfera densa, as camas estavam desarrumadas, elas estavam em um pequeno corredor entre os beliches, em uma das camas havia uma bolsa aberta com os pertences jogados, era um dia quente, minha testa escorria suor, também sentia o suor no ambiente, misturado com cheiro de creme para pele e perfumes, gritos que cortavam o ar como uma lâmina afiada, um empurrão, uma foi puxada, ambas giraram os

¹¹ Malocas neste contexto diz respeito ao conjunto de pessoas que se reúnem, geralmente sobre tendas ou pedaços de papelão. Elli procurava as malocas de pessoas conhecidas, pois se sentia mais segura para fazer seu uso.

¹² Paulada: o movimento da pessoa tragar a fumaça do crack.

cabelos chicoteavam o ar e tampavam seus rostos, pedi que se soltassem mas os golpes ficaram mais intensos, então percebi um estilete sobre o colchão e de imediato ele foi tomado por uma delas. Gritei por ajuda enquanto acompanhava o desespero no olhar delas, suspiros de cansaço e um movimento rápido, ligeiro do corpo. Então Jamilly, uma moradora, travesti de 37 anos, alta, magra e de longos cabelos vermelhos ouviu meu pedido e correu para o quarto, as moradoras foram tombadas, caíram na cama e pararam de brigar.

Houve um momento em que outras duas moradoras entraram em conflitos, soube que se desentenderam na Disneylândia e falavam sobre maridos, dinheiro e roubo de celular. No que pude acompanhar, elas que não eram muito chegadas, haviam se encontrado na Disneylândia. Lá receberam uma proposta de um homem para comprarem algumas pedras de crack e irem usar em um dos hotéis próximos da Praça Júlio Prestes. Durante a noite uma delas foi embora e a outra foi roubada. A confusão continuou na casa e muitas tomavam partido por uma, ou por outra. Era incitado a revanche. Soube que a confusão havia se estendido para o CCLGBT e que as haviam proibido de frequentar o espaço nos mesmos dias.

Durante um plantão noturno, estávamos no refeitório, jantando e assistindo TV, então começaram a instigar a briga, as duas passaram a se ofender e a ameaçar. As demais olhavam, algumas gritavam incitando, outras reclamavam da briga. As duas começaram a se entrelaçar, uma conseguiu se soltar e correu até o extintor de incêndios e o pegou para atirá-lo contra a outra. Então Lívia tirou o extintor das mãos da moradora, lhe deu uma chave de braço, ela desmaiou e bateu a cabeça no chão. Um barulho oco se propagou ao passo que vi um fio vermelho vibrante escorrendo no piso. Depois desse episódio, convocamos uma assembleia e conversamos sobre o episódio da agressão. Muitas reclamaram sobre a falta de descanso, pois quando outras chegavam da Disneylândia ligavam seus rádios de madrugada. As brigas traziam uma atmosfera densa. Os olhares pareciam carregar um véu de insegurança, que interrompia o fluxo das palavras, das ações, então algumas foram sendo submetidas as vontades de outras, pelo status que carregavam na rua.

Ali a rua se fazia presença, dentro coabitavam esses mundos, um corpo acuado, à espreita, a espera de uma ordem e o corpo vibrante, inquieto, insubmisso que gritava “as bichas só falam de drogas, vocês precisam colocar coisas aqui pra gente fazer, senão só vive isso, droga, briga, agressão, não tem nada aqui, então as bichas acabam nervosas”, me disse lanca. Então a questioneei “O que vocês querem?”. As respostas foram múltiplas. Queriam ir à Pinacoteca, ao Museu de Artes Sacras, assistir à filmes, aprender a costurar, cozinhar, queriam trabalho, renda, subsistência, beleza, queriam viver.

Na intensividade deste momento, foi possível detectar linhas de força que perpassavam as moradoras. No vai e vem das conversas, foi possível juntar essas linhas de fuga e sensível a situação, vi inúmeras questões perpassando essa realidade. Quando me procuravam, não queriam mais falar sobre o uso de drogas, diziam que já estavam cansadas, pois só se falavam sobre isso dentro e fora da Casa. Foi-se inventando novas conversas, que se potencializavam ao se conectarem com os desejos.

Thaís Azevedo fala sobre esse lugar de mazelo, em que os regimes de inteligibilidade enrijecem as linhas de invenção do gênero que produzem e capturam a marginalidade na Travesti:

Às vezes eu tinha situações de destaque, porque eu sempre fui uma pessoa que... Eu sempre me destaquei. Eu sempre fiz alguma coisa que me faz me destacar. Eu não me coloco em posição ridícula ou infantil. Mas você traz com você carisma, uma série de coisas. Isso é da pessoa, têm gente que tem antipatia, têm outras que atraem admiração, respeito, tem todo um contexto que não se explica, que é natural, isso é natural. O resto é forjado, é tudo... A partir daqui é a outra parte do áudio. Eu não denuncio o mundo, porque eu acredito, assim em extremos de nada, acho que quando você começa a dialogar, você consegue muito mais coisas. Mas então, uma pessoa como eu, que é excluída, que tem uma série de obstáculos, de inserção social, de tudo, eu preciso acenar de uma maneira que eu fique interessante, que desperta curiosidade nas pessoas. E essas pessoas veem a mim e elas descobrem “Nossa, ela é uma pessoa.”. Como outra qualquer, banal mesmo, pensante. Então as outras também, elas são assim também. “Nossa, mas ela não fala nada”. Mas você desenvolveu-se onde? Porque nós somos produto do meio. Aí a travesti ela é jogada no canto. A única coisa que você adquire é poeira.

Você não adquire formação, você não tem bagagem de nenhuma natureza, a não ser de ódio, a não ser de rejeição, a não ser de agressão física, agressão verbal, desprezo. Então você, essa é a sua bagagem. Foi isso que a sociedade te deu e você vai pro mundo com isso. Então é natural que de repente eu estou linda e você ficar olhando “Ai, o que é que é, tá me olhando por que?” Eu sou grosseiro, você até se espanta “Nossa, é tão bonita, mas...”. Ela não tem outra coisa, porque eu só posso dar pra você o que eu tenho. E o que é que é que eu tenho, o que é que foi dado pela sociedade? Desculpa, inverta o jogo da sociedade, me dê outras coisas, que eu vou acenar pra você com essas outras coisas, eu vou fazer um leque de tudo que você possa me dar. E acenar pra vocês, como eu estou acenando com a minha violência, com a minha grosseria e a minha vulgaridade. Foi isso que vocês colocaram na minha bagagem. Papai, mamãe, os irmãos, as irmãs, titia, titio, vovó... Aí você vai pro mundo fazendo a sua trouxinha.

4.2 CONSTRUINDO PONTES: PRODUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS

No encontro com Natália Leite Padoan e Thamíres Crystini Motta, orientadoras socioeducativas da Casa Florescer, traçamos rotas de fuga e pensamos em novos encontros que possibilitassem novas conversas. Nathália é bióloga, militante LGBT e feminista. Ela já havia trabalhado no setor de cultura do Estado de São Paulo, e trazia uma vasta bagagem acerca dos itinerários culturais. Thamíres estudava psicologia, mulher negra e mãe de dois filhos, já havia trabalhado no setor da moda, vestia-se com roupas extravagantes e experimentava-se com maquiagens diversas, sua escuta atenta e sensível aproximavam muitas moradoras, que a tinham como referência.

Nesse momento, mapeamos pontos de aproximação e de distanciamento com as moradoras. Entendemos que as diferenças que compunham nossas trajetórias contribuía na produção de novos territórios de afetividade, entretanto, linhas duras nos segmentava corporalidades concomitantes com nossas identidades de gênero, o que nos distanciava quando procurávamos traçar linhas

de cuidado para acompanhamento em saúde das questões de silicone industrial e HIV/AIDS.

Por isso, propomos um encontro com o Centro de Cidadania LGBT Arouche para compartilhar as demandas de saúde. Combinamos que Aline Marques, travesti que trabalhava como articuladora no CCLGBT levaria uma roda de conversa para a Casa Florescer. A ideia era fazer correr o fluxo que conectava estes corpos: uma história das transfobias que delinearam possibilidades, acoplamento de peles e próteses, desejos que escorrem em fluxos intensivos que se derramam, conectam e cortam subjetividades.

Então, Aline passou a nos visitar quinzenalmente para fazer movimentar conversar sobre HIV, drogas, siliconses, próteses, possibilidades. Como eram importantes essas reuniões, tinha a participação de muitas moradoras. Aline era como uma referência, um corpo que exalava a Travesti na incorporação das expressões. Aline havia trabalhado como agente de prevenção quando participou do programa Transcidadania. Fez parte da primeira turma a se formar e depois foi trabalhar no CCLGBT. Como ela mesma dizia “Sou Travesti das antigas” indicando os percursos e trajetórias dessa constituição. Trabalhou na prostituição, onde conseguiu financiar a construção das curvas realizadas pela aplicação de silicone industrial e implantes de próteses mamárias. Trazia uma expressão refinada, de quem conheceu outras línguas que foram reatualizando seus movimentos e elegância.

Em uma das rodas de conversa, ela nos contou que na década de 1970 trabalhou no centro de São Paulo, em um bordel frequentado pela alta sociedade. Lá, as trabalhadoras Travestis eram tratadas com extremo requinte, como ela dizia “erámos servidas em louça de porcelana”, ao passo que se sucedeu a epidemia da Aids, passaram a servi-las em copos e talheres descartáveis, o luxo deixou espaço para a rispidez, preconceito e exclusão. Depois disso foi para Europa, morou em alguns países e adquiriu muita experiência.

Ela transmitia tranquilidade, abordava as questões de vulnerabilidade, drogas e prostituição com extrema delicadeza e sagacidade. A atenção das meninas se concentrava nela, ficavam em roda, Aline sentava-se com a coluna

numa retidão perfeita, usava tecidos bonitos que confeccionavam roupas sociais. Seus longos cabelos pretos sempre estavam perfeitamente penteados, assim como a maquiagem. Seu tom de voz carregava muita experiência, determinação e serenidade. Se movimentava com agilidade em cima de saltos muito altos e gesticulava com muita classe, uma pessoa com etiqueta. Seu rosto e algumas partes do corpo eram marcados por cicatrizes de facadas que havia levado. O que perpassava a maioria das moradoras da casa.

O desejo não espera o encontro para se efetuar, mas é nele que pode ser construído por agenciamentos. Cada uma com seu território que se desterritorializava e reterritorializava aos novos mundos que iam sendo instigados no encontro, ao passo que lhes convinha.

Neste período, Ariadne do Centro de Referência para Álcool, Tabaco e Outras Drogas também passou a nos visitar. Mulher Transexual e Pedagoga, conectava tecnologias, saúde e possibilidades de transformação do corpo. Safira, moradora da casa, se sentia mulher e acreditava que ao passar pelo processo transexualizador, poderia gerar filhos. Ariadne explicou que a ciência não havia avançado o suficiente para isso. Safira torcia as significações de mulher e tecia naqueles encontros, significações para sua mulheridade. Ariadne se dispôs a acompanhá-las, no Grupo da Diversidade que coordenava no CAPS AD do CRATOD.

As moradoras foram bastante adeptas, o que me estranhava, pois havia um Caps ao lado da Casa Florescer, onde nenhuma moradora frequentava. Eu já havia me reunido com a equipe deles para falar sobre questões de gênero e orientação sexual, porém quando as moradoras procuravam a UBS (integrada ao CAPS), sofriam transfobia de alguns médicos, enfermeiras e atendentes. Me recordo do dia que acompanhei a consulta de uma moradora que vivia com HIV e realizava tratamento em serviço especializado, ela estava com gripe. Na consulta com o médico, ele não a tocou nem ao menos para examiná-la, com expressão de desdém, do outro lado da mesa, pediu que ela abrisse a boca e colocasse a língua para fora. Em seguida falou “Vocês carregam esse sangue contaminado, provavelmente você está doente por causa disso, sua gente não se cuida e ainda contamina os outros”.

Naquela semana, quando cheguei ao trabalho a encontrei na cama vomitando, entendi que ela havia tentado suicídio, enquanto ela dizia não ter mais motivos para viver. Tinha perdido o seu pai e seu irmão, estava muito abalada por estes acontecimentos. Também havia recebido a notícia de que estava com sífilis e já tinha visto algumas amigas definharem com a dificuldade dos atendimentos. Neste dia, esta moradora acordou bem cedo, foi até a praça Armênia, onde tinha encomendado veneno de rato, voltou para casa, se deitou em seu quarto e ingeriu o veneno.

Eu estava em desespero, sabia que, enquanto profissional, eu devia levá-la imediatamente para o atendimento médico. Ela se recusava, dizia “Prefiro morrer a passar por atendimento, não quero mais viver, não tenho mais motivo para isso”. Aquele corpo gritava por liberdade, havia saído de São Luís do Maranhão aos 18 anos, quando veio para São Paulo em um ônibus clandestino que tinha por destino Santa Catarina, onde seria recebida por amigos. Quando chegou em São Paulo, todos foram obrigados a desembarcar, ela se viu sozinha e desamparada no centro de São Paulo. Era um corpo que já havia lutado muito por alívio e assim falava comigo “não quero estar nas mãos dos médicos”, já não estava nas mãos de seus pais, eu ouvia com muita reverência tudo que me dizia. O que é justo? Percebi que qualquer possibilidade que eu podia ofertar para ela não seria. Continuar vivendo sem garantias, estando sujeito as transfobias e a perversidade das pessoas. Mas eu estava ao lado dela e naquele instante ela pode se apoiar em mim. Aceitou ser levada a UBS, então chamei Alana, que trabalhava como cuidadora na Casa e a levamos para o atendimento.

Alana também era travesti, chegou ao quarto e me viu sentado ao lado da cama da moradora, o vômito na cama e no chão, então foi tomada pelo desespero, começou a gritar para corrermos com a moradora, ao passo que expliquei rapidamente a situação e pedi auxílio para vesti-la. Procurei uma camiseta em seu armário e Alana a vestiu. Pegamos a moradora um em cada braço e a levamos até a sala do médico, onde ela passou pelo procedimento de lavagem estomacal e ficou em observação.

Ela quase morreu por se recusar estar nas mãos de médicos que lhe desrespeitassem. Mais do que importante, era urgente que os serviços

respeitassem as diferentes corporalidades. Muitas deixavam de fazer acompanhamento das suas condições de saúde pela falta de preparo e tratativas perversas dos profissionais.

Por isso elas eram mais adeptas do CRATOD, ainda que houvessem situações de transfobia, o diálogo era mais próximo, sempre que isso ocorria, entrava em contato com a Ariadne que nos atendia prontamente, tão logo a situação deixava de ocorrer. Havia um grupo de pertencimento ali, elas se encontravam com outras travestis que faziam pouso na Disneylândia e ali podiam construir novas coisas. Me recordo que no dia 08 de abril de 2016 fui convidado para assistir ao Show das Poderosas. Maquinas se ligando a outras maquinas, fluxo eterno de deslizamentos semânticos entre cuidado, cura e alegria.



Neste dia, a moradora Yasmin apresentou duas performances, uma da música das poderosas e outra da música “Jesus Cristo, eu estou aqui”. Era Cristo, Anitta, capas, paêtes, movimentos ágeis no salto, vigor e representatividade. As contradições faziam parte e Cristo estava vibrando naquele corpo Trans que o lembrava. Entendi que a arte era muito potente no cuidado que atravessava aqueles corpos. E busquei rotas de fuga para criação de novos territórios de cuidado.

Depois desse dia, Nathália, pensou em convidar Leonna Jhovis, uma atriz mulher transexual que havia estudado com ela, para conhecer a casa. No dia da visita, eu estava aplicando uma oficina de Fanzines e ela participou conosco, a proposta do dia era realizar uma colagem, respondendo “O que é ser Trans”, e notei uma multiplicidade de expressões, Suzy Muniz desenhou a figura de um rosto e foi atribuindo palavras as sensações de habitar a transexualidade. Depois da colagem, cada uma compartilhou um pouco de sua história. Leonna despertou

em outras duas meninas o desejo de trabalharem como atrizes, então ela falou dos cursos da companhia Faroeste e convidou todas para conhecer o Teatro.

Dia 12 de abril, todas estavam arrumadas e saímos a pé em direção à Rua do Triunfo, 301 na Luz. Notei que poucas fizeram pouso na Disneylândia, a



maioria ficou em casa se arrumando para a noite no teatro. Percebi a importância de se estimular essas fugas, outros territórios de prazer.

Percebia que “as bonitas” – como eram chamadas as que mais despendiam tempo para se arrumar, não andavam próximo as outras. Foi então que me aproximei de Paloma, travesti de 21 anos, órfã de pai, sua mãe estava



encarcerada e tinha uma irmã perdida. Ela estava no Transcidadania e fazia entregas para o Habib's no período noturno. Me contou que lá lhe tratavam no masculino e que não podia assinar como Paloma. Falou que até gostaria de se maquiar, mas gostaria de aprender com alguma professora. Contei para ela de Danny Nascimento, uma psicóloga amiga minha que tinha se proposto a oferecer oficina de maquiagem para elas.

Paloma disse que se interessava, então comecei em novas possibilidades de movimentações daqueles fluxos. Chegamos ao teatro, nos sentamos e a peça começou. Olhares atentos acompanhavam os atores. Num dado momento, Leonna entrou no palco e as meninas foram ao delírio, “Arrasô Amapô¹³” “Olha esse manto¹⁴”, um dos momentos da peça elas subiram no palco e dançarem com os atores.

Voltaram comentando que queriam repetir a dose, queriam que acontecesse mais passeios. Chegamos na Casa e elas pediram pizza, pela primeira vez vi elas gastando o dinheiro com uma comida que gostavam. Pensei

¹³ Amapô significa Mulher, é usado como elogio quando gostam da performance feminina da Travesti ou Mulher Transexual.

¹⁴ Manto: Cabelo muito bem cuidado, brilhoso, bonito.

em como expandir isso, e em conversa com as orientadoras Nathália e Thamíres tivemos algumas pistas.



Nos dividimos para conversar com cada moradora e entender suas vontades e como poderíamos ser facilitadores deste processo. Em seguida, mapeamos algumas categorias comuns que foram levantadas, como: Aulas de reforço escolar, Maquiagem, Costura, Cabelo, Dança, Plantio, Cozinha, Visitas ao Museu de Artes Sacras, Pinacoteca, Cinema. Então elaboramos um texto que foi divulgado em correntes de artistas e militantes, convocando voluntários para desenvolver este trabalho. Na segunda semana de abril já ocorria a primeira oficina de maquiagem, dada pela professora Danny Nascimento.

Com o tempo, o dinheiro se tornou alimentos que pediam para que guardássemos nas dispensas. Algumas vezes durante a noite utilizavam a cozinha para cozinhar. Um censo de comunidade começou a se estabelecer e já não se falavam de Centro de Acolhida, mas sim de Casa Florescer. As travestis e mulheres transexuais que ali faziam morada (provisória) descansavam, se alimentavam e pensavam suas vidas, olhavam para a saúde, o que por vezes as motivavam a procurar atendimento.

Ali também pensavam seus processos corporais, compartilhavam possibilidades de se fazer. Alguns dias, os varais se tornavam expositores de perucas e enchimentos, que eram lavados e colocados para secar. Nos dias de

pagamento tinha aplicação coletiva de Perlutam¹⁵. Meu trabalho passou a ser acompanhar as potências de cada uma e pensar formas de conectar talentos e multiplicar as potências.

Houve muitas repostas de pessoas interessadas, então iniciamos um projeto que se chamou Florescer Cultural, com a proposta de conectar pessoas que trabalhavam com cultura, para facilitar realização de oficinas de Teatro, Performance, Dança e também promover passeios culturais. Além disso, o projeto pretendia criar uma agenda semanal de aulas de reforço em português, matemática e ciências. Conforme os voluntários iam se candidatando, elaborávamos estratégias para arrecadação de material e organização do espaço. Em menos de um mês estávamos com a agenda de atividades repleta e isso trouxeram outros encontros. Não se via mais muitas brigas e diminuiu o pouso das meninas na Disneylândia. Percebia que elas gostavam das aulas e valorizavam o tempo que os voluntários ficavam na casa. Ocorriam trocas, elas realizavam os trabalhos e estudavam, enquanto eles aprendiam sobre seus modos de vida e trajetórias singulares.

4.3 SOU TRAVESTI, SOU MULHER TRANS, SOU MULHER: CONEXÕES ENTRE INCORPORAÇÕES DE GÊNEROS.

Seguindo as conexões, a professora de filosofia Luiza Coppieters e Thaís Azevedo foram convidadas para conversar conosco. Foi interessante acompanhar o espanto e a resistência das moradoras ao conhecerem um amigo Transexual de Luiza. “Como pode um homem de vagina” elas se indagavam. Fernanda comentou “outro dia estava fervendo em um bar do Arouche, e comecei a me achegar num menininho, nos beijamos e quando estávamos saindo, ele me disse que tinha vagina”. Havia a compressão que não era o pênis que atestava suas identidades, mas a forma como criavam seus mundos.

¹⁵ Medicamento anticoncepcional, utilizado pelas Travestis e Mulheres Transexuais pela ação da progesterona na diminuição da testosterona, causando uma redistribuição de gordura pelo corpo, além de afinar a pele.

Discutimos as possibilidades de ser Mulher, Travesti e Homem, as fronteiras estavam embaçadas, mistura de jeitos, emoções, corpos e fluídos. O que produzia o Homem Trans era necessariamente o desejo, que tomava corpo em pelos, barbas.

Entre as trinta moradoras, apenas duas não se declaravam travestis: Carla que se autodeclarava Mulher Transexual e Elli, que se declarava Mulher. Me recordo que quando Carlinha chegou a Casa Florescer, ela me perguntou se poderia assinalar Mulher Transexual ao invés de Travesti, pois ela se sentia



Mulher desde a infância, era afeminada, reagia de maneira sensível, retraída e por isso, dizia-se diferente das outras Travestis. Carlinha se entendia diferente das moradoras Travestis, e para ela, a emoção expressa a partir das conversas, o afeto que movimentava os corpos eram fatores que lhes distanciava. Entretanto, o que ela havia aprendido com as travestis era que mulheres transexuais eram quem tinha passado pela cirurgia de confirmação de gênero além de não apresentarem os trejeitos e linguagem adquiridas na rua. Na roda de conversa, Luiza explicou que mulheres transexuais eram aquelas que se entendiam e reivindicavam para si o gênero feminino, independente da cirurgia.

O gênero não está no corpo, mas pretende descrevê-lo a partir de diversos discursos, práticas, normas que controlam as possibilidades de expansão dos sentidos e possibilidades para o corpo.

Para Butler (2015) a sociedade invoca inteligibilidade nas pessoas a partir da impressão de um gênero nos corpos, que corresponde aos padrões de normalidade, neste sentido, os gêneros inteligíveis são os que mantem relação de coerência e continuidade entre sexo - gênero - prática sexual - desejo. Os que não reproduzem essa lógica, são proibidos e produzidos pelas práticas reguladoras que fazem identidades em continuidade, por via de uma matriz heterossexual.

Os estudos queers apontam para as fragilidades dessa matriz de produção de corpos heterossexualizados e cisgenerizados, que a todo momento precisam de investimentos minuciosos de controle e reificação dos papéis sociais. Apesar destes investimentos, os corpos escapam as normas de inteligibilidade e se proliferam para campos diversos, oferecendo uma oportunidade de apontar os limites e os objetivos reguladores deste lugar de inteligibilidade. Ao mesmo tempo, oferece um campo de disseminação dos gêneros nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, provocando matrizes rivais, subversivas e de desordem do gênero (BUTLER, 2015).

Neste sentido, Paul B. Preciado, pesquisador espanhol contemporâneo da identidade, pornografia, gênero e sexualidade, argumenta que todos nascemos operados por tecnologias sociais precisas, que produzem nos corpos e nos outros espaços políticos o discurso de equação entre natureza=heterossexualidade. Este sistema, por meio de dispositivos sociais produzem feminilidade e masculinidade que operam pela fragmentação e divisão do corpo. Se recorta o corpo gerando lugares de alta intensidade sensitiva e motriz, que posteriormente serão identificados como centro natural da diferença sexual (PRECIADO, 2014).

O que se fazer neste sentido? Preciado (2014, p27), oferece um caminho: “sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições”, provocar deslocamento nos lugares de enunciação heterocentrados e reforçar o poder dos desvios e derivações.

Dito isto, me relembro de outra cena que ocorreu neste dia. Fernanda, uma moradora havia acabado de chegar à sala e ao ver Thaís, abriu um sorriso e foi cumprimentá-la. Em seguida ela se sentou ao meu lado e conversamos brevemente, expliquei que estávamos falando sobre identidade de gênero, em

seguida ela interpelou as convidadas: “É possível uma Travesti sentir prazer sendo ativa? Porque é uma coisa muito louca, às vezes baixa uma coisa em mim e vou com tudo no homem, já viro a bunda e tasco-lhe o pau, mas eu não entendo, pareço um menininho adolescente as vezes”. Ela se movimentava freneticamente, pegava algo no ar e puxava para sua cintura, simulando uma relação sexual.

Em outras conversas com moradoras da casa, eu havia compreendido que era bastante valorizada a posição passiva na relação sexual como forma de atestar a feminilidade que elas carregavam. Como um dia em que Dani Roma veio reclamar que sua companheira de quarto estava “batendo muita punheta” e que aquilo não era comportamento de Travesti. Certas atitudes desqualificavam o grau de comprometimento da Travesti na conduta frente a sua construção de gênero, pautada na lógica das trajetórias singulares das outras Travestis. Outro fator que gerou bastante controvérsias na casa, foi quando duas moradoras começaram a namorar. Olhavam com estranheza para as duas e por vezes ouvia algumas reclamando deste fato.

Neste dia a Professora Luiza Coppieters nos contou que era Lésbica e que havia diversas vivências possíveis com a sexualidade, assim como com a identidade de gênero. Thaís reafirmou que a posição sexual, para onde você dirige o afeto, corresponde ao desejo singular de cada uma, e se tratava de algo tão peculiar que cada qual teria sua forma de expressá-la. Houve muito constrangimento das moradoras, se envergonhavam, recuavam, mas também estavam animadas, encontravam novas possibilidades de serem Travestis, Mulheres Transexuais, Mulheres.

4.4 THAÍS AZEVEDO E SUA CRIAÇÃO DE CORPO ENTRE EMOÇÕES, REFLEXOS E VIBRAÇÕES NA CARNE

“Não tenho muitas respostas para algumas coisas, a maioria delas. Eu deixei de sofrer a partir do momento que eu deixei de dar muita importância as respostas. Por que à medida que eu vou

vivendo, essas respostas vão mudando, mas elas vão se encaixando. Nascem mais perguntas: Eu estou me encaixando a essas perguntas? Ou essas perguntas estão me encaixando a mim? As minhas necessidades? Quando você parte para esse campo, é tudo muito complexo. Então a gente começa a falar, isso não quer dizer que eu vou te dar um caminho ou um norte, mas com certeza eu espero sair com uma direção.

Essas foram as primeiras palavras de Thaís, no dia 13 de março de 2019. Estávamos sentados em uma sala de reunião do CRD, haviam estantes de mogno e a janela da sala tinha vidros que davam para um jardim aberto. Eram 15 horas, os raios do sol entravam na sala. Thaís estava sentada de costas para a janela, os raios de sol lhe contornavam. Bebíamos água, enquanto conversávamos sobre a pesquisa. Thaís iniciou me dizendo que não lhe importava tanto as respostas, já que elas mudam constantemente com a experiência. Além disso, se interpela acerca do efeito dessas perguntas sobre si: *“Eu estou me encaixando a essas perguntas? Ou essas perguntas estão me encaixando a mim? As minhas necessidades?”*. Pedacos retalhados para se encaixar – finalizar, morrer – nas perguntas, ou questões que lhe chegam e se compõe com seus desejos? Será que as perguntas falam sobre suas necessidades? Tirando esse peso das respostas, caminharemos pela teoria de Thaís. Não buscamos um norte, mas o caminhar que no final desenha seu percurso...

EU SOU EMOCIONALMENTE MULHER, forte é claro, mulher poderosa. Mas não masculina. Eu sou bem feminina. **SER FEMININA PARA MIM É UMA REPRESENTAÇÃO**, então eu sei **ONDE, QUANDO E COM QUEM** eu posso ser muito feminina, mais ou menos feminina, ou não feminina. Tudo isso não é discutido, mas acontece o tempo todo. **VOCÊ FAZ AS SUAS REPRESENTAÇÕES**, mas eu estou num **CAMPO DE REPRESENTAÇÕES QUE TE DESRESPEITAM**. Eu represento muito bem a mulher socialmente, não sei representar um homem, porque não tem nada em mim de homem, a não ser meu pênis e eu não sou norteadada pelo meu pênis, eu não respondo a anseios do meu pênis. Esses anseios são da

sociedade machista e patriarcal, não são meus anseios. **AGORA AS TRANSFORMAÇÕES DO MEU CORPO ELAS SE DÃO COMO, QUANDO E PORQUÊ?** Que você vai aprendendo desde cedo que ser mulher é um corpo e ser homem é outro, e **COMO SEUS REFLEXOS SÃO TODOS FEMININOS, VOCÊ É INDUZIDA A BUSCAR UM CORPO QUE CORRESPONDA A ESSES REFLEXOS.** Aí é o que a gente faz, eu vou transformar meu corpo em um corpo feminino, atraente, bonito, porque você tem que ter todos esses predicados.

Onde se localizam as emoções? Como elas movimentam os territórios da carne, impulsionando a criação do mundo? É preciso se aproximar desses movimentos tectônicos da humanidade e então deixar-se levar pelos desvios, olhar para as frestas que vão crescendo, enquanto Thaís vai desenhando as fissuras que racham nossos sentidos. É exatamente neste agenciamento maquínico de forças que se afetam e se relacionam no plano dos afetos, que a emoção devém como criação de mundo.

Antes dessa mulher encarnar e ter os códigos sociais impressos em sua pele, ela já estava em processo de acontecimento no campo das emoções. Um lugar não visível a olho nú, esse que percebe os estímulos visuais como informações, e conduz a categorizações que se orientam pelas formas e funções. Esse olho-retina só capta uma das dimensões desse corpo. Sueli Rolnik propõe o conceito de *corpo-vibrátil*, para este fenômeno do corpo que se abre para o encontro com o outro corpo e experimenta a mistura de afetos que buscam expressão. Ela diz “deixa o seu corpo vibrar em todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização” (Rolnik 2006, p. 66).

Então permito-me vibrar e aos poucos recebo frequências de forças que me chegam, e me movo no encontro com essa mulher. Como veremos mais adiante, as emoções de Thaís lhe engendram mulher, a Travestilidade é experienciada como recurso para exprimir a mulher que move-se nela. Então será privilegiado a multiplicidade dos termos para abarcar esta polifonia dos

processos de criação de Thaís fala sobre um corpo que se abre para receber o mundo, de forma semelhante ao que Kastrup elaborou sobre a emoção criadora, uma emoção não explicada pela transposição psíquica de uma excitação física, mas como *afecção* que a sensibilidade é geradora de emoção¹⁶. Um corpo que habita os hiatos das pressões sociais e transcende à intelecção, o libera do que é próprio nessa emoção que lhe movimenta para fazer-se como criadora, “um ente adequado a todo o movimento da criação”¹⁷.

Para Thaís a masculinidade e a feminilidade são representações, pertencem ao campo do social. As pedagogias do gênero fizeram muito bem o papel de mapear os territórios das representações que garantem legitimidade social ao consentir com uma lista de gestos, modos de se vestir, de falar, de andar e se comportar, uma série de modos que serão divididos e (re)investidos nos corpos para criar masculinidades e feminilidades. Mas Thaís explica que veio em um corpo que “*por acidente de percurso*” não coincidia com as gramáticas forjadas para as feminilidades.

Thaís compreende que feminilidade e masculinidade são representações, elas acontecem em uma microtemporalidade no encontro com alguém, isto dependerá de “*onde, quando e com quem*” este corpo pode se representar. Então quando eu experimento este plano afetivo, recebo novas forças que engendram outras corporalidades para representações do feminino. Eu me aproximo do “Onde” do processo de criação de Thaís, para acompanhar as emoções que lhe engendravam. Você consegue imaginar a arquitetura daquele espaço? Como era a paisagem? Como eram as pessoas? Como esse lugar afetava o corpo que navegava nas fronteiras das criações de gênero?

Antigamente nas fazendas, esses feudos, tinham aqueles meninos que ficavam relegados na cozinha e eles tinham todo maneirismo de mulher. Então a partir do momento que eles têm esses trejeitos de mulher são pessoas

¹⁶ KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papirus, 1999.

¹⁷ DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: 34, 1999. P. 91.

transgêneras. Nós vamos para cozinha e ali ela serve. Serve na cozinha e serve na cama os senhores brancos.

“Quando” este corpo pode representar feminilidade? Nos momentos em que a casa está vazia, no silêncio, longe do olhar de outros é que ocorre o encontro com o senhor branco, que afeta movimentando suas emoções, impulsionando a criação de feminilidade, recebendo as representações vigentes na cidade de Várzea de Palma, na década de 1960, mas também incorporando algo outro.

Thaís afirma que não pode representar um homem, pois “Não tem nada de homem, a não ser meu pênis”. Mas não é o pênis como órgão, que responde a anseios machistas e patriarcais. Observa que a sociedade opera estratificações, que hierarquizam os corpos e os codificam. Pega-se o corpo, recorta-se suas partes e opera-se destinos para cada pedaço que será (re)encarnados no processo de reterritorialização da carne, ressemantização de todos os recortes e reinvestimento de intensidades em zonas específicas, para fazerem circular determinados sentidos.

MEU EMOCIONAL É O QUE IMPERA SOBRE O MEU CORPO, esse CORPO É UMA TELA para eu colocar a roupa que o meu emocional se sente bem. A TECNOLOGIA a partir da sintetização DOS HORMÔNIOS ME PERMITE COLOCAR MAIS ESSE INGREDIENTE NESSE CORPO.

Thaís então irá re-operar e re-organizar as intensidades, criando outras formas de se relacionar com seu corpo. Ele será experimentado como uma tela que se colore por engendramentos da emoção que vai imprimindo expressões na superfície.

Apesar da carne ser tomada como superfície para codificação de significados sociais, Thaís opera desvios e se encontra com novas sensibilidades. Se constroem à medida que a superfície do corpo ganha relevo pelo conjunto de intervenções tecnológicas, como a hormonização, o silicone industrial e próteses de silicone. Mas também por reflexos que intensificam-se enquanto se acoplam na superfície do corpo, trazendo nuances dessa mulher.

Para Thaís são os reflexos, um fenômeno que se derrama sobre o corpo, escoam os sentidos da superfície que são recebidas pelos olhos do observador e fazem novas conexões entre a emoção, carne, corpo. Cria mundos no encontro entre corpos que se abrem para receber, sem intenções, esses reflexos de emoções. Eles acontecem na carne à medida que vibram sobre ela, como um trejeito, um desvio das corporalidades vigentes ao gênero de atribuição que provoca novas intensidades que tornam possível vislumbrar nuances. Reflexos de emoções que engendram uma mulher, sobre uma superfície corpórea significada socialmente como homem. Então, os reflexos pedem relevos, novos contornos para expansão dessas emoção que cria.

A emoção que lhe cria como mulher, pede passagem para se encarnar, fluxos intensivos de desejos vibram em sua carne, imprimem reflexos de feminilidade que pedem corpo. Thaís se constrói como mulher pelas intensidades de emoções que movem um conjunto de sentidos.

“Nasci em 1949, agora em junho estou fazendo 70 anos. Nasci em uma cidade pequena chamada Várzea da Palma em Minas Gerais, lá para Bahia, Montes Claros, essa região de Minas Gerais. Minha sensação de ser foi a mesma de uma pessoa nascida feminina, por acaso isso se chama mulher, eu não tenho atitudes, nem relações, nem sentimentos masculinos. Quanto mais eu vivo, que eu fui conhecendo como é o homem, como é a mulher, eu percebo “Realmente eu sou mulher” eu sei que essa mulher foi construída nos acontecimentos sociais, mas eu nasci com a tinaça para esse universo feminino. Tudo em mim me jogava, me direcionava para esse universo, então eu não sou aquela coisa passiva que foi construída, mesmo porque eu não me desenvolvi em um ambiente feminino, cresci com cinco irmãos masculinos, me desenvolvia entre eles. Crianças que são desenvolvidas na roça tem brincadeiras de meninos que são muito diferentes de meninas. Meninas não saiam de dentro de casa, menino tinha o campo, tinha os cavalos para montar, tinham os rios para nadar pelado, então eu estava nesse contexto masculino, cercado de meninos extremamente masculinos e isso não me transformou, isso não me fez uma mulher rude. Fui

extremamente delicada no meio desses meninos todos, nunca deixei de atuar como mulher no meio desses corpos masculinos. Então eu acho que tem muito de mim na minha construção, as pessoas ou você vai entender o que é que eu estou dizendo? É meio complexo, não estou recusando a ideia de que eu sou uma construção social, ser mulher é uma construção social, mas que mulher eu permiti que se desenvolvesse em mim, aí eu acho que isso tem muito meu”.

Ali, em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, em 1949, Thaís veio ao mundo, passou a compor a família com seus cinco irmãos, sua mãe e seu pai coronel. Brincava na roça, os meninos montavam cavalos passeavam no campo, trotavam e levantavam terra pelo caminho, performances de gênero impressas na superfície daquele chão, tão logo se desmanchavam, com as criações de novos universos. Os riachos que cortavam as paisagens eram outros tantos horizontes para aqueles corpos se experimentarem, despidos de roupas e de regras, em fluxos de águas que conectavam ao passo que amorteciam o racionam, então as emoções diluídas misturavam-se com corporalidades, correntezas de uma mulher chegava em Thaís.

Sua mulheridade perpassa um processo de construção social que se iniciou na infância, fez contato com a pele do social, derramando-se sobre ele e se desmanchando, criando corpo para suas emoções. Os reflexos eram verdadeiros raios que iluminavam as geografias corpóreas e possibilitava ver as nuances daquele corpo em acontecimento, detectável aos que recebiam esse processo, tornando-se mistura, confusão e desmoronamento de certos mundos, para composição de mundos mais belos.

No contexto e na relação com aqueles corpos que incorporavam masculinidades que Thaís pode se expressar diferente. Sua emoção criava em seu corpo outros movimentos, atitudes, comportamentos e sensações disruptivas com àquelas programadas para ela. Criação de uma mulher que aconteceu nos encontros sociais, pelos fluxos de seu desejo.

“Eu nasci com a tinança para esse universo feminino”, não havia expressões, sentimentos ou relações que Thaís pudesse compreender como

masculinas em suas geografias corpóreas. Em Várzea de Palma que Thaís inventou novas possibilidades de ser-mulher, desterritorializando universos que impregnavam seu corpo de significados que nada tinham a ver com suas emoções. Essa mulher se negou a reproduzir a maneira tradicional de ser-mulher, driblou os regimes que destituíam seu corpo de intensidades emocionais e saiu de casa para explorar o campo, vai nadar pelada entre os corpos masculinos e vai atuar de acordo com suas emoções. Os encontros eram verdadeiros fios condutores dessa energia que se efetuava a medida que o processos de subjetivação compunham novas concepções de gêneros em carnes que se mutavam no encontro com paixões, corpos e próteses.

Com 13 anos, ali em Várzea da Palma, Thaís se apaixonou por um garoto “gostava de estar com ele, não tinha entendimento dessa relação homem e mulher, de sexualidade, não olhava para ele com perspectiva de relação sexual. Não tem explicação para o que você se apaixona”. Ela “queria estar bonita para ele”, que de acordo com suas emoções, para estar bonita precisaria: “vestir-me e me paramentar para a vida social como se fosse uma mulher”. Então ela refletiu que para isso ocorrer, ela precisaria “lançar mão de algumas coisas que nem a família nem escola nem ninguém aceitaria. que era a travestilidade”. Aqui a travestilidade é incorporada como recurso para fazer circular os afetos que chegam a Thaís, as emoções que se sucedem disso e como ela cria a si própria e ao mundo, potencializando essa emoção criadora.

Naquele contexto, Thaís não pode “sentir-se bela” para seu “eleito” com sua idade, Thaís era considerada criança. Ela conta: “Eu era uma pessoa bem avançada para minha idade, naquela época. Que uma pessoa de 15 anos, no meu período, era criança”. E como todas as outras crianças, se usava “calça curta”. Apenas quando o “menino entrava no período de homem, usava calça comprida”. Avançada como era, já sabia que o destino pré-estabelecido para si, não condizia com os reflexos que pediam passagem. Thaís ainda vivia “como uma criança, não tinha essas responsabilidades e maturidades que crianças de 15 ou 16 anos tem hoje”. O mundo adulto era uma contemplação distante, um mundo ainda em criação naquele ser, mas os papéis sociais já atuavam no corpo de Thaís, impelindo-a seguir as determinações implícitas do gênero atribuído, como ela conta: “Tudo ficava muito suspenso, não tinha discussão, nem

orientação. Ninguém escutava a gente, ninguém falava nada, as pessoas falavam com a gente quando tinham que repreender”.

As ambiguidades em seu corpo logo foram percebidas por sua família, que acreditou se tratar de uma caso de homossexualidade, algo inicialmente passível de cura pela medicina: “Eu fui levada aos médicos, aplicaram injeção de testosterona quando eu estava puberdade e isso só é exacerbaria ainda mais a questão do hormônio em mim”. O que supostamente deveria funcionar como inibidor de outros mundos, intensificou seu processo de criação: “Quando você tem libido e um cérebro feminino, o seu desejo vai se direcionar sempre o seu objeto de desejo. Você não vai começar a pensar igual homem, porque você tem tanto de testosterona”. Thaís explica que os médicos estavam diante de algo que ainda não existia, algo que ela estava permitindo que acontecesse nela, “mas assim, por que é que você é não existe? Então quando o homem se vê diante de coisas que ele não sabe responder, ele classifica e te patologiza”. Compreensão essa que não respondia aos anseios de suas paixões “E aí eu fiquei mais atrevida, consegui ter coragem de ir vida”.

Na adolescência, Thaís foi morar em Belo Horizonte, na casa de uma tia, para estudar. Ela conta que essa tia era “extremamente homofóbica, muito agressiva no discurso com relação a essas coisas” e como era de cidade grande “percebeu imediatamente que eu não era heterossexual”. Thaís relembra uma frase de sua tia que lhe foi muito importante: “Se você quer envergonhar a sua família, o mundo é muito grande”. Ela reflete sobre essa fala: “Como quem diz, ‘Se manda né’, o mundo é grande, mas não me ofereceu nenhuma condição de ir para esse mundo, não me explicou por que que eu envergonhava a família”.

Thaís conta que “antigamente nas fazendas” quando percebiam “meninos com maneirismo de mulher” estes ficavam “relegados a cozinha” e com isso deviam “servir na cozinha e servir na cama os senhores brancos”. Ela entende que “a partir do momento que eles têm esses trejeitos de mulher, são pessoas transgêneras”. Pessoas que aparecem para servir, nutrir e saciar os desejos dos senhores brancos, num transito entre cozinha e o quarto. As paixões de Thaís estavam fora dessas geografias, construíram em si desejos de “estar bela” para seu “eleito”, estar “como a moça que eu emocionalmente me sentia”.

Posições de mundo que não compunham com sua autopercepção, então ela diz “vou para o embate e a sociedade que me espere”. Sem destino, é lançada em leituras que lhe abrem a novos mundos: “E aí a leitura me leva as descobertas de mim mesma, do meu eu, de quem que eu sou. Não tem compêndio para essas coisas, o que eu sou e por que é que eu sou, e como eu sou”. Nesse período Thaís comenta sobre sua experiência nas ruas. Começou a tomar hormônios, novas curvas e novas geografias se abriam. Conheceu o “submundo”, que como ela reflete: não está relegado a um lugar ou a alguns lugares”, é “a própria conjuntura social”. Ela me convidou a “tirar o tapete”, então comecei a receber notas dessa dimensão, o olhar penetrante, as intensidades que se expressavam pelo som, a atmosfera que silenciava o mundo fora daquela sala e fazia vibrar em mim os sons e olhares, intensidades que eram incorporadas ali, e conforme eu aguçava meus sentidos, recebia nuances dessa conjuntura.

Longe de teto e sem chão estável, Thaís ancorava-se em Machado de Assis e Jorge Amado “que denuncia muito a miséria social da gente” e ganhava terra firme para apurar sua visão: “Eu vivi muito intensamente as questões da política social, quando você é excluído, assiste, e quando você assiste, adquirir uma visão muito mais apurada do homem, da pessoa, do cidadão e de si mesmo, isso vai te fortalecer muito”.

A partir da experiência da exclusão, no ato de “enxergar-se de fora”, assistia a si própria e ao mundo. As forças que reagiam em seu corpo dissidente começaram a criar formas, ela explica:

Comecei a descobrir que eu estava em um submundo. E conforme você começa a entender o social, o trâmite da vida, entende que o homem ainda está no patamar de submundo. Porque o dinheiro, o capital, encobre uma série de deformidades. Se você tirar esse tapete de cima, você vai descobrir que o submundo não está relegado a um lugar ou a alguns lugares, o submundo é a própria conjuntura social. Nós somos muito perversos, nós temos um poder de hipocrisia que é uma coisa assustadora. Tanto é que as transgêneras as travestis, são alimentadas na prostituição por quem? Por aquelas pessoas que mais condenam, que mandam

matar, são aquelas que mandam expulsar de suas portas, de suas casas, são essas pessoas que desfrutam desses corpos.

A partir dessa elaboração, outras dimensões do submundo ganhavam contexto. O encontro de Thaís com o médico não seria, pois, um “reflexo” do submundo? As teorias que se valiam o médico, não deram conta de receber com afetividade a mulher que Thaís permitia que lhe acontecesse. O contexto da patologização, encarnado no corpo do médico encontrando-se com Thaís no consultório médico de um hospital de Várzea de Paula, tensionou os limites do mundo para receber Thaís. As aplicações de testosterona eram verdadeiras doses de submundo que disputavam espaço no corpo de Thaís, enquanto delimitava o lugar de inteligibilidade a partir da patologia. Um corpo que só poderia ser compreendido a partir de uma doença, mas que não atingiu um patamar de “cura”. Quais traçados de submundo a conjuntura da consulta médica poderia produzir na vida de Thaís?

O tapete encobre o submundo do plano de afetos produzidos no encontro de Thaís com sua tia. Os olhares de desaprovação, o lugar de “anormalidade” que colocam aquilo que não compreendem e vão criando um corpo acuado, como veremos mais adiante, as falas duras que o desumanizam, dizem-lhe para se “esconder”, encontrar um lugar bem longe de “envergonhar” a família. Jogada à condição de “coisa” ela vê como servimo-nos do poder de hipocrisia para encobrir nossa perversão: “Conhece essa música do Chico Buarque, Geni? Geni serve pra quê? Ela é boa pelada, lá que eu posso apedrejar se eu quiser, eu posso trepar com ela se me der tesão, eu posso tudo, ela não pode nada. Ela é só uma imagem, um fetiche, uma coisa”.

Thaís explica Geni: “Uma coisa” utilizada para depositar ódio daqueles homens que a desejam. O submundo é a conjuntura do encontro do “do menino com maneirismos de mulher” com o corpo do tesão do senhor branco, que recebe o “menino” como “uma imagem”, “um fetiche” desprovido de vontades, feito para servir. O submundo é o contexto político, social e cultural que estrutura e organiza a sociedade, atua nas diversas esferas sociais e encontra no corpo, forma de se manifestar e exterminar o corpo dissidente do convívio social. O corpo antes relegado a cozinha e ao quarto, agora transita pela “subsociedade”,

acampa nos “buracos” que a recebem bem na condição de “animal” para melhor excluí-la e afastá-la da “civilidade”:

Minha adolescência chegou junto com a ditadura... Então, você, uma travesti que não tem acesso à escolaridade, porque é uma questão do bullying, sem amparo de nenhuma natureza de nenhum lado, tudo fica insustentável para a travesti. Ela vai correndo como um animal acuado. Vai achando cada buraco que aparece a sua frente e vai entrando... Então você vai perdendo o contato com a civilidade mesmo, com as questões sociais. E aí você não tem acesso a nenhuma questão que possa lembrar que você é uma pessoa, que você é cidadão? Essa é a realidade da travesti ali nos anos 1970, dos anos 1980.

Thaís explica que o submundo é alimentado pelo poder que aprisiona os corpos dos que servem e os corpos que se valem destes. A família, escola e sociedade engendram um “submundo” ao fechar determinados fluxos e trânsitos sociais para determinadas experiências corpóreas e reconduzindo as forças - debaixo do tapete – onde se é possível dissimular a hipocrisia e operar o controle no corpo dissidente, que foge por segurança, e vai adquirindo um comportamento acuado, afastado do social. Lá está o poder encarnado no homem que controla esses corpos, encontro que cria verdadeiras “trincheiras”, ocupadas por desejos de “poder” e “guerra”. Um território existencial experimentado por corpos “adversários”: “Quando você luta pelo poder é guerra, você vai gerar adversários e vai viver nas trincheiras”.

Thaís recorre a ideia de “trincheira” para refletir sobre esse território que se cria no encontro entre poderes que controlam o gênero e o corpo dissidente. O aspecto irônico desta criação, é que ao invés dela ser reservada aos corpos subversivos, ela envolve os próprios construtores: “Eles (*os homens*) são muito inteligentes, mas eles não se apercebem disso, porque eles cavam um abismo pra nós, mas eles são os primeiros a serem confinados”.

Thaís explica que era a partir da “travestilidade” que ela poderia se “vestir e paramentar-se como mulher, para a vida social”. Entendemos aqui que determinadas vestimentas e paramentações são significadas socialmente como pertencentes ao gênero feminino, e as incorporações destes símbolos, fazia

Thaís se aproximar da mulheridade que lhe convinha ao passo que era excluída dos espaços de sociabilidade. Isto porque “a sociedade não aceita isso, mas a subsociedade aceita, porque principalmente no Brasil há um sucesso muito grande”.

Onde a “subsociedade” aceita pessoas travestis? “nas esquinas na prostituição”, “então você imagina o sucesso que uma adolescente travesti fazia?”. Thaís me explicou que a partir dos 15 anos já se hormonizava e era tida como uma figura muito bela. Naquele momento estava na prostituição, entretanto “não tinha nenhum talento para prostituição, mas eu tinha muito talento para viver muita curiosidade, para aprender, tornei para mim mesma um desafio muito grande, porque eu estava na contramão de tudo aquilo”.

Para Thaís a religião contribui para o espaço de marginalidade das sexualidades não normativas, porque “Nós desenvolvemos na religião uma questão de moralidade muita equivocada”, em que a sexualidade é tomada por um “pilar da moral”, dando aval para a religião entrar no “âmbito da alcova, do íntimo, que é uma parte da sua vida particular” e determina quais sexualidades terão legitimidade e serão socialmente tidas como “normais”. Thaís então se questiona: “Quem criou essa moral?”, e responde: O que é a vida sexual? a vida sexual são atos de amor e carinho entre pares, não importa quantos são esses pares, mas a proposta é essa mesma”. Para ela, a vida sexual diz respeito a atividade sexual entre pessoas, isso independe da quantidade de pessoas que se relacionam sexualmente, se afastando de uma visão heteronormativa e monogâmica, Thaís reflete sobre as experiências sexuais socialmente marginalizadas: “Em sadomasoquismo há uma relação de consentimento, quando há consentimento não há imoralidade, as pessoas comprazem-se da dor e você precisa entender isso como um ato de amor para eles”.

Para Thaís, as atividade sexuais não normativas não podem ser compreendidas como atos de “perversão”. Ela se questiona: “Por quê nós condenamos a prostituta sendo que é o homem quem a cria?”. Para responder essas questões, ela me contou sobre um encontro que havia tido naquele dia, que lhe despertou alguns questionamentos acerca das diferenças dos trânsitos sociais entre as prostitutas e o “senhor”, “dono do cabaré”:

Hoje conheci um homem que ficou muito conhecido e ele é dono de um cabaré, de um prostíbulo. Ele é um homem tem um discurso machista, mas ele vive de serviço das moças que trabalham para ele. Elas são profissionais do sexo e trabalham para ele, isso é aceito e ele vira protótipo de homem na sociedade, todo mundo quer ver, todo mundo quer falar com ele, todo mundo quer conhecer. E essas moças que estão na casa dele e ninguém vê? Elas estão reclusas, fechadas, elas estão trancadas dentro desse contexto. O que foi que as fez ir para lá? Até onde elas foram para aquela casa e até onde elas foram levadas para lá? Não tem esse questionamento, porque tem um senhor que coloca ordem naquela casa e ele atinge o status do Senhor porque ele começa a receber homens de classe alta.

Thaís aponta para as assimetrias das relações entre o “dono de um cabaré” e as “profissionais do sexo” que trabalham para ele. Enquanto o dono recebe visibilidade e alcança status de “senhor” reconhecido pela elite que frequenta seu estabelecimento, as profissionais do estabelecimento estão reclusas em um contexto em que “ninguém vê”, não se sabe o que as fez ir para lá, nem se isso foi consentido por elas, por que há um senhor que coloca ordem naquela casa. Então Thaís se questiona “Porque a gente sustenta e mantém uma moral assim?” e responde:

Porque a gente não faz essa pergunta, nós vamos seguindo as normas que são impostas e quando surge uma pessoa como eu, que tem um corpo masculino e acha que vai ser mulher, muito embora ser mulher na sociedade machista é uma temeridade, e eu insisto e sou mulher, mesmo que seja questionável, é preciso que se crie.

A partir dos questionamentos acerca das normas impostas, Thaís reflete sobre as potencialidades das criações de corpos, sexualidades e amores. O amor é aqui (re)criado como atividade sexual a partir de múltiplas práticas que consentidas entre os corpos, dão canal para o desejo se manifestar. E reflete sobre as possibilidades de se criar o novo:

"As outras coisas são apenas diversidades da construção, possibilidades, eu sou a prova de que há possibilidades. Por exemplo, está posto que homem é o dono e a mulher é que obedece, então eu tenho um corpo masculino, eu poderia comandar e fazer com que me obedecessem. Eu inverteo as situações, ocupo o lugar da mulher e não permito que ninguém mande em mim.

Ao inverter as situações, Thaís re-cria as possibilidades de ser mulher e desestabiliza os regimes de conduta dos gêneros. A partir dessas representações, ela encontra um campo para se experimentar com outros homens:

Então existe a possibilidade que o homem veja que a mulher é muito mais igual a ele do que ele pensa, quantos homens vieram atrás de mim? da mulher que eu sou? isso também muda os homens! Porque eu tive homens que vieram até mim e que deixaram até de ser assim, o que se entende por um homem. Mas eles não deixaram de ser homens, eles continuaram a ser homens, mas o ato social deles que vai até a cama, a alcova como você quiser, mudou e muda o tempo todo. Eu não estou fazendo isso agora, estou fazendo isso quando eu tinha 15, 16, 17 anos, que eu era uma mulher muito bonita, muito elegante. Esses homens vinham atrás de mim, procuravam a mulher que representava, que era essa mulher de passarela, que era essa mulher de moda, que é uma mulher sofisticada. Ao descobrirem que essa mulher que se transformava no sonho deles tinha um pênis, a princípio recuavam, mas se tornava comum a eles, e no final eles começavam a lidar com esse pênis com muita naturalidade. Então quer dizer, eu enquanto a mulher construída que sou, desconstruí muitos homens.

Thaís explica que a partir desses encontros, pode colocar em xeque as representações sociais vigentes, ao se construir como mulher de pênis, a princípio fazia os homens recuarem, porém logo se familiarizavam e compunham com ela movimentos nos referenciais de feminilidades e masculinidades:

“os homens que tiveram comigo eles deixaram de ser homens quando eles fizeram sexo oral na minha vagina que é um pênis? Eles foram menos homens? Não, eles continuam sendo homens, apenas mais inteligentes, porque o corpo é um só um corpo, o ser homem é cerebral. Homem é cerebral, você é homem com ou sem vagina.

Para Thaís, o que vai definir o homem não é seu aparato genital, mas sim o cérebro. São nos “acontecimentos do cérebro” que Thaís encontra sua concepção de Deus, um espaço “entre”, uma tela que nós colorimos:

“Deus pode ser esses espaço que nos une e nos separa, e nós somos apenas coloridos nessa tela. Isso é Deus, esse acontecimento. Eu fico olhando esse meu cérebro. Por que quando meu cérebro começa a dar ordens, meu corpo já está pronto, eu já tenho um pênis.

As reflexões de Thaís, me levam a pensar numa concepção de Deus enquanto potencialidades de criações nos encontros. É no cérebro que ela encontra lugar para explicar sobre sua auto-criação, e compreende que o cérebro, para além de emitir informações ao corpo, ele também é movido por esse Deus, o espaço de afetações. Mas seu cérebro “não obedece ao que estava programado” e emite “ordens que seriam femininas para um corpo masculino”. Um cérebro que se interage com as emoções e possibilita processos de construções além da binariedade dos gêneros, pois a ele não importa seguir os códigos sociais, mas encontrar caminhos para fazer fluir as emoções criadoras. “De repente para você isso é muito simplório, mas eu estou aqui com a minha simplicidade, e me vejo assim, como um cérebro feminino de coordenadas femininas que por acaso tem um pênis no meio do corpo”.

Ao refletir sobre Transição, Thaís afirma: “Fico furiosa quando as pessoas perguntam: como é que foi a sua transição? Fica parecendo que eu sai na rua, me movi do lado direito para o lado esquerdo”, ela explica que é preciso se libertar do que vejo de seu corpo biológico, para receber a mulher que está diante de mim. Ela afirma que essa mulher lhe “foi chegando” enquanto ela “foi chegando com os acontecimentos dessa mulher”, ela explica:

Fui chegando junto com os acontecimentos de ser mulher, os que são possíveis, por exemplo, não fiquei menstruada, não desenvolvi mamas naturalmente, pois não tinha mecanismos hormonais para isso, mas a tecnologia me permitiu que a biologia fosse aflorando a mulher. Estou lançando mão do sistema da tecnologia para ter esses atributos de uma maneira que seria artificial, então aí eles me representam e até corresponde às minhas necessidades, minha alma feminina, enfim, eu tenho seios e eles deixam de ser discutidos, eles passam a ser como os meus pés, minhas mãos, e tudo mais, nem me lembro desses seios, a não ser que uma pessoa me faça lembrar deles, eles não são importantes, porque eu começo a ter outras questões na sociedade para me firmar como mulher, e desconstruir essa ideia de mulher, é claro, que ficar restrito a órgão atirador que te limita, você não precisa dizer nada a partir do momento que você tem a mulher que entra em cena, agora é a mulher que eu vou representar, a mulher que representa pelo seu intelecto, eu acho que seja isso, eu não me transicionei porque transicionar a gente fica transicionando a vida inteira.

Thaís incorporou tecnologias de sintetização de hormônios e próteses de silicone como forma de dar passagem para a mulher que chegava nela. Lançando mão desses instrumentos, ela buscou atributos que lhe representassem socialmente, que também correspondem aos desejos de sua “alma feminina”. A partir do momento que se delineiam novas curvas em seu corpo, ele receberá novas questões para se afirmar como mulher na sociedade. A transição não é sair de um lado e ir para o outro, mas processos de acontecimentos que se dão entre desejos, emoções, tecnologias e incorporações, no decorrer da vida.

Thaís comenta sobre as pesquisas de transplante de útero em pessoas sem útero, e reflete acerca das possibilidades de criação que a tecnologia trouxe, com isso “os corpos estão evoluindo também” e ela diz: “eu sou a prova viva disso, eu estou contribuindo no sentido de fazer um corpo que eu quero para mim”. Que se deu a partir das contradições de certas premissas sociais de gênero:

“Todo mundo falando que eu era menino, de repente eu falei ‘não sou menino, eu sou uma menina’ e pronto, eu vou desenrolar todo o meu hábito social como menina, e eu fiz e faço isso, isso é poder, muito importante, porque eu estou construindo poderes. Quando eu desenvolvo isso, eu desenvolvo também o intelecto, é uma vergê que me permite convencer. Porque como nós somos os primeiros, nós somos como os protótipos. Temos que ter arma de convencimento, assim eu falo para você que eu sou mulher e eu provo para você que eu sou mulher, porque eu começo a fazer você a ter um outro entendimento de mulher. É claro que eu quero ser sempre que ser a mulher que transforma, comecei transformando o corpo, depois eu fui transformando o meu entorno social, o entendimento de mulher tempo todo.

Então começa um movimento em “desenrolar” hábitos sociais do gênero feminino, com isso, Thaís está construindo poderes, ao passo que movimenta a inteligência para acompanhar as novas criações de ser-mulher, a partir das transformações do corpo e do meio social. Sobre as transformações do corpo, Thaís me explicou que o “corpo emocional” começa a se transformar em “carne” a partir das solicitações da sociedade, em um engendramento entre anseios, necessidades, emoções, capitalismo, sociedade, tecnologias, de maneira complexa, por isso transcrevo o trecho a seguir:

Essa carne é masculina, mas eu sou mulher, aí o que que eu faço? Eu descobri que se eu tomar um determinado comprimido, vou adquirir características que me colocariam muito mais como mulher. Então essa resposta eu estou dando aos meus anseios, as minhas necessidades, ou eu estou respondendo as necessidades da demanda capital-social? Porque eu poderia continuar sendo mulher, se nós mulheres não tivéssemos que ser apresentadas com estereótipos de mulheres ou estereótipos de homens. Nós podíamos ser só pessoas, tanto faz que roupa você veste, se chama João e que você é mulher, para mim você se chama João e você é mulher. É que nós damos muita importância a essas diferenças e nós começamos a colocar essas diferenças muito na pauta, porque ela é conveniente para quem constrói o mundo. Quem construiu o mundo é quem cria as normas, cria as

leis, essas coisas todas, são os homens. Então eles vão criando acontecimentos a favor deles, então quando eles descobrem que ele quer uma mulher de pênis, ele vai buscar ambulatórios, fábricas, para criar o que transforma esse corpo de pênis numa mulher. “Eu posso, tenho dinheiro, eu mando eu compro, então que se faça essa mulher” que sou eu! “Colocaremos prótese mamária, vamos dar hormônio para essa mulher, vamos fazer uma vagina nessa mulher”. A situação homem e mulher foi criando ambiguidades tais, que a maioria das pessoas tem medo, aversão desses órgãos reprodutores, porque foram coisas impostas a liberdade dela ou dele, a felicidade dela ou dele depende desses dois órgãos, se você tem um pênis, você pode ir, se você tem vagina, você pode aquilo, ou então você não pode por conta disso. Então esses dois órgãos eles são a chave da minha felicidade, da minha tragédia, da minha desgraça, isso tudo é possível porque são coisas que eu deixo que façam com que sejam assim! Por exemplo, eu sou do século 20, que as coisas eram muito mais complexas do que agora, e eu me ponho enquanto mulher, claro que eu vou pagar preços absurdos, desde trabalho escravo até violências de toda natureza. Eu me mantive irredutível na minha escolha, se é que eu escolhi né. E aí que entra, eu nasci assim? Eu me descobri ser assim de certa forma, é escolhido porque eu podia ter escolhido ficar escondida naquele corpo masculino, correspondendo as demandas sociais, mas eu preferi enfrentar, ir à luta e fazer as transformações que o próprio sistema me deu poder para isso.

Thaís experencia corporalmente as contradições sociais, que funda o masculino e o feminino como representações anatômicas e biológicas, retroalimentadas por uma visão cultural, que inscreve na carne o local de distinção das diferenças de gênero. Mas este mesmo sistema social que categoriza, examina, controla e pune os corpos dissidentes, também oferece tecnologias que Thaís incorporou em seu processo de criação. Acontece que por existir dentro desse plano de afetações, retroalimentados por uma lógica binária de mundo, em algum momento de seu percurso, ela compreendeu que precisaria

lançar mão dos recursos tecnológicos para exprimir socialmente o a emoção que lhe acontecia quando as forças lhe atravessavam.

Thaís era mulher, antes de qualquer intervenção social, pois enquanto recebia o mundo, como forças intensivas em sua pele, algo se movia, tirava-lhe de si e os reflexos lhe vinham como forças que tomavam seu corpo, em movimentos na carne, de “trejeitos”, “maneirismos”, algo que passava em seu corpo e que transpassava para as pessoas, de formam que elas não compreendiam, de fato, não havia como utilizar as categorias *a priori* para conceber o que se engendrava nas emoções de Thaís.

As representações lhe chegaram no momento em que a sociedade pedia “provas”, para além das incorporações de próteses e hormônios, Thaís vibrou as forças que lhe acorrentavam, construindo recursos discursivos para trazer canal de expressão de suas experiências corpóreas, provocando a própria desestabilização da linguagem do gênero, numa pequena cidade do interior de Minas Gerais. Então seguiu ao mundo, recebendo as ofertas lhe possibilitaram dar passagem, para que a mulher que se experimentava no campo das emoção, ganhasse cada vez mais contornos que possibilitassem seu reconhecimento social.

Thais elabora acerca de um campo das emoções que cria o gênero nos encontros sociais. Aqui o gênero é um processo de construção e negociação com as forças dos encontros, uma invenção da emoção, que extrapola as representações dadas e procura canais de expressão, posições que deixem fluir, mais ou menos, aquilo que lhe chega. Para Thaís o gênero imposto não lhe serviu. Não lhe permitiu canal de expressão para o que acontecia em seu encontro com o mundo, com os meninos, com o médico, com a tia. Por isso teve que criar, no engendramento das emoções que lhe impulsionavam a buscar mundo, buscar corpo, transcender a Deus, reivindicando para si mesma a condição de criadora.

Para além dos hormônios, das próteses, das emoções e reflexos, Thaís compreende que ser mulher está além. Está no que sai da pele, no que exala da superfície e afeta. Thaís é mulher nos encontros, no cérebro, no corpo e na alma.

“As vezes quando eu vou andar na rua, que vem uma pessoa cega, eu já estive nessa experiência, eu peguei na mão dele e falei: eu posso te ajudar? ele respondeu: pode sim senhora. O nosso corpo fala de nós, o que a gente emana, sua voz, todas essas coisas falam de você, atestam quem você é. E quando o cego não me pergunta se eu sou mulher e me chama de Senhora, é porque eu tenho muito de senhora. Isso é uma coisa muito interessante, porque então ser mulher é realmente muito além de uma vagina, é toda uma conjuntura. E essa conjuntura vai te impregnando, ou você vai se impregnando de mulher. E aí qualquer coisa mais ou menos desse gênero vai acontecendo, e aí quando você está impregnado, você exala mulher. Eu exalo a mulher que sou, como é que o cego me tratou como a senhora? como mulher? Eu estava exalando esta mulher.

4.5 SUZY MUNIZ: MÃE DE SI MESMA

Conheci Suzy Muniz em agosto de 2016, quando ela chegou à Casa Florescer. Era estudante do programa Transcidadania e estava concluindo o ensino médio. Nesta época, ocorriam as oficinas do projeto Florescer Cultural e fui me aproximando de Suzy nos encontros do cineclube, que ocorriam às quintas-feiras a noite. Era muito interessante a mudança da dinâmica da casa nesse período.

De manhã diversos fluxos iam movimentando a Casa, algumas moradoras se aprontavam para a escola, outras tomavam seus cafés ouvindo música ou assistindo TV, no andar de cima conversavam no salão, tomavam banho, se arrumavam. A tarde tinha menos fluxos, era o momento que algumas moradoras se organizavam para estudar, era o período que costumeiramente Edilene e eu realizávamos os atendimentos. Algumas tardes sentava no sofá da sala de entrada e sentia-me que outro fluxo me chegava. Era quando sentia-me visita, saía do Centro de Acolhida, o equipamento que as abrigava, para ser recebido na Casa Florescer, um espaço que faziam moradia. Nessas conversas,

falávamos sobre a vida, os namoros, as amizades, as dificuldades com o abuso de droga e eu ia me compondo com esses convites.

Já a noite era mais silenciosa, menos iluminada e com menos movimentos. Muitas estudavam no período noturno e só chegavam depois das 23h. As que ficavam na casa geralmente se reuniam na sala, assistiam TV, ou ficavam em seus quartos. Então às quintas-feiras a noite, passei a encontra-las e outros fluxos passaram a ocorrer. Na cozinha preparávamos chá e pipoca enquanto era preparada a sala, com as cadeiras e almofadas em volta da TV. Depois do filme, formávamos uma roda para conversar sobre os afetos que surgiram.

Foi nestes encontros com o aconchego das almofadas e do chá quente, que fui conhecendo Suzy e um pouco da sua história, um dia estávamos conversando sobre o corpo e como a binariedade excluía outras possibilidades corporais. Ela me contou que com 18 anos seu corpo era recebido com ambiguidade pela sociedade, segundo ela, tinha uma corporalidade “andrógina” e isso atraía ainda mais os olhares das pessoas. Quando começou a se harmonizar e se aproximar das características tidas como femininas, ela percebeu que diminuiu essa vigilância social.

Suzy está com 27 anos, nasceu no interior do Maranhão, na cidade de Rosário e ainda quando criança se mudou para Santa Rita, uma cidade com cerca de 35 mil habitantes, onde passou toda sua infância “vivendo como uma criança que não sabia bem quem era”. Ela reflete “Eu não me encaixava nos padrões que diziam quem eu era, mas eu não conseguia me definir”. Essa incompreensão sobre si acontecia quando lhe impunham determinado padrão que não condizia com sua vontade:

Eu tinha vontade de ter meu cabelo grande, e aí não podia, porque quando o meu cabelo estava de um determinado tamanho, minha mãe mandava cortar, eu falava que eu não gostava, mas “aí cabelo grande não é coisa de menino”, E aí você não entendia, porque qual argumento você tem ali? “mas eu não me vejo como os outros meninos”, E aí? Eu não gostava de roupas de meninos e isso me incomodava, incomodava minha família, mas eu não sabia porque eu não entendia, eu era muito jovem. Então essa

falta de entendimento também faz com que as angústias só cresçam na gente.

Suzy não compreendia porque não podia ter o cabelo grande ou usar roupas de menina. Algo corpóreo lhe ocorria, que a fazia experienciar vontades que não condiziam com os padrões que estavam ali estabelecidos. Ela relembra que não gostava de comprar roupas: “eu não gostava de escolher porque não era a roupa que eu queria vestir, isso desde pequeno, então me causava um desconforto muito grande”, era impelida a vestir-se com representações que não expressavam suas vontades. Com isso, ela reflete: “Eu nunca me encaixei nos padrões que diziam quem eu era, eu nunca me senti confortável nisso, mas eu não conseguia me definir, porque eu não tinha conhecimento nenhum sobre o assunto...”. Enquanto não conseguia se definir, experienciava com desconforto vestir-se como menino e atuar socialmente de acordo com essas expectativas.

O desconforto de ser impelida a se vestir e comportar como menino, fazia com que ela não se sentisse presente, como se as forças e afetos que circulassem nos ambientes, não lhe afetassem. A maneira como incorporava suas vontades, não tinham ressonância no ambiente: “Então tudo aquilo que as pessoas falam de você ou para você soa estranho, parece que você não tá, parece que não é você que está no ambiente, você não vive uma vida sua”. Suzy elabora acerca dos modos de relação humana que visão a reprodução dos modos de vida, em regime de assujeitamento: “Era muito nítido que a vida que eu vivia não era minha, eu vivia conforme meus pais falavam, minha família falava, meus amigos, mas não era minha vida”.

Suzy sofria com o treinamento dos corpos, sendo impelida a reprodução de uma hegemonia e a regularização dos papéis sociais. Como resposta as estratégias de normalização, o medo lhe impeliu a ações que não desejava, a calou diante da sensação do errado: “Teve uma época da minha infância que eu evitava falar com os meus pais, porque eu ficava com medo deles fazerem uma pergunta e eu não ter como dar a resposta, eu ficava com muito medo mesmo, e eu acho que eles não perguntava com o medo de ouvir a resposta”. O medo, como afeto biopolítico, de controle dos corpos, foi se ligando de forma plástica as emoções engendradas em Suzy, a separando de sua capacidade de agir. A calando diante das forças que lhe impedia de viver “parece que não é você que

está no ambiente, você não vive uma vida sua, eu tinha muito isso, era muito nítido que a vida que eu vivia não era minha, eu vivia conforme meus pais falavam, minha família falava, meus amigos, mas não era minha vida.”

Uma resistência começa a ser traçada, quando Suzy não sucumbe ao adestramento e no jogo com essas forças normativas dos papéis de gênero, começa a traçar um fora: “Descobrir é entender, porque assim, eu sabia quem eu não era, mas eu não sabia quem eu realmente era porque eu ainda não tinha conhecimento da causa. Isso é muito comum, você sabe quem você não é, eu estava fora dos padrões que diziam quem eu era, mas eu não conseguia me definir”. Nesse ato de resistência aos padrões, ela se descola e cria um território não definido, fora-dentro dos jogos de poder. Deleze (2006, p.104), elabora sobre esse movimento de resistência da subjetividade, que permite se descolar dos códigos sociais e traçar uma linha de fuga, dentro das dinâmicas do poder: “animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora”. Criando um fora, dentro dessas forças de controle dos gêneros, Suzy começa a traçar materialidades corpóreas no encontro com masculinidades, como ela elabora:

“Eu nunca me tratei no masculino quando criança, me lembro que rolou uma treta lá em casa os meus primos, eu devia ter uns 13 anos, eu estava discutindo essas questões de gênero, sexo, mulher, homem, sobre isso. E aí eu falava assim: ‘É porque vocês homens, porque vocês homens, porque vocês homens’. E aí um primo meu falou: ‘vocês não, nós, você também é homem’. E aí foi que eu me toquei, que eu nunca havia falado em nós, colocava eles como outras pessoas, como outro gênero”.

No interior dos jogos de forças que a impelia a performar papéis masculinos, Suzy torce a lógica normativa e a redobra como fenômeno de diferenciação incorporado. Outro fenômeno importante para seu descolamento às normas do gênero, foi em um encontro que teve com a fala de uma vizinha: “Você vai crescer, vai virar um homenzão alto, vai namorar pencas de meninas na cidade”, no encontro com essas forças que se traduziam em expectativas,

Suzy começa a compreender o que estava arquitetado para seu futuro: “E aí que começou a dar o estalo, é isso que vai acontecer no final das contas. Começou a dar o desespero, eu não queria me transformar numa figura que eu não queria”.

No confronto com as expectativas, surge a angústia que instabiliza os territórios, lhe permitindo questionar, resistir e criar: “Eu sempre fui muito criativa e muito curiosa, desde cedo eu queria entender e para mim a explicação que davam não fazia sentido”. O que se movia nela, não era explicado pelas expectativas de seus primos, ou de sua vizinha. Para ela, a cantora Cher era diferente das outras mulheres, ela se identificava com essa diferença ela imaginava “Um dia eu ia ficar igual Cher, eu ficava pensando quando meu cabelo ia crescer que nem o da Cher, isso com meus oito anos, eu acreditava que um dia em uma determinada época da minha vida, tudo ia mudar”.

O que estava formando seu mundo era o próprio movimento da desterritorialização, que buscava se reterritorializar em busca de matéria de expressão. Agenciada com esses afetos, ela negocia com os territórios que se desmancham, pois perdem o sentido, já não lhe afetam. Um movimento de incorporação começa a ocorrer, ao passo que ela reterritorializa seu corpo, provocando novos canais de expressão de sua subjetividade: “Com os meus doze anos, meu pai me pegou vestindo uma blusa feminina, eu tinha colocado umas meias para fazer um peito, queria ver como ficava, era de madrugada. Eu estava de frente ao espelho, eu falei “nossa que legal”.

Era preciso experimentar, era preciso ultrapassar as fronteiras que haviam lhe imposto, esse movimento entre os afetos que lhe chegavam e como ela afetava a si própria, foi engendrando movimento de criação de novas corporalidades, acopladas a meias, blusas, que lhe davam relevo, deslocava as zonas de intensidades, para lugares que lhe permitiam mover os códigos que lhe coagiam. Foi quando ela sentiu a necessidade de transitar novos mapas, sair de sua cidade em busca de expansão dessas corporalidades, que lhe chegavam com alegria:

“Eu precisava conhecer o mundo, a coisa que eu mais gritava era que eu não podia ficar mais ali, eu não tinha condições para ficar ali, eu não me via existindo naquele lugar, eu não aguentava mais estar naquela situação: estar naquele lugar, daquele jeito,

daquela maneira. E aí eu decidi vir embora para São Paulo, com a cara e com a coragem”.

Suzy se liberta então do medo, já não era possível reproduzir os papéis sociais tendo uma força movente que que lhe arrasta para fora destes territórios, aos poucos ela foi compreendendo as determinações sociais e suas mutações. Começa a refletir sobre “como a sociedade que está em volta funciona” e elabora:

“Isso foi libertador de todas as formas, eu comecei a entender como é que funcionavam as coisas, como algumas coisas eram geridas, como as ideias mudam dentro do período da história”.

Com a incorporação dessa ideia, foi possível se libertar das amarras que aprisionavam seu corpo, Suzy foi desfazendo as inteligibilidades sobre si e começou a desatar as amarras que aprisionavam seu corpo:

“Isso me libertou em mim, para eu entender que esse corpo que diziam não ser meu, é meu, como todas as partes dele são minhas. cultivo aquilo que eu quero, que me ajude, que me auxilie”.

Essa liberdade que lhe permitia pensar seu corpo fora das linhas rígidas de controle dos gêneros, lhe impulsionou a procurar mais canais de expressão para seus “trejeitos femininos”. Com dezoito anos começou a trabalhar no Centro de Referência e Defesa da Diversidade, onde se encontrou com outras mulheres transexuais. Estes encontros foram fundamentais para que ela seguir adiante com as modificações corporais. Agora conheceu um território possível de expressão destes afetos. Quando começou a participar do movimento social organizado, adquiriu nomenclaturas que iam de encontro com sua experiência, como ela reflete: “Criei coragem, porque coragem é quando você tem medo mas mesmo assim você faz, isso é coragem. Comecei a me empoderar da causa e comecei a entender o que era transexualidade, quem eu era, eu me achei.

A partir da compreensão da transexualidade, Suzy se permitiu adentrar esse território e incorporar novas formas de se relacionar com si e com o mundo,

novos relevos e emoções iam desenhando algo por vir: “Foi na parada do orgulho LGBT que eu comecei a usar roupa feminina, coloquei uma peruca, me maquiei e essa parada para mim teve um significado muito importante”.

Seu desejo passava a ser materializado, não só em “trejeitos”, mas numa corporalidade que dava espaço para criação de si. Esse corpo que resistiu as totalidades, pode diferir, mutar-se e atualizar-se em relação com as forças de “si para si”, dentro dessas tramas entre jogos de força que provocou desmanchamento de mundos, para que um espaço de liberdade lhe possibilitasse o engendramento de novos mundos:

Eu amo a minha liberdade. Eu nasci novamente, porque eu aprendi a nascer. Eu tive que me parir, sou mãe de mim mesma! Eu reconstruí a minha personalidade, escolhi meu nome, mudei meu corpo, troquei minhas roupas, tomei os meus remédios. Eu me pari aqui.

Ao refletir sobre o que é transição, Suzy diz ser “um processo de descobrimento”, que de acordo com sua experiência, foi ocorrendo à medida que ela foi se afetando com as expectativas que lhe atravessavam. A forma como afetava a si própria, lhe distanciava das padronizações, o que lhe movimentava, a criar novas corporalidades que dessem conta que potencializar seu desejo: “fazer com que eu me visse por fora, como é que eu me via por dentro”. Nesta dinâmica “dentro-fora” das normas regulatórias, ela pode se valer dos códigos sociais como campo de afetações e resistências, que lhe moviam a criar outros “fora”, para isso, Suzy foi “transformando fora, para se aproximar do eu que sou, eu nunca quis me padronizar”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta dissertação, revisito as inquietações que a originaram para traçar os caminhos que percorri, dos quais foi desenhando a cartografia, ao mesmo tempo que foi dando forma às inquietações. Meu ponto de partida, foi o encontro com Evellyn, que chegou ao serviço procurando auxílio para ingressar no processo Transexualizador do SUS. As pessoas que a atenderam não acreditavam que ela fosse travesti, não eram sensíveis às múltiplas formas de criação do gênero. O encontro com Evellyn provocou uma torção nos meus sentidos, me movendo para criar canais que dessem passagem para os afetos que chegavam.

Na primeira parte da Dissertação, percorri uma trajetória teórico-conceitual em busca de respostas às indagações colocadas: Como a emoção pode mover para dar canais de expressividade material? Que outros corpos são estes? Por quais caminhos eles se materializam? Onde está esse movimento do desejo? Como ele cria o real social? Encontrei-me com alguns pensadores que se dedicam a pensar sobre o corpo, gênero e emoção, em busca dos conceitos que me ajudaram a navegar pela experiência.

O objetivo central desta cartografia foi mapear os afetos que foram produzidos no encontro, e como esses encontros produziram acontecimentos que faziam o corpo escapar das linhas duras que conservavam o gênero. Para isso, fui desenhando um mapa da criação da Casa Florescer, descrevendo e analisando os efeitos dos encontros que potencializaram as criações entre travestis e mulheres transexuais.

Todas as singularidades aqui presentes se diluíram ao longo dos encontros, provocando agenciamentos coletivos de enunciação. Recebi as forças que me chegaram com afetividade e um plano comum foi sendo traçado. Meu corpo se encontrou com o de lanca e seu vigor de criação,

Evellyn com a potência de afetar e ser afetada, Thaís que deixou refletir em sua pele as emoções, todos os passeios, os encontros, os processos artísticos e criativos, foram produzindo agenciamentos coletivos em um plano de imanência que dissolveu a possibilidade de autoria do que foi criado no encontro, todos são criadores.

Os encontros com Evellyn me levaram para um outro campo de experimentação, os olhos não importavam a não ser em suas qualidades de irradiação de forças que compunham com as minhas, construindo plano de imanência para incorporação de novas corporalidades.

Samanta, com suas cores e vibrações rítmicas, provocava flutuações na densidade atmosférica, me transportando para fora do meu eu. Ela estava espalhada por todo o centro de acolhida, podia sentir seu corpo escorregar entre as pinturas, deixando rastros do que passou. Os retalhos agenciavam outros corpos inaudíveis. Ela era muda e analfabeta, falava pelas intensidades de seu corpo, pelas cores e brilhos que formavam um grande corpo-Samanta-tecido, diluído em todos os cantos, mudava as vibrações com os tintilares que ressoavam de suas medalhas.

Em meio a tantas outras pessoas em situação de rua, Samanta agenciava linguagens contagiadas de sonoridades, tintilares, cores e espessuras, se fazia em tudo.

Thaís Azevedo, que nasceu em 1949, em uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, não sabia que existiam pessoas travestis, nunca havia ouvido falar sobre essa possibilidade. Então, ela mesma colocou seus motores para fabricar o que “estava fora” daquela cidade. Os afetos que lhe chegavam, faziam o corpo emocionar, o que fazia mover reflexos em sua pele, “passagens dessa mulher” em matérias corpóreas. Expressava a mulher que se movia nela no encontro com seus primos. Experiências que fizeram aflorar em si o desejo de ganhar corpo, ter mais massa de expressão, então foi em busca de novos horizontes.

Esses horizontes também traziam submundos encobertos pelo tapete. Penso que o submundo é esse plano de imanência do qual o poder e o controle agem extraíndo a potência do corpo controlado, impedindo-o de se expandir em agenciamentos. É o campo relacional que surge no encontro entre corpos estranhos e faz circular forças intensivas de poder, que ao mesmo tempo que controla o produz, faz corpo quieto, interrompe o fluxo dos desejos.

Foi preciso se criar! se ver fora dos consultórios médicos, fora da casa dos pais, fora da casa da tia, fora da sociedade, para que emergisse Thaís, reterritorializando cada pedaço de sua carne, que se ia (re)territorializando a partir das incorporações de próteses e hormônios. O gênero se emaranha ao sistema capitalista e pode extrair dele a potência para traçar o “fora”, pelas linhas de fuga e desterritorialização.

Um grande “fora” se dobrou para dentro da cidade em 2016. Forças intensivas de corpos Travestis e Transexuais no encontro com os corpos dos trabalhadores da Assistência potencializaram a moção do próprio corpo da cidade para criação da “Casa Florescer”, uma grande máquina desejante produzida por agenciamentos coletivos dos desejos.

Na segunda parte da dissertação, vou tecendo uma narrativa da experiência de criação da Casa Florescer. Acompanho seus movimentos de composição no encontro *entre* trabalhadores e moradoras, vou traçando linhas pelas experiências vividas que foram produzindo ruídos de um campo das emoções inventor de outras corporeidades. Encontros que produzem possibilidades de novas leituras sobre velhas superfícies de inscrição dos gêneros.

Como criar para si um corpo que vibra sensível as intensidades presentes no campo, capaz de se ligar aos afetos e provocar novas experimentações corpóreas? Concordo com Sueli Rolnik (1989), quando elabora acerca do corpo-vibrátil, com capacidade de habitar o ilocalizável

e aguçar a sensibilidade com um próprio fator de a(fe)tivação. Somos capazes de cambiar densidades em uma tremulação contínua. Do poder de afetar e ser afetado decorre uma espécie de revigoração que o corpo que experimenta um estado de graça.

São as sutilezas dos desvios que produzem novos corpos em diálogo. Um canal de inteligibilidade para novas corporalidades é performado na emoção que engendra um plano de imanência para se materializar, move a própria carne, que experimenta “trejeitos”, ou “reflexos” como me ensinou Thaís.

Apesar das linhas demasiadamente duras, que se agarram ao corpo, sedimentando, estruturando e operando codificações, há linhas de beleza em acontecimento, operando curvas, dobras e desvios, traçando os foras, criando o mundo. Seja Thaís, por sua habilidade de “ver-se de fora” e conseguir desatar os nós que prendiam seu corpo em visualidades que não lhe comportavam. Ou Suzy, com a sensação de “não ta” no ambiente. Onde ela estava? Que vida estava sendo vivida? Não era a dela.

Suzy aprendeu a nascer, pariu a si mesma, deu vida para o que estava amortecido, criou a si própria. É preciso que se crie! As engrenagens do sistema estão demasiadamente duras, rígidas e frias, maquinando um submundo vampirizador, que esvai toda a potência da vida. Muitas travestis continuam sem teto, submetidas a todas adversidades da rua. Caminham contra o vento, a fome e a morte nessa selva de pedras.

É preciso criar mais casas, fazer mais espaços de casa, ser casa em seu corpo. Como diz Carú, amigo fazedor de vida, é preciso **OCUPAR CORPO**, se reconhecer, para nos reconhecermos, nos (re)corporificarmos. É preciso abalar as estruturas que nos sedimentam e nos prendem em corporalidades restritas, experimentar-se.

Você já experimentou uma sensação de estar “fora”? Como aquele momento em que você está viajando e depara-se com algo estranho, algo que você nunca tinha visto antes? Já chegou perto de uma borboleta e se perdeu por suas cores vibrantes no ar? Ou sentiu as gotas que escorrem das folhas depois de uma tarde de chuva? Já pisou na areia e sentiu ela compactando a Terra?

A vida é uma experiência incrível quando há criação, há muitos lados de dentro dos lados de fora da experiência. Ela está em constante movimento, em processo indeterminado de mutação, por isso toda cartografia é temporária. Os mapas mudam, as direções se desfazem e os ventos continuam assoprando a paisagens, tudo é provisório, inclusive a realidade, tal como é forjada.

O corpo tem uma capacidade incrível de cambiar afetos e emoções na criação de territórios invisíveis a olho nú, mas que é possível tatear a partir de um fator de a(fe)tivação. Para além de uma teoria, é uma prática de experimentação de intensidades e frequências que vibram na pele, e nos joga para fora dela.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015., p. 131-149.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. Pista 3, p. 52-75.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; BRASIL, Vera Vital. Cartografia de um trabalho socioanalítico. In: BARROS, R. D. B.; RODRIGUES, H. B. C.; SÁ LEITÃO, M. B. (Org.). *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 228-248.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense: 2008.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Estudos feministas**, p. 569-581, 2012

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

Deleuze, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5**. Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Editora 34, 1997.

DELEUZE, GILLES; GUATTARI, FÉLIX. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34. 2001

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *que é a filosofia?*, O. Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DEPRAZ, Natalie. Delimitación de la emoción. Acercamiento a una fenomenología del corazón. **Investigaciones fenomenológicas**, n. 9, p. 39-68, 2012.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997. v. 1.

Guattari, Felix, and Gilles Deleuze. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Editora 34, 1995.

Guattari, Felix, and Gilles Deleuze. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Editora 34, 1995.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**. São Paulo : Brasiliense, 1982.

MATURANA, Humberto R. et al. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

PASSOS, Eduardo., BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015b. p.32-51.

PASSOS, Eduardo.; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015a. Pista 6, p. 109-130.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Limites, traduções e afetos: profissionais de saúde em contextos indígenas. **Mana**, v. 18, n. 3, p. 511-538, 2012.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições. 2014.

ROCHA, Jerusa Machado; KASTRUP, Virgínia. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. **Psicologia em estudo**, v. 14, n. 2, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian.; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 299-322, mai-ago. 2013.